

EDJÔFRE COELHO DE OLIVEIRA

**O *BULLYING* NA ESCOLA: a visão de professores e alunos do Ensino
Médio de São João do Piauí – PI**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação

Orientador: Emmanuel Sabino

Lisboa
2013

EDJÔFRE COELHO DE OLIVEIRA

**O *BULLYING* NA ESCOLA: a visão de professores e alunos do Ensino
Médio de São João do Piauí – PI**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação no curso de Mestrado em Ciências da Educação conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Professor Doutor Emmanuel Sabino

Co-Orientadora: Professora Doutora Ana Benavente

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação

Lisboa
2013

Mais uma vez

Mas é claro que o sol
Vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei...
Escuridão já vi pior
De endoidecer gente sã
Espera que o sol já vem...
Tem gente que está
Do mesmo lado que você
Mas deveria estar do lado de lá
Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar...
Tem gente enganando a gente
Veja nossa vida como está
Mas eu sei que um dia
A gente aprende
Se você quiser alguém
Em quem confiar
Confie em si mesmo...
Quem acredita
Sempre alcança...
Mas é claro que o sol
Vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei...
Escuridão já vi pior
De endoidecer gente sã
Espera que o sol já vem...
Nunca deixe que lhe digam:
Que não vale a pena
Acreditar no sonho que se tem
Ou que seus planos
Nunca vão dar certo
Ou que você nunca
Vai ser alguém..

Renato Russo e Flávio Venturini

DEDICATÓRIA

À minha mãe, por suas preocupações, dedicação e amor constantes. A meu pai, por sua grandeza de saber viver bem. Às minhas irmãs, por sua presença indispensável e seu carinho imensurável. Aos meus cunhados, pelo bem que fazem aos meus. Aos meus sobrinhos, pela alegria de me fazerem feliz.

AGRADECIMENTOS

Não foi fácil chegar aqui. Muitos tropeços, muitas angústias e muito suor derramado pela única certeza de vencer.

Aos meus pais, semente de tudo em minha vida.

Às minhas irmãs, cunhados e sobrinhos por me proporcionarem a alegria de uma família unida em espírito, embora separada geograficamente.

Aos meus poucos amigos, por acreditarem que eu podia ir além de mim mesmo.

Aos meus muitos colegas, por despertarem em mim o desejo de ir além de mim mesmo.

Aos grandes professores do mestrado que conduziram com maestria as discussões e pesquisas.

Aos colegas de turma, pelas trocas de angústias.

Aos envolvidos na pesquisa, pela disponibilidade em contribuir.

Aos meus orientadores, Professor Doutor Emmanuel Sabino e Professora Doutora Ana Benavente, pela generosidade e paciência.

Aos muitos alunos que já sofreram, sofrem ou sofrerão algum tipo de *bullying*.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto de estudo a percepção de professores e alunos de escolas públicas estaduais do município de São João do Piauí em relação ao *bullying* escolar entre alunos do ensino médio. O tema *bullying* tem sido estudado largamente nos campos da Educação, Psicologia e Direito, entre outros, referindo-se a atitudes hostis, agressivas e mesmo violentas que sistematicamente ocorrem nas relações interpessoais em contextos grupais. O interesse do pesquisador pelo tema decorreu do fato de que, na atualidade, muitos comportamentos de alunos por conta do *bullying* afetam o processo de ensino e aprendizagem e a vida social de crianças e adolescentes em idade escolar. Como coordenador pedagógico percebia que alguns pais o procuravam para conversar sobre os filhos que apresentavam resistência a irem para a escola, devido a experimentarem mal-estar, medo e sérias dificuldades na relação pessoal com seus colegas. Sentiam-se vítimas de zombaria, humilhação, ameaças, dentre outras hostilidades e agressões, que provocavam necessidade de ajuda. Como professor do ensino médio, percebia também a ocorrência desse fenômeno em alguns adolescentes no ambiente escolar, o que causava a preocupação que o motivou a realizar esta dissertação. A pesquisa pretendeu contribuir com seus resultados para que estudantes e profissionais dos campos da Educação e Psicopedagogia ampliem as reflexões sobre o tema e, ainda, discutir possíveis intervenções que possam prevenir ou minimizar o efeito do *bullying* escolar. Definiram-se como objetivos a serem alcançados analisar, no âmbito teórico, os temas socialização, atitudes, crenças, preconceitos sociais, formação da personalidade moral, *bullying* e educação moral e realizar pesquisa empírica sobre a percepção de professores e posicionamento de alunos sobre o *bullying* escolar. Optou-se pela pesquisa metodológica empírica de base qualitativa, utilizando a entrevista por questionários como instrumento para coleta de relatos, que foram interpretados com base na técnica de análise de conteúdo em sua dimensão qualitativa. Como resultado, verificou-se que o *bullying* está associado, em parte, a preconceitos sociais, a dificuldades decorrentes da formação moral de personalidades ligadas à fragilidade de modelos sociais encontrados no âmbito familiar e social. A pesquisa empírica revelou que os professores que dela participaram conheciam o problema, sabiam identificá-lo à luz dos parâmetros científicos e consideravam como causa a baixa autoestima das vítimas ou até mesmo dos agressores, o aprendizado de modelos agressivos oriundos das próprias famílias e o desejo do agressor de fortalecer o poder no âmbito grupal. Percebiam que as escolas costumavam intervir em relação ao *bullying* conversando a respeito em sala de aula, informando aos responsáveis sua ocorrência ou sugerindo intervenção de psicólogos primordialmente clínicos. Poucos participantes fizeram alusão ao trabalho de educação moral com objetivo preventivo, visando formar personalidade, atitudes morais e éticas favorecedoras do ajustamento e de melhores convivências sociais como alternativa para evitar o *bullying*.

PALAVRAS-CHAVE: *bullying* escolar, percepção de professores, educação moral, ensino médio.

ABSTRACT

This research aimed to study perceptions of teachers and students from state schools in São João do Piauí in relation to bullying school among middle school students. The theme of bullying has been studied extensively in the fields of Education, Psychology and Law, among others, referring to attitudes hostile, aggressive and even violent that systematically occur in interpersonal relationships in group contexts. The researcher's interest in the subject stemmed from the fact that, currently, many behaviors of students because of the bullying affect the process of teaching and learning and social life of children and adolescents of school age. As a pedagogical coordinator felt that some parents sought to talk about the children who showed resistance to going to school due to experience discomfort, fear and serious difficulties in personal relationships with their peers. They were victims of ridicule, humiliation, threats, harassment and aggression among others, causing need for help. As a high school teacher, also noticed this phenomenon in some teenagers in the school environment, which caused the concern that motivated him to make this dissertation. The research aimed to contribute with their results so that students and professionals from the fields of Education and Psychology broaden the discussions on the topic and also discuss possible interventions that could prevent or minimize the effect of school bullying. Were defined as goals to be achieved to analyze, in theory, socialization issues, attitudes, beliefs, social prejudices, the formation of moral personality, bullying and moral education and conduct empirical research on teachers' perception and positioning of students about bullying school. We opted for the empirical research methodology qualitative basis, using the interview questionnaire as a tool for collecting stories, which were interpreted based on the technique of content analysis in its qualitative dimension. As a result, it was found that bullying is associated, in part, the social prejudices, the difficulties arising from the moral formation of personalities linked to the fragility of social models found in the family and society. Empirical research found that teachers who participated were aware of the problem, identify it knew the light of scientific parameters and considered how it causes low self-esteem of the victims or even perpetrators, the learning of aggressive models from their own families and the desire of offender to strengthen the power within the group. They realized that the schools used to intervene in relation to talking about bullying in the classroom, responsible for informing their occurrence or suggesting involvement of primarily clinical psychologists. A few participants alluded to the work of moral education with the goal of prevention, in order to form character, moral and ethical attitudes that favor adjustment and better social cohabitation as an alternative to prevent bullying.

KEY-WORDS: school bullying, perception of teachers, moral education, high school.

LISTA DE SIGLAS

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência

ALEPI – Assembleia Legislativa do Estado do Piauí

CC – Código Civil

CF – Constituição Federal

CP – Código Penal

EE1 – Escola Estadual 1

EE2 – Escola Estadual 2

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96

MG – Minas Gerais

PSB – Partido Socialista Brasileiro

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro número 1. Tipos de fóruns <i>on-line</i>	36
---	----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 respostas dos docentes à pergunta 1	60
Gráfico 2 respostas dos docentes à pergunta 2	60
Gráfico 3 respostas dos docentes à pergunta 3	61
Gráfico 4 respostas dos docentes à pergunta 6	63
Gráfico 5 respostas dos docentes à pergunta 8	65
Gráfico 6 respostas dos docentes à pergunta 9	65
Gráfico 7 respostas dos docentes à pergunta 10	66
Gráfico 8 respostas dos discentes à pergunta 1	69
Gráfico 9 respostas dos discentes à pergunta 2	69
Gráfico 10 respostas dos discentes à pergunta 3	70
Gráfico 11 respostas dos discentes à pergunta 4	70
Gráfico 12 respostas dos discentes à pergunta 5	71
Gráfico 13 respostas dos discentes à pergunta 6	71
Gráfico 14 respostas dos discentes à pergunta 7	72
Gráfico 15 respostas dos discentes à pergunta 8	72
Gráfico 16 respostas dos discentes à pergunta 9	73
Gráfico 17 respostas dos discentes à pergunta 10	73

ÍNDICE

EPÍGRAFE	1
DEDICATÓRIA.....	2
AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO	4
ABSTRACT	5
LISTA DE SIGLAS	6
ÍNDICE DE QUADROS.....	7
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	8
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I. BREVE HISTÓRICO SOBRE O <i>BULLYING</i>.....	20
1.1 Origem do termo.....	20
1.2 Contextualizando o fenômeno.....	21
1.3 Reflexos da cultura no ambiente escolar	24
CAPÍTULO II. AS RELAÇÕES E O PROCESSO EDUCATIVO	25
2.1 Conceito de relação	25
2.2 A ética nas relações	26
2.3 O sistema capitalista e as práticas de <i>bullying</i>	27
CAPÍTULO III. O FENÔMENO <i>BULLYING</i>.....	29
3.1 Conceito de <i>bullying</i>	29
3.2 Conceito de violência	31
3.3 Tipos de <i>bullying</i>	33
3.4 Os diferentes papéis do <i>bullying</i>	37
3.5 Consequências da prática do <i>bullying</i>	39
3.5.1 Consequências para a vítima	39
3.5.2 Consequências para o agressor	41
3.5.3 Consequências para as testemunhas.....	42
3.5.4 Consequências para o ambiente escolar	42
3.6 Alguns casos de <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> divulgados pela mídia.....	43
CAPÍTULO IV. O <i>BULLYING</i> ESCOLAR: CONTROLE, LIMITES E LEIS	47
4.1 A escola e os controles sociais	47
4.2 Limites na democracia e omissão familiar.....	49

4.3 O <i>bullying</i> e as escolas.....	52
4.4 Os perigos da exposição ao <i>bullying</i> escolar	53
4.5 O <i>bullying</i> e a legislação	54
CAPÍTULO V. A PESQUISA DE CAMPO.....	56
5.1 O <i>bullying</i> na visão do docente	59
5.2 O <i>bullying</i> na visão do discente.....	68
CAPÍTULO VI. RECOMENDAÇÕES A PAIS E EDUCADORES	75
6.1 O papel da escola	76
6.2 O papel da família.....	79
6.3 O papel dos alunos.....	81
6.4 Indicadores do estar sendo alvo de <i>bullying</i>	82
6.5 Possíveis sinais de alerta para identificar um <i>bully</i>	83
6.6 Família e escola trabalhando juntos no combate ao <i>bullying</i>	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
APÊNDICES	XCVI
ANEXOS	CIV

INTRODUÇÃO

Em todo ambiente escolar existe um conjunto de relações sociais e humanas. Tais relações podem ser conflituosas. O conflito é inerente a todas as coisas e processos, tanto na natureza quanto na sociedade. Ele não deve ser ignorado ou combatido. Deve ser explicitado e trabalhado. A violência, sim, precisa ser combatida. Ao contrário do conflito, a violência é construída historicamente e, por isso mesmo, pode também historicamente ser desconstruída. Combater qualquer tipo de violência, já que por trás de toda violência física esconde-se uma violência simbólica (GADOTTI, 2003).

A expressão *bullying* tem sido gradativamente utilizada nos ambientes escolares, ultimamente, para se referir às atitudes hostis, agressivas e mesmo violentas que ocorrem sistematicamente nas relações interpessoais de alunos entre si ou de professores e alunos. *Bullying*, de acordo com Fante (2005), é um termo inglês que se origina da palavra *bully* que significa brigão, valentão, tirano e designa comportamentos agressivos, antissociais, repetitivos e intencionais, praticados por uma ou mais pessoas. Caracteriza-se por atitudes ofensivas, intimidação, humilhação, constrangimento, isolamento, exclusão, difamação, agressão física e/ou verbal até mesmo furtos e está presente nas escolas, mas muitas delas negam esse tipo de comportamento em suas dependências e imediações.

Os estudos sobre *bullying* têm alcançado dimensões mais amplas, para além do ambiente escolar, direcionando-se para fenômenos sociais que se apresentam num crescente número de ocorrências, como pode ser identificado não só nos relatos da mídia como também na produção científica contemporânea da Psicologia, Psicopedagogia, Sociologia e Direito, de modo geral. Segundo Fante e Pedra (2008), motivados pelo crescente número de suicídios entre crianças e adolescentes, os estudiosos iniciaram as pesquisas há quatro décadas na tentativa de detectar suas causas e o *bullying* passou a ser objeto de estudo, primeiramente na Suécia e Dinamarca, na década de 1970. Nos anos 1980, foi a vez da Noruega e outros países da Europa iniciarem suas pesquisas, porém, o tema só chegou ao Brasil no final da década de 1990 e início de 2000. Ainda de acordo com os autores acima citados, foi realizada uma pesquisa em cinco países – Argentina, Brasil, Chile, Espanha e México –, ficando constatado que a incidência de *bullying* é maior no Brasil.

Estudos da Psicologia, de um modo geral e particularmente da Social, oferecem contribuições para o entendimento da dinâmica desse fenômeno, a partir dos conceitos de crenças, valores, preconceitos e estereótipos.

Em Ferreira encontramos o conceito de crença como “o ato ou efeito de crer, convicção íntima” (2007, p. 275). Considerando esta definição, é possível afirmar que a pessoa considera suas ideias, concepções e proposições verdades absolutas. As crenças podem se formar a

partir da educação recebida ou pela imitação, isto é, de acordo com as verdades do grupo do qual faz parte, o que permite supor que é bastante difícil haver qualquer mudança no que diz respeito a elas. Ainda sobre crenças,

[...] podem ser qualificadas como opiniões, boatos, dogmas, convicções e estereótipos [...] entre outras possibilidades de classificação, e participam, quando houver uma relação afetiva entre uma pessoa e algum objeto social, da atitude que aquela manifesta em relação a este (KRÜGER, 1986, p. 34).

Assim como a crença, a atitude também se forma a partir da convivência com o grupo, isto é, é aprendida e esse aprendizado se dá por imitação ou por reforço, por isso não é possível desvincular crença de atitude (FANTE, 2005). Para se tomar uma atitude em relação a um objeto, é necessário, além de conhecê-lo, que ele desperte algum tipo de afeto, seja positivo ou negativo. A definição de atitude pressupõe, para Rodrigues, Assmar e Jablonski “uma organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto” (2009, p.81). Uma atitude pode ser modificada quando se percebe que o que era tido como verdade é passível de dúvidas ou, ainda, como dizem os autores citados anteriormente, quando se modifica o afeto em relação a algo. Krüger (1986) afirma que a atitude tem uma função avaliativa, além de orientar a cognição, o afeto, a conduta e favorecer a argumentação (racionalização) para salvaguardar o “eu”.

As atitudes são expressas em consonância com os valores que são passados à pessoa ou construídos por ela a partir da interação social, pois, assim como as crenças e atitudes, a construção dos valores também se dá na relação com o grupo. Segundo Krüger (1986), os valores indicam uma escolha positiva dentro de um universo (pessoas, objetos e situações) influenciam o julgamento, as atitudes, a avaliação, as crenças e a cultura. As atitudes do praticante de *bullying* são desprovidas de valores, já que as mesmas não expressam uma escolha positiva no que diz respeito às relações interpessoais e podem surgir como resultado de preconceitos – ordem religiosa, étnica, social, cultural, política, ideológica, dentre outros, nos quais não há aceitação das diferenças, podendo trazer graves consequências aos praticantes, às vítimas e ao grupo do qual fazem parte. De acordo com Fante (2005), é possível identificar algumas destas consequências: estresse, problemas respiratórios, medo, ansiedade, déficit de atenção, insegurança, sentimento de impotência e abandono, variação de humor, até mesmo assassinatos e suicídios. Segundo Fante e Pedra (2008), na Bahia, na cidade de Remanso, em fevereiro de 2004, um jovem de 17 anos atirou em um colega de 13 anos na casa deste, indo posteriormente para a escola com o objetivo de matar uma professora com quem tinha uma desavença. Atirou e matou uma funcionária da escola que tentou

impedir sua entrada, atingiu mais duas pessoas e pretendia se matar a seguir, mas foi impedido. O caso citado tem histórico de humilhação e zombaria.

É importante destacar que o preconceito, assim como outras atitudes e comportamentos, tem início ou se fortalece a partir da interação social. Segundo Krüger “o preconceito se define por atitudes negativas de uma pessoa ou grupo dirigidas a outras pessoas ou a determinado grupo de pessoas, baseadas em um pré-julgamento que dificilmente é removido” (1986, p. 36). Em termos gerais, a prática do preconceito tende a buscar uma justificativa para explicar e legitimar os atos preconceituosos e, nesse caso, adota-se um conjunto de características socialmente aceitas a partir das quais se faz deduções imprecisas. Sendo assim, há que se investigar as causas dos preconceitos que estão associados à prática do *bullying* para combatê-los de forma mais eficaz possível nos contextos escolares e sociais.

Para Souza (2009), três causas levam ao preconceito: situação conflituosa, comportamento autoritário e conservador, convivência com pessoas preconceituosas. A situação conflituosa pode constituir-se em fonte de afetividade negativa a não ser quando se consegue uma boa solução amistosa para o conflito. O conflito, em si, nem sempre necessita ser visto negativamente, pois pode ser uma experiência salutar quando elucida dúvidas, abre caminhos para o crescimento pessoal e melhor ajustamento social, no entanto se dele resultar raiva ou hostilidade poderá vir a ser fonte geradora de *bullying*. O comportamento autoritário, em geral, denota um tom agressivo na convivência interpessoal e, portanto, pode favorecer reações de mal-estar, raiva e até mesmo agressividade por parte de quem a ele é submetido e, desta forma, provocar também o aumento de agressividade decorrente de raiva, rancor ou outros sentimentos caracterizados por perda de autoestima. A convivência com grupos de pessoas que têm comportamentos preconceituosos pode, assim, favorecer o *bullying* na medida em que torna possível o entendimento de que tal atitude seria natural; o agressor acaba pensando, agindo e sentindo dessa forma, passando a imitá-la. Algumas pessoas desenvolvem crenças que valorizam essa prática capaz de estimular o *bullying*, já que estimula o preconceito.

O preconceito está alicerçado nas crenças a respeito do outro que acompanham a pessoa e esse tipo de crença constitui o que é denominado estereótipo. A palavra estereótipo é, segundo Rodrigues, Assmar e Jablonski de origem grega: *stereos* significa rígido e *túpos* quer dizer traço. Para esses autores

são atribuídas características a uma pessoa ou a determinado grupo e acredita-se que elas sejam totalmente verdadeiras, o que faz com que a pessoa e o grupo sejam vistos sempre a partir de determinada categoria, provocando um conceito equivocado sobre os mesmos. A pessoa utiliza, então, os estereótipos como forma de simplificar as informações recebidas através da generalização. O preconceito pode ser confundido com intolerância, mas não significa dizer que toda intolerância é preconceituosa (2009, p. 138).

Segundo Shaffer “o que caracteriza um ato como agressivo é sua intencionalidade e não as consequências” (2005, p. 490). Isto é, atos agressivos são todos aqueles em que houve a intenção – nem sempre percebida com clareza – de causar mal, machucar ou provocar danos ao outro.

A agressividade pode se apresentar com diferentes graus, manifestando-se, às vezes, como violência de tipos variados: doméstica, física, sexual, na escola, além da violência na mídia.

Segundo Fante (2005), a violência na escola se constitui, hoje, num fenômeno social complexo que afeta toda a sociedade, em todas as escolas do país e do mundo.

Entende-se por violência

[...] a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). Para que haja violência é preciso que a intervenção física seja voluntária. [...] A intervenção física, na qual a violência consiste, tem por finalidade destruir, ofender e coagir [...] a violência pode ser direta ou indireta. É direta quando atinge de maneira imediata o corpo de quem sofre. É indireta quando opera através de uma alteração do ambiente físico no qual a vítima se encontra [...] ou através da destruição, da danificação ou da subtração dos recursos materiais. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo; uma modificação prejudicial do estado físico do indivíduo ou do grupo que é o alvo da ação violenta (*In: BOTTOMORE, 1988, p. 1291 apud CANDAU, 2002, p. 140*).

Fukui (1991) também dá sua contribuição definindo violência:

Violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos. Agressões físicas, brigas, conflitos podem ser expressões de agressividade humana, mas não necessariamente expressões de violência. Na violência a ação é traduzida como violenta pela vítima, pelo agente ou pelo observador. A violência ocorre quando há desejo de destruição (*In: FUKUI, 1991, p. 103 apud CANDAU, 2002, p. 140*).

A agressividade nem sempre aparece de maneira explícita nos comportamentos. Na maioria das vezes ela se manifesta através de “brincadeiras”, implicâncias, deboches, difamações, intolerância, sobretudo entre crianças e adolescentes e nem sempre chega ao conhecimento dos pais e professores.

O *bullying* compromete a socialização, que pode ser entendida como um processo que implica a assimilação da cultura, dos valores, dos hábitos, das crenças do grupo em que o sujeito está inserido. Segundo Krüger “socialização é um processo de preparação das pessoas para o desempenho de papéis sociais” (1986, p. 43), que são vivenciados de várias maneiras. Este desempenho favorece o ajustamento da pessoa a situações diversas no seu dia a dia, permitindo que aprenda, entre outras coisas, as normas de convivência, a linguagem e os costumes do grupo e a família é quem inicia a pessoa nesses ensinamentos, pois é o primeiro grupo no qual ela vive esta experiência.

De acordo com Fante (2005) a socialização deve ser entendida não apenas como uma experiência positiva para a pessoa e o grupo. Sempre que é marcada por atitudes negativas que prejudicam o bem-estar pessoal e coletivo, pode-se dizer da ocorrência de uma socialização negativa tal qual acontece na experiência do *bullying*. Quando não há uma superação das dificuldades enfrentadas, é possível que a vítima de *bullying* se torne uma pessoa insegura, desajustada socialmente, possivelmente um adulto fechado para o contato interpessoal.

É constante a dificuldade para resolver os conflitos interpessoais entre os alunos ou entre alunos e professores que se apresentam no cotidiano escolar. O que se ouve, com frequência, é que está muito difícil trabalhar na escola, os alunos estão indisciplinados, não respeitam os profissionais da educação nem os colegas. É sabido que os casos de *bullying* têm aumentado consideravelmente. Estudiosos observam, como destaca Fante (2005), o crescimento do número de casos de comportamento dessa natureza envolvendo meninas.

Dentro desse contexto é preciso saber: como o *bullying* chega às escolas e quais as suas consequências na vida intelectual, social e emocional dos alunos?

A procura dos pais pelos consultórios de psicologia, relatando a resistência que seus filhos vêm apresentando no momento de sair para a escola tem se tornado cada vez mais frequente. Minha experiência como educador e psicopedagogo me fez perceber que tal comportamento vai desde a simples recusa a ir para a aula, à apresentação de sintomas como dores de cabeça, vômito, diarreia, febre, sudorese, taquicardia, dores musculares, entre outros. Nessas condições, ir para a escola torna-se quase uma tortura para esses alunos.

No questionamento a respeito do que poderia estar provocando tais reações, percebeu-se que o *bullying* era a causa geradora das queixas relatadas pelas crianças a seus pais. No pensamento de Fante (2005) esses estudantes normalmente informam terem sido alvo de zombaria, humilhação, constrangimento, discriminação, exclusão, isolamento, perseguição, chantagem, difamação, ameaças, entre outras coisas, por parte dos colegas de sala e, às vezes, até mesmo de seus professores que pareciam mais fortes e tinham atitudes que os inibiam e os desencorajavam a adotar uma postura capaz de eliminar o mal-estar que experimentavam.

Tal observação motivou-me a estudar o tema e investigar qual a atitude adotada pela escola em relação ao fenômeno, isto é, qual o nível de conhecimento dos profissionais que atuam na escola sobre o problema e que intervenções costumam adotar tendo em vista, senão a extinção, pelo menos a minimização desse comportamento.

Pretendeu-se, através deste estudo, obter resultados que possam contribuir com os estudantes e profissionais da Educação e da Psicologia no sentido de ampliar reflexões sobre o *bullying* e apontar possíveis intervenções da escola para combatê-lo com maior eficiência. Muitos professores têm mostrado desconhecer o assunto; outros apresentam descrença em relação aos possíveis efeitos causados às vítimas; há ainda aqueles profissionais aparentemente cansados e

impotentes, até mesmo, no exercício da profissão, que parecem desconhecer os critérios e os indicadores entre aquilo que muitas vezes é chamado de indisciplina escolar e aquilo que, na verdade, constitui agressividade e até mesmo violência, como nos casos de *bullying*. Para Candau “os docentes têm dificuldade em identificar as formas de violência presentes nas escolas e muitas vezes não se dão conta de que também estão envolvidos na situação e devem ser agentes de transformação social” (2002, p. 142). Desejou-se fornecer subsídios para discussão e conhecimento sobre um tema tão presente nas escolas, onde professores e alunos podem tanto ser vítimas como também assumir o papel de agressores. Segundo Libâneo (2002), o trabalho do professor implica também uma prática social, daí a necessidade de preocupar-se com a realidade do aluno e sua formação, pois é esperado que haja uma reflexão diante da prática da violência e se busque combatê-la.

Definiu-se, então como objetivo geral entender os problemas causadores da prática do *bullying* em duas instituições escolares de ensino médio da rede estadual de São João do Piauí, estado do Piauí, a partir da visão do fenômeno por alunos e professores.

Os objetivos específicos foram conhecer os desafios na função docente relacionados ao *bullying*; enumerar os casos de *bullying* no âmbito escolar e compreender suas causas; identificar problemas de aprendizagem causados pela prática do *bullying* na escola; identificar as principais causas que levam agressores a encontrarem suas vítimas; estudar se existe participação da família no desenvolvimento de casos de *bullying*.

A Psicologia contemporânea tem contribuído significativamente para os estudos do *bullying* escolar através de trabalhos publicados nos campos específicos da Psicologia Clínica, Psicologia Social e Psicologia Escolar. Partindo do entendimento, já apresentado anteriormente neste trabalho, de que o *bullying* se caracteriza por atitudes intencionais e repetitivas, num período prolongado de tempo, com o intuito de intimidar a vítima – em geral considerada pessoa mais fraca e incapaz de se defender –, pode-se, segundo Fante (2005), classificar uma atitude agressiva, intencional, repetitiva como *bullying* quando ocorrem três ou mais ataques à mesma vítima durante o ano.

São sérios os prejuízos que essa prática traz ao ambiente escolar, podendo comprometer a saúde física e mental da vítima, bem como o seu desenvolvimento socioeducacional. Pode causar déficit de atenção, irritabilidade, dificuldade de concentração, desinteresse pelo estudo e pela escola, queda no rendimento escolar, apatia, insegurança, sentimentos de abandono e rejeição, oscilação de humor, desejo de vingança, entre outros. Também compromete a socialização das vítimas, que se isolam das outras pessoas para não serem percebidas e, conseqüentemente, molestadas. Normalmente os que sofrem o *bullying* escolar são crianças e adolescentes com dificuldades de relacionamento, tímidos, inseguros, ansiosos, temerosos, com baixa autoestima e tendências depressivas (FANTE, 2005).

Muitas escolas negam a existência do *bullying* dentro de suas dependências, nas imediações ou envolvendo seus educandos, mas a omissão não vai contribuir para a redução ou extinção, pelo contrário, poderá colaborar ainda mais para o seu aumento, o que é muito perigoso. É possível perceber que a ação educativa não tem sido eficaz no combate ao *bullying*, com excessiva permissividade, quase que sem cobranças quanto ao respeito e tolerância. A dificuldade em resolver conflitos com paciência, respeitando as pessoas envolvidas é um fator que contribui para a proliferação do *bullying*.

Beaudoin e Taylor (2006) fazem uma abordagem que leva em conta a interação entre vários fatores que contribuem para esse problema, não apontando culpados, mas sim, estabelecendo o fundamento teórico e enfatizando a importância do trabalho do professor no combate ao *bullying*.

A escola não é apenas um local de instrução, mas como diz Candau (2002), um espaço de diálogo, de construção e de descobertas, onde diferentes culturas e linguagens se entrecruzam, num universo onde estão reunidas muitas pessoas. Para Garcia Canclini (*apud* Candau, 2002) dá-se a “hibridização cultural”, isto é, as culturas não são puras e estão sob a influência umas das outras. Ainda fazendo referência à escola, Chalita analisa esta instituição como um espaço das igualdades, mas, sobretudo, das diferenças.

Diferentes olhares, gostos, caprichos, talentos, sentimentos, sonhos, necessidades, histórias de vida, contextos. E esse lugar tão especial também guarda uma missão igualmente especial: fazer toda essa gente feliz, com princípios de justiça e equidade social. Essa missão pode parecer óbvia, mas não é nada simples, pois cada pessoa tem sua maneira peculiar de ser feliz. Todavia desejam ser felizes, mas ninguém alcança a felicidade sozinho (CHALITA, 2008, p. 201).

De fato, a escola é também o lugar da convivência, onde se exercita a aceitação e a superação dos conflitos e o papel do professor é o de promover e favorecer o desenvolvimento de relações interpessoais e o sentimento de pertença. De acordo com Chalita “o professor estabelece profundas relações de confiança e respeito com seres humanos e se torna responsável pelo destino de seus alunos” (2008, p. 202). Por isso seu papel é de extrema importância já que ele auxilia o desenvolvimento de pessoas, desperta o gosto pelo saber e promove a interação e o diálogo entre pessoas de diferentes culturas.

Apesar de a produção científica sobre o papel da escola nos últimos tempos adotar, cada vez mais, uma posição socializadora e defensora da inclusão e do multiculturalismo, ainda hoje, na prática, pode-se, segundo Establet (1974), perceber a escola como o lugar das contradições onde o que se constata é a reprodução das desigualdades sociais. A questão da qualidade fica apenas no discurso, uma vez que para atendê-la é necessário que a educação seja para todos, acessível à classe menos favorecida e capaz de garantir a formação cultural satisfatória, pois o

desejável é que se trabalhe tendo em vista a inclusão, por meio da qual todos se sintam participantes e tenham igual oportunidade, com aceitação das diferenças. É importante lembrar que a escola é o lugar de construção do saber, espaço para a socialização e oportunidade para favorecer a mobilidade social.

A escola é o lugar de ensino e difusão do conhecimento, é instrumento para o acesso das camadas populares ao saber elaborado [...]. O ensino, como mediação técnica, deve dar a todos uma formação cultural e científica de alto nível; a socialização, como mediação sociopolítica, deve cuidar da formação da personalidade social em face de uma nova cultura (LIBÂNEO, 2002, p. 75).

Alves e Garcia (2000) também veem a escola como espaço/tempo de transformação, contudo é sabido que ela muitas vezes trabalhou na contramão da mudança social, a favor da classe dominante. Porém, hoje, diante do paradigma da inclusão social, é possível dizer que a escola que não favorece a transformação social se furta ao verdadeiro sentido do verbo educar. Segundo Libâneo (2002), o termo educar vem do latim *educere*, que significa conduzir, modificar. Educar é provocar mudanças de forma que o sujeito possa aprimorar-se como ser humano e sentir-se incluído na sociedade.

A fim de contribuir para a provocação de mudanças com relação às práticas de *bullying* resolveu-se realizar esta pesquisa. Para isso optou-se pelo método qualitativo, tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista em profundidade, semiestruturada, através de questionários, o que facilita a participação do entrevistado, no sentido de ter maior liberdade para expressar seu pensamento, supondo-se então, que as respostas poderão apresentar maiores riquezas de conteúdo.

A elaboração das perguntas seguiu a direção dada pelo problema que norteia a dissertação e apoiou-se nas leituras realizadas. De acordo com Lüdke e André (1986), a entrevista semiestruturada acontece a partir de um esquema, porém este é flexível o que possibilita possíveis adaptações por parte do entrevistador. Ainda afirmam que num trabalho de pesquisa em educação, a entrevista menos estruturada é a mais indicada, pois, assim, o entrevistado se sente mais à vontade para responder e tecer seus comentários.

Para interpretação de resultados foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, na dimensão quantitativa e, principalmente, qualitativa, que pressupõe a interpretação das respostas dadas pelos entrevistados às perguntas feitas pelo pesquisador, de modo a criar um texto completo do qual foram extraídas as categorias de análise que nortearam a interpretação dos relatos.

A pesquisa foi realizada em duas escolas no município de São João do Piauí, no Estado do Piauí, sendo ambas da rede pública estadual. A escolha levou em consideração a

localização, facilitando, assim, a coleta de dados para realização da pesquisa, uma vez que estão situadas no centro da cidade de São João do Piauí.

Os participantes desta pesquisa foram professores e alunos do Ensino Médio das escolas envolvidas. Optou-se por não aplicar o questionário aos pais pela dificuldade do pesquisador para coletar os dados, em função do tempo disponível para realização da parte empírica da pesquisa, considerando a suposição de que seria mais difícil contatá-los para participarem da entrevista.

O trabalho foi estruturado em seis capítulos. O primeiro – *Breve Histórico sobre o Bullying* – traz uma contextualização sobre a problemática estudada, fazendo um breve histórico da existência do fenômeno. Os reflexos da cultura no ambiente escolar também são estudados neste capítulo. O segundo capítulo – *As Relações e o Processo Educativo* – estuda ética, moral, valores e o processo de desenvolvimento moral de crianças e adolescentes. O terceiro capítulo – *O Fenômeno Bullying* – apresenta os conceitos de agressividade e violência, concepções teóricas sobre *bullying* e os fatores que contribuem para o seu aparecimento. Trata, também, sobre os diferentes papéis em que o *bullying* se apresenta e as consequências dessa prática assustadora. Finaliza com alguns exemplos de casos publicados pela mídia na atualidade. O quarto capítulo – *O Bullying Escolar: controle, limites e leis* –, traz um histórico sobre a participação familiar, a necessidade de impor limites e disciplinas aos filhos e um resumo da situação jurídica brasileira que trata sobre o assunto em questão. O quinto capítulo – *A Pesquisa de Campo* – trata da investigação empírica, apresenta os professores e alunos entrevistados, o processo de coleta de dados, gráficos para análise e interpretação dos resultados. *Recomendações a pais e educadores* é o tema do sexto e último capítulo que alerta sobre os papéis da família, da escola e dos alunos no combate e prevenção ao *bullying*, como também indica e sugere algumas atitudes positivas para banir esse problema e, por fim, as considerações finais.

CAPÍTULO I. BREVE HISTÓRICO SOBRE O *BULLYING*

Para iniciarmos esse estudo de compreensão dos casos de violência entre escolares no ensino médio resolvemos contextualizar essa problemática relacionada a essa prática que convencionou-se chamar de *bullying*. Queremos mostrar que ela se estende muito além das práticas escolares, nas quais costuma ser inserida, chegando a abranger muitos outros aspectos sociais, culturais e psicossociais de uma ampla sociedade.

Iniciamos explicando quais as origens desse termo. Apresentamos, a seguir, uma conceituação geral. Buscamos, depois, contextualizá-lo, mostrando sua relação com a sociedade como um todo para, a seguir, mostrar como ele se insere num ambiente social e cultural específico.

1.1 Origem do termo

O fenômeno *bullying*, como é entendido hoje, é tão antigo quanto a própria escola e acontece em escala mundial. Até o início da década de 1970 pouca atenção foi dada a esta prática, apesar de os professores e educadores terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima. Foi nesta época que iniciou um grande interesse de toda a sociedade por este problema, assim como pelas consequências que dele decorrem. Nesta mobilização, a Suécia foi o país pioneiro, logo em seguida estendendo para os outros países escandinavos.

Em alguns países como a Noruega, o *bullying* já é há muito tempo motivo de atenção e preocupação por parte de pais e educadores, além de estar constantemente presente nos meios de comunicação. Ainda assim, muitos se queixam que as autoridades educacionais não manifestam comprometimento suficiente com o fenômeno. Segundo Fante (2005) em 1982 um jornal noticiava o suicídio de três jovens noruegueses com idades entre dez e quatorze anos, provavelmente motivados pelas situações de maus tratos a que eram submetidos pelos seus colegas na escola. Este fato atingiu todos os meios de comunicação e a população em geral, e fez com que, em 1983, o Ministério da Educação da Noruega realizasse uma campanha nacional sobre os problemas existentes entre agressores e vítimas.

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, foi quem criou os primeiros critérios para que fosse possível identificar o fenômeno de forma mais específica. A partir daí é que foi possível diferenciar a prática do *bullying* de outras possíveis interpretações. Seus estudos constataram que a cada sete alunos um estava envolvido nesta prática, seja como agressor ou como vítima. Originou-se, então, uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que conseguiu reduzir em 50% os casos de *bullying* nas escolas. Este fato influenciou

países como o Reino Unido, Canadá e Portugal a também promoverem campanhas de conscientização e intervenção (FANTE, 2005).

Nos Estados Unidos é dada grande importância ao *bullying*, pois esta prática cresce continuamente entre os alunos das escolas americanas. Devido a isso, pesquisadores classificam o *bullying* como um fenômeno global e acreditam que, se ele continuar crescendo nas escolas, poderá aumentar muito o número de adultos abusadores e delinquentes.

No Brasil, o *bullying* ainda é pouco estudado, e por isso não é possível obter uma visão global do fenômeno para que possamos fazer uma comparação com outros países. O que se pode afirmar é que em relação a outros países, estamos muitos anos em atraso em estudos e pesquisas e, conseqüentemente, em políticas públicas de prevenção e intervenção.

1.2 Contextualizando o fenômeno

O termo *bullying* deriva da palavra inglesa *bully*, que, enquanto substantivo significa *valentão*, *tirano* e, como verbo, *brutalizar*, *tiranizar*, *amedrontar*. Como prática, o termo significa formas de agressões intencionais e repetidas adotadas sem motivação evidente e direcionadas aos outros.

O termo *bullying* descreve uma ampla variedade de comportamentos que podem ter impacto sobre a propriedade, o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o status social de uma pessoa. *Bullying* é uma forma de comportamento agressivo e direto que é intencional, doloroso e persistente (repetido). Crianças vítimas de maus-tratos são debochadas, assediadas, socialmente rejeitadas, ameaçadas, caluniadas e assaltadas ou atacadas (verbal, física e psicologicamente) por um ou mais indivíduos. Há níveis desiguais de reação (isto é, a vítimas fica perturbada e aborrecida, enquanto o perpetrador se mantém calmo) e um frequente desequilíbrio de força (poder e dominação) (BEANE, 2010, p.18).

Compreende, pois, toda e qualquer forma de atitude agressiva executada dentro de uma relação desigual de poder, sendo o desequilíbrio de poder presente nessa relação uma característica essencial, que torna possível a intimidação da vítima.

Aramis Lopes Neto (2005) destaca, além do caráter repetitivo do *bullying* encontrado em Fante (2005) e em muitos outros pesquisadores, também o seu caráter intencional e sem motivação evidente, assim como a desigualdade de poder entre os envolvidos. Para o autor, o *bullying*

compreende todas as atividade agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executados dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao bullying poder ser conseqüente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento

físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes (LOPES NETO, 2005, p.165).

Eventualmente está presente em variadas situações: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, sacanear, humilhar, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences entre outras. O *bullying* pode se manifestar de quatro diferentes formas: verbal, físico, psicológico e como *cyberbullying* (este último mais detalhado no capítulo 3).

O fenômeno emerge de ações discriminatórias e práticas frequentes de violência no cotidiano escolar, tratando-se de um tipo de exclusão social capaz de oprimir, intimidar e machucar aos poucos sem nunca ser declarada de fato. A origem pode estar num apelido de mau gosto, em ameaças de agressão ou simplesmente em atitudes de desprezo, nas quais a escola, considerada um importante agente socializador para os alunos, pode vir a tornar-se um campo inimigo para os mesmos, e levá-los a serem ridicularizados pelo grupo e, conseqüentemente, torná-los mais frágeis. Constantini explica que o *bullying*

não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças que, sistematicamente, com violência física e psicológica são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização (2004, p. 69).

É um fenômeno devastador, podendo vir a afetar a autoestima e a saúde mental dos adolescentes, assim como desencadear problemas como anorexia, bulimia, depressão e até mesmo o suicídio.

Muitas crianças vítimas de *bullying* desenvolvem medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam retornar à escola quando esta não faz nada em defesa da vítima. A fobia escolar geralmente tem como causa algum tipo de violência psicológica, que vem acompanhada da imposição do silêncio à vítima, isto é, ela não a pode denunciar à direção da escola nem aos pais, sob pena de piorar sua condição de discriminada. Pais e educadores só ficam sabendo do problema através dos efeitos e danos por ele causados, como a resistência em voltar à escola, queda de rendimento escolar, retraimento, depressão, distúrbios psicossomáticos, fobias, entre outras coisas.

Dentre os diversos fatores que podem dar origem ao *bullying* ressaltamos alguns fatores culturais que poderão auxiliar na compreensão e tomada de consciência deste fenômeno.

A cultura influencia todas as cosmovisões das pessoas que nela estão inseridas, visto que lhes são introjetados conceitos do que é ou não aceitável em contextos específicos. Ela também

influencia as nossas opções, limitando as percepções por facilitá-las, ou impossibilitá-las, pois geralmente estas opções se enquadram nos discursos sociais de determinada cultura.

Nesta influência sobre nossas opções podemos destacar os bloqueios contextuais, que se originam nas experiências com um conjunto de especificações (ou deveres) culturais. Podemos citar como exemplo o individualismo, que atribui como dever cultural que os indivíduos devem agir com absoluta autonomia. Apesar de não serem ruins *a priori*, as exigências culturais podem desencadear efeitos negativos, limitar opções e exercer um grande impacto sobre os problemas derivados destes. Como exemplo, podemos observar que a anorexia só se desenvolve em culturas que valorizam a magreza (especialmente os ocidentais). E o *bullying*, que é o que nos interessa discutir aqui, surge em culturas que introjetam pressupostos de que os meninos precisam ser fortes e demonstrar tal força (Beaudoin e Taylor, 2006).

Os discursos culturais moldam o indivíduo, estruturando rigidamente suas experiências e reduzindo seu campo de opções. Neste caso, uma forma eficaz de eliminar a prática do *bullying* é investigar tais opções e o bloqueios contextuais dos alunos para que o que lhes seja dito seja relevante em suas vidas.

A partir de nosso contexto cultural, podemos averiguar algumas crenças e cosmovisões que podem ser incentivadoras do *bullying* e da violência. Entre elas podemos destacar o patriarcado, o individualismo, o adultismo, o capitalismo e as discriminações em geral.

Entre outros valores implícitos e incentivados pelo patriarcado está o de que os meninos têm de ser fortes, independentes, não devem demonstrar sentimentos (como o expresso na fala popular de que “menino não chora”) e de agir como um protetor. Esta crença também se reflete no comportamento das meninas, visto que elas têm de ser delicadas, boas cuidadoras e expressar amplamente suas emoções.

O individualismo é um comportamento fortemente presente em nossa sociedade liberal. Ele faz com que as pessoas se concentrem apenas em satisfazer as necessidades pessoais, desvalorizando situações de vínculo e enfatizando o sucesso pessoal.

O adultismo é a crença de que os adultos têm o direito de decidir, dar ordens e exercer o poder. Só eles têm credibilidade e são os únicos responsáveis pelas decisões e ações. Para crianças e adolescentes, resta apenas a alternativa de sempre: escutar e obedecer.

Como veremos mais especificamente no capítulo 2, o sistema capitalista, de modo explícito, valoriza o ambiente de emulação e competição, onde o que importa é que o vencedor tenha sucesso, segregando as pessoas em dois grupos: as que têm sucesso e as perdedoras. Esta crença cria hierarquias e relaciona o sucesso com bens materiais e avaliação de desempenhos.

Por fim, as discriminações em geral ocorrem mediante uma intolerância à diferença, devido ao fato de os padrões estabelecidos como normais serem extremamente fixos e restritos e as crenças, estereotipadas. As pessoas dentro dos padrões normais têm a falsa crença de serem

superiores, gerando um forte sentimento de ódio e ojeriza aos diferentes. Entre muitos comportamentos que podem ser elencados dentro dessas discriminações estão o racismo e a homofobia.

1.3 Reflexos da cultura no ambiente escolar

Cientes dos pressupostos que permeiam nossa cultura, podemos nos questionar como essa cultura permeia e é refletida no âmbito escolar. Perguntamo-nos como se materializam na escola comportamentos como a competição, as exigências que essa competição traz, a maneira de avaliar o desempenho das tarefas, as recompensas, ou punições instituídas, e as próprias hierarquias de poder.

A competição é a própria alma do sistema capitalista e é, muitas vezes, utilizada pelos educadores como artifício para despertar a motivação e o interesse dos alunos em determinadas atividades. Isto pode gerar frustrações, visto que existe apenas um vencedor, incutindo ideias individualistas derivadas deste elemento cultural nos alunos e aumentando a probabilidade dos conflitos.

A cobrança constante de resultados mensuráveis faz com que a quantidade seja priorizada, ao invés da qualidade. O desempenho escolar medido através de notas deixa de representar uma medida, transformando-se em uma meta a cumprir. A exigência de cumprir um currículo que prima pela quantidade faz com que professores cumpram tal conteúdo contra sua vontade e tomando atitudes que aumentem a probabilidade de afastar os alunos (ver página 83).

A própria avaliação tem ainda, como pressuposto, que há um que sabe mais e outro que sabe menos e avalia por meio de um conjunto de variáveis pré-estabelecidas. A pressão aumenta ainda mais pois os alunos são avaliados pelos professores, os professores são avaliados pelos diretores, os diretores são avaliados por supervisores e, assim, a avaliação ocorre hierarquicamente. Embora haja alunos que consigam se enquadrar nesses moldes, há outros que não se adaptam e, para estes últimos, a adequação aos moldes exigidos transforma-se numa situação profundamente opressora e insuportável, causadora de comportamentos imprevisíveis.

O aluno é constantemente incentivado a competir e a se comparar com padrões pré-estabelecidos e o modelo que lhe é apresentado na escola corresponde, na maioria das vezes, ao modelo competitivo das empresas capitalistas. A exacerbação e rigidez da aplicação de tais práticas pode gerar efeitos fortemente negativos. Daí a criação de ressentimentos e possíveis práticas de *bullying* pois estas exigências recebem uma ênfase especial e levam a pressões para que os comportamentos dos alunos se adéquem a tal cultura competitiva e individualista. Alguns métodos pedagógicos utilizados também apresentam, de forma embutida e disfarçada, aspectos culturais que, de certa forma, podem servir de estímulo para o *bullying*.

CAPÍTULO II. AS RELAÇÕES E O PROCESSO EDUCATIVO

A essência de uma escola, como de qualquer instituição, deve ser buscada não na materialidade da estrutura física, ou no número e conjunto das pessoas que a compõem, mas na análise de suas relações que são, em geral, muitas e podem se apresentar profundamente diferenciadas. Esse conceito de relação é teoricamente muito fecundo, pois é a partir dele que se pode saber o que constitui realmente uma instituição: a identificação das diferentes relações e sua intensidade vai me dizer o que é, de fato, essa instituição ou grupo. E mais: se são as relações que constituem um grupo, esse grupo muda na medida em que essas relações mudam; pode-se, então, além de compreender o que seja mudança, planejar maneiras de transformar grupos, instituições e comunidades através da mudança das relações. Há um último ponto para o qual esse conceito se mostra extremamente importante e que tem tudo a ver com a discussão dessa dissertação sobre *bullying*: a questão da ética. E isso é assim porque ética é sempre ética de relações. Não são as pessoas que são éticas; alguém é ético no momento em que estabelece uma relação com alguém, e é essa relação que assume uma conotação ética.

Algumas considerações precisam ser colocadas sobre como as relações que definem nossa sociedade capitalista podem ter influência sobre a prática de *bullying*.

2.1 Conceito de relação

Quando se pergunta o que é relação a primeira resposta que surge é que relação é troca, relação é comunicação, que para haver relação é necessário que haja sempre ao menos dois. O que se apresenta para comprovar tais afirmações são exemplos de relações. Mas relação é muito mais. Uma coisa só, singular, também pode ser relação.

Os que conseguem se deter para refletir sobre o significado das palavras, os que conseguem se admirar diante das coisas mais simples e banais, como os filósofos, definem relação como sendo *ordo ad aliquid*, três palavras difíceis de traduzir mas com um enorme significado. Poderíamos traduzir essa expressão como *relação é o ordenamento, o direcionamento intrínseco*, isto é, do próprio ser em direção a outro ser. Mas esse ser, essa realidade, continua sendo singular, com a diferença que há nela algo que, necessariamente, isto é, na sua própria definição, a obriga a se ligar a outro, a incluir em si um outro, ou outros. Tomemos como exemplo o termo mãe. Vamos supor uma mulher, Maria, que seja mãe. Maria é uma realidade singular, é uma. Agora, se digo que ela é mãe, para que Maria, que é uma, seja mãe são necessárias mais duas coisas, pelo menos um filho e um companheiro, com o qual ela se relacionou para ter esse filho, mesmo que agora não

estejam mais juntos. Há então, na Maria-mãe um direcionamento intrínseco a ela que a orienta em direção a um filho e a um companheiro. O que faz a Maria ser mãe é, pois, o filho e o companheiro. Dizer *mãe*, então, é dizer *relação*, assim como dizer *pai*, *filho*, *esposo*... (PEREIRA, 2009)

Conclui-se daqui, consequentemente, que para haver relação não é necessário que haja duas coisas: basta apenas uma que contenha em si, em sua definição, a necessidade, a orientação intrínseca em direção a outro.

Mas o termo *relação*, a parti daí, pode assumir também um significado mais amplo, que é o que normalmente se entende por relação, ou relações: exatamente porque determinado ser, determinada realidade, possui essa orientação intrínseca em direção a outro(s), ele é capaz de se ligar a outro(s). Essa ligação também passa a ser chamada de relação, ou relações. Mas isso só se torna possível porque há, nos parceiros dessa relação, algo que os direciona um ao outro, intrinsecamente. (PEREIRA, 2009). Se considerarmos esses seres como indivíduos, isto é, algo que é singular e não tem nada a ver com outros, que é a própria definição de indivíduo, essas relações se tornam impossíveis.

Ao pensarmos nesse segundo sentido, é importante, contudo, evitar um equívoco frequente, que é o de pensar que relação seja, ou deva ser, sempre, algo que una as duas coisas. Nem sempre é assim. O conflito, por exemplo, é uma relação, como a rejeição, a exclusão. Relação, como foi dito, existe sempre que uma coisa não pode, sozinha, dar conta de sua existência, de seu ser. O conflito e a exclusão são relações, pois ninguém pode brigar sozinho e, se há exclusão há sempre dois interligados: alguém que exclui e alguém que é excluído. A percepção da relação é, pois, dialética, percepção de que umas coisas necessitam de outras para serem elas mesmas.

2.2 A ética nas relações

O conceito de relação vem trazer uma contribuição muito importante à discussão dessa tema central que nos propomos discutir, que é a prática do *bullying* entre escolares do ensino médio. De acordo com Pereira (2009) a relevância desse enfoque provém, principalmente, do fato de que, dentro de uma cosmovisão liberal-capitalista, a concepção de ética foi também individualizada e foi dela retirada a dimensão da relação. Ética, porém, é sempre relação e é somente ao termo *relação* que se pode aplicar o adjetivo *ético*. Aristóteles já dizia que ética é justiça, e justiça é essencialmente uma relação, pois ninguém pode ser justo sozinho.

O individualismo liberal, cosmovisão central ao mundo ocidental em que vivemos, define-se pelo fato de entender e assumir o ser humano como se fosse um indivíduo, isto é, alguém que é singular, mas não tem nada a ver com outros. É a absolutização do indivíduo.

Dentro dessa cosmovisão, até mesmo a ética passa a ser individualizada e transformada em apenas um adjetivo, uma qualidade de um indivíduo. Dentro de tal referencial, alguém pode ser brasileiro, moreno, nordestino e... ético, como se esse adjetivo se igualasse aos anteriores. Mas se ética é relação, é necessário que entre outra realidade (pessoa, natureza) entre em jogo (PEREIRA, 2009). Aqui está a questão. Ninguém, na verdade, pode ser ético sozinho. É a relação que estabelecemos com os outros que nos diz se somos éticos ou não. Somos singulares, mas para sermos éticos, outras realidades estão implicadas.

O que se conclui do fato de assumir ética como relação é não podermos jamais, sozinhos, afirmar e termos certeza de que somos éticos. Os outros vão ser parceiros necessários no julgamento e na afirmação de que nós somos, ou não, éticos. Assim, não é o branco que vai dizer se é, ou não, racista: devemos perguntar igualmente ao negro oprimido. Não é o homem machista, patriarcal, ou a mulher feminista, que vão decidir se eles/elas são, ou não, sexistas: deve-se perguntar também à mulher, ou ao homem, discriminados. No momento em que assumimos, então, ética como relação, muita coisa se modifica em nosso modo de ser e agir.

2.3 O sistema capitalista e as práticas de *bullying*

Nesse ponto da discussão vamos direcionar de forma mais focada ao tema, embora ainda mais generalizada, mostrando como as relações fundamentais que definem o sistema capitalista podem influir nas práticas de *bullying*. As relações centrais que definem nossa sociedade podem, elas próprias, propiciar o surgimento de ações violentas e destruidoras.

Não é difícil perceber que as relações tensas e carregadas do sistema, já a partir das relações de produção, são relações tensas e carregadas de certa violência, isto é, relação de dominação (onde alguns poucos são os detentores dos meios de produção e os outros trabalham); e de exploração (a apropriação da maior parte do lucro por esses donos dos meios produtivos). Mas não é apenas no nível da produção que o sistema causa tensões. A relação mais importante é a que se dá no nível social, entre pessoas, no trabalho, na escola, na educação: a relação de competição (SCHILLING, 2004). Por estar fundamentado no liberalismo, em que o ser humano é visto como um indivíduo que não tem nada a ver com o outro, lutando pela sobrevivência e fundamentalmente egoísta, a relação central, desenvolvida e implementada, é a competitividade. E isso deve ser assim, pois, segundo o dogma central do sistema, *sem competição não há progresso*. Ora, a competição leva, necessariamente, à exclusão de alguns. Se todos trabalharem cooperativamente, as pessoas não serão estimuladas para progredir, não havendo, por isso, progresso.

As pessoas são colocadas numa guerra contínua. Por mais que alguém se esforce, sempre estará correndo perigo de perder e ser excluído. É uma luta sem tréguas e sem fim. É evidente que as consequências disso para a saúde mental das pessoas são extremamente sérias. Por

isso não é de estranhar o fato de que em muitos casos em que se registraram ações violentas e massacres nas escolas, por detrás dos autores havia pessoas que se sentiam vítimas de exigências sobre-humanas, provindas em geral dessa competição, e que carregavam uma história de rejeição e de exclusão. Pessoas fechadas, isoladas, pressionadas, sem coragem de se abrir, de contar seus problemas, ou mesmo reclamar e se queixar. Sem querermos absolutizar, não é difícil, contudo, entrever que essas exigências de sucesso e de dar conta e ser um vencedor, permeiam muitas das histórias de massacres e mortes dessas sociedades capitalistas ferozes. A primeira coisa que é ensinada e exigida do filho é que ele tem de ser um vencedor! Ora, é impossível que todos sejam vencedores. Ainda mais quando a própria lógica do sistema leva à exclusão e à rejeição de alguns.

Quisemos destacar a discussão da relação num capítulo à parte para enfatizar sua importância. A maior parte das análises que se fazem sobre problemas existentes na escola, na família, na sociedade, fixa-se, em geral, em detalhes ou questões individuais de determinados atores, mas não nos perguntamos nem como tais atores chegaram a se tornar o que são (fruto de relações), nem que há todo um conjunto de relações dentro de um determinado contexto que necessita ser analisado, se quisermos ter uma compreensão mais abrangente e global do problema.

CAPITULO III. O FENÔMENO *BULLYING*

O *bullying* caracterizado por comportamentos violentos, repetitivos e premeditados contra uma mesma pessoa, pode ser praticado de diversas maneiras e através de diferentes meios. Às vezes o comportamento *bullying* é mais evidente e pode ser notado com facilidade; outras vezes ele se manifesta de maneira mais sutil, sendo difícil de ser detectado. Este é um fenômeno complexo e multifacetado, que faz parte das relações na sociedade atual.

Neste capítulo vamos nos concentrar na análise do que geralmente encontramos na literatura. Exploraremos primeiramente o conceito, retomando aspectos discutidos no primeiro capítulo. Como se pode depreender do conceito, ele implica violência. Veremos, por isso, como segundo passo, o conceito de violência, diferenciando vários tipos. Num terceiro momento abordaremos alguns tipos de *bullying* e suas características, focando principalmente o fenômeno dentro do ambiente escolar. Especificaremos a prática normalmente designada como *bullying*, definindo os diferentes papéis nela presentes. Na sequência, abordaremos algumas questões relativas à cultura e ao contexto que se apresentam como propícios para tal comportamento. Vamos fazer também algumas considerações sobre a prática de *bullying* fora do ambiente escolar, mostrando como ele é um fenômeno bastante amplo e difuso. Exemplificaremos com alguns casos reais, para melhor sensibilização com o fenômeno.

3.1 Conceito de *bullying*

Como foi dito no primeiro capítulo, *bullying* é um fenômeno caracterizado por manifestações de atitudes agressivas e repetitivas, sem um motivo evidente e numa relação desigual de poder, contra uma ou mais pessoas, resultando em angústia e dor para a vítima (LOPES NETO, 2005). O desequilíbrio de poder ocorre porque a vítima não consegue se defender das agressões por diversas razões: ser menor em estatura, possuir menos força física, estar em minoria, apresentar poucas habilidades para se defender, possuir características físicas ou psicológicas que possam levar à discriminação, ou também possuir pouca flexibilidade de ação em relação ao agressor. Insultos, intimidações, gozações, apelidos cruéis e acusações injustas, além de danos físicos, morais e materiais, são alguns exemplos das manifestações características do *bullying*.

Podemos dizer, então, que o *bullying* quando tomado como um fenômeno específico, com características definidas e precisas, pode ser diferenciado de outras formas de violência. É sustentado pela relação desigual de poder, que, no caso da escola, ocorre principalmente entre

alunos (CARVALHO, 2005). Apesar de o termo ser relativamente recente, essas atitudes repetitivas e agressivas ocorrem nas relações interpessoais nas escolas há muito tempo,

Para Pereira o uso da palavra *bullying* é muito importante, visto que pode

existir o risco de o confundir com outras formas de comportamento agressivo, que é normalmente expresso em determinadas idades, principalmente entre 7 e os 14 anos, ou ainda, com brincadeiras agressivas ativas de grande expansividade e envolvimento físico dos intervenientes, mas em que não existe a intencionalidade de magoar ou causar danos (2002, p. 17).

Para evitar essa confusão, deve-se investigar todas as manifestações de agressão, pois enquanto umas têm a característica de ser um caso eventual, típico do desenvolvimento e amadurecimento infantil, outras têm a característica de serem repetitivos e intencionais sempre contra uma mesma vítima. E é aí que está o problema, porque nesses casos as vítimas passam por sofrimentos tanto físico como psicológicos, podendo causar prejuízos emocionais irreparáveis pelos traumas e sequelas sofridos outrora. Neste ponto, concordam os autores Pereira (2002), Fante (2005) e Lopes Neto (2005). Isso acontece porque são agressões que podem acontecer diariamente, afetando o equilíbrio da pessoa, sendo essa pessoa uma criança ou jovem, ainda despreparada para lidar com frustrações.

No início da infância, o *bullying* geralmente é aleatório. Na juventude e na idade adulta, os alvos são escolhidos. Os *bullies* sempre encontrarão alguma coisa de seu interesse em uma pessoa: ser gorda demais, magra demais, usar óculos, trabalhar bem, andar de cadeira de rodas, usar a roupa inadequada, ser passiva ou independente demais, ter a cor, origem étnica, o sexo, a religião, a origem socioeconômica ou a orientação sexual diferente, gostar do chefe, ser simpático, ser quieto, etc (MIDDELTON-MOZ E ZAWADSKI, 2007, p. 21).

Podemos considerar o *bullying* como um fenômeno novo, porque vem sendo objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas, despertando a atenção da sociedade para suas consequências nefastas, uma vez que se evidencia pela “desigualdade entre iguais”, resultando num processo em que os “valentões” projetam sua agressividade com requintes de perversidade e de forma oculta dentro de um mesmo contexto escolar. Por outro lado, considera-se o *bullying* como um fenômeno bastante antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas – onde os “valentões” continuam oprimindo e ameaçando suas vítimas, por motivos banais – e que até hoje ocorre despercebida da maioria dos profissionais de educação.

Podemos definir o *bullying* como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer,

através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar. Diversos estudiosos vêm dando suas definições e contribuições, ao longo do tempo, com respeito a esse tipo de comportamento. Porém, todas as definições convergem para a incapacidade da vítima de se defender.

3.2 Conceito de violência

A violência é um problema importante e crescente no mundo, que pode ocasionar sérias consequências individuais e sociais. Daí a importância de pensarmos formas e estratégias de evitá-la, para que seu impacto possa ser minimizado e os fatores que contribuem para respostas violentas possam ser mudados. O termo violência é abrangente, por vezes generalista, e seu significado depende do contexto social, econômico e cultural em que está inserido. Segundo Debarbieux e Blaya (2002) não é possível obter um conhecimento total sobre violência, pois conseguimos apenas representações parciais dela. Pode-se, porém, caracterizá-la tanto por pequenas infrações a bens materiais e propriedades alheias, quanto por agressões que podem gerar riscos de vida. Uma das formas mais aparentes de violência na sociedade atual é a juvenil, assim denominada por ser cometida por pessoas com idades entre 10 e 21 anos. Pessoas que manifestam comportamento violento antes mesmo da puberdade tendem a adotar atitudes cada vez mais agressivas, culminando em ações graves na adolescência e na persistência da violência na fase adulta.

A violência vem ocupando um espaço privilegiado em nosso meio, através da televisão, da internet, do cinema; estes têm propiciado um maior acesso a esses eventos, o que poderia ser uma explicação para tal visibilidade.

Diariamente vemos nossas crianças e jovens expostos a todo tipo de violência veiculada nos desenhos animados, nos filmes, nos jogos eletrônicos e até mesmo no convívio social com os colegas e familiares. Mesmo na escola, espaço reservado para a educação e construção de valores, a presença de atos violentos é constante.

Não queremos dizer com isso que a violência teve um *boom* em seu crescimento, mas sim que, por meio da mídia, temos mais acessos às informações e, conseqüentemente, aos atos tidos como violentos. Houve, também, um maior e melhor registro das violências por parte dos órgãos nacionais e internacionais e grupos da sociedade civil e organizada.

Daí as notícias nos jornais sobre brigas, massacres, vandalismos, homicídios, mortes por vinganças, assaltos e furtos, enfim, manifestações que atingem, em menor ou maior escala, toda a sociedade, que, depois da comoção pública, cai no esquecimento. São muitos os exemplos de atos de violência que comoveram o país e algum tempo depois foram esquecidos.

São exemplos: o assassinato do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, de 45 anos, por cinco jovens de classe média, em Brasília em 1997; o menino João Hélio Fernandes, de 6 anos, vítima da crueldade dos bandidos que roubaram o carro da mãe dele e, na fuga, arrastaram-no pelo asfalto, do lado de fora do veículo, por sete quilômetros, no Rio de Janeiro, em 2007; a morte da menina Isabela Nardoni, de cinco anos de idade, defenestrada do sexto andar do *Edifício London*, em São Paulo, em 2008, pelo pai e madrasta.

E os casos de violência bizarras não param por aí. Ainda temos os acidentes de trânsito, invasão a domicílios, latrocínios, homicídios em escolas, onde alunos entram armados e matam professores, funcionários ou colegas, entre outros. Dos crimes hediondos à falta de cidadania são inúmeros os atos violentos a que estamos expostos. Alguns, de tão corriqueiros, já se banalizaram.

Pelo fato de o termo violência incorporar uma grande variabilidade de sentidos e estar situado em termos culturais e históricos, ele também abrange uma definição mais generalista que inclui desde pequenas infrações e incivildades até atos que atentam contra a vida. Conforme Michaud (2001) devemos ter em mente que nem todos os atos agressivos são, necessariamente, demonstrações de violência e que nem todos esses atos têm como objetivo o desejo de destruir alguém ou alguma coisa. Para entendermos toda essa variação, vejamos uma das definições encontradas em Michaud, para o termo violência:

Violência vem do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravio, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a *vis*, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego da força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa (MICHAUD, 2001, p.8).

Na definição acima, Michaud nos apresenta a definição de violência a partir de sua etimologia, em que o autor traz várias significações para o termo a depender do contexto em que este será utilizado. Existem várias outras definições, a depender do contexto social, econômico ou cultural daquela sociedade, naquele momento específico, assim como da direção que os autores dão ao seu trabalho.

Quando falamos de violência entre crianças e adolescentes e a vinculamos aos ambientes onde ela ocorre, a escola surge como um espaço ainda pouco explorado, principalmente com relação ao comportamento agressivo existente entre os próprios estudantes. A violência nas escolas é um problema social grave e complexo, sendo o mais frequente e visível o da violência juvenil. O comportamento violento é resultado da interação entre o desenvolvimento pessoal do jovem e os contextos sociais nos quais ele está inserido, como a família, a escola e a comunidade. Atualmente, o ambiente do mundo social externo é reproduzido nas escolas, fazendo com que esses

locais deixem de ser espaços seguros, baseados na disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em locais onde há violência com o comportamento *bullying*. A violência envolvida nesta prática nega a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito (SPOSITO, 1998).

A presença do fenômeno *bullying* na realidade escolar é incontestável e não possui, aparentemente, fatores determinantes, ou seja, independe da localização da escola, tamanho, turno escolar, séries iniciais ou finais, ou mesmo escola pública ou privada. Ele é responsável pela criação de um ambiente no qual o que predomina é um clima tenso, de medo e de perplexidade por parte das vítimas e também dos espectadores que, indiretamente, se envolvem nesta prática social sem saber o que fazer (FANTE, 2005).

Na maior parte das vezes, ao nos referirmos à violência no ambiente escolar, costumamos relacioná-la a atos de vandalismos, agressão física, golpes, ferimentos, intervenções físicas de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro. Porém não só a violência física e material é merecedora de atenção, já que outros tipos podem ser traumáticos e graves. Humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito também são formas de violência, que devem ser combatidas e evitadas para que esses atos agressivos deixem de causar sofrimento a outras pessoas. A discussão que segue nos ajuda a identificar os tipos de comportamento exercidos dentro das escolas, assim como seus agentes.

3.3 Tipos de *bullying*

O termo *bullying* é utilizado, em seu sentido mais restrito, para designar estes atos de violência; um tipo de prática perversa, no qual predominam humilhações sistemáticas a crianças e adolescentes no ambiente escolar. Porém, quando nos referimos a este fenômeno, estamos falando de uma diversidade de atitudes e situações que caracterizam um problema social.

Primeiramente, o comportamento *bullying* pode ser classificado como direto ou indireto, sendo que ambos os tipos são agressivos e prejudiciais à vítima. O primeiro, o *bullying direto*, ocorre quando as vítimas são atacadas diretamente, por práticas imediatas, através de apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal-estar aos afetados. Este tipo ocorre com mais frequência entre meninos. Já o *bullying indireto* ocorre quando as vítimas estão ausentes e os autores criam situações de divisão, discórdia, indiferença, agindo através de fofoca, manipulação de amigos, mentiras, isolamento de alguns, difamação e discriminação, com o propósito de excluir a vítima de seu grupo social, sendo mais praticado pelas meninas. Devemos ressaltar que tais atitudes são tão importantes e carecem de tanto cuidado quanto as agressões físicas, pois também podem causar danos psicológicos e graves consequências.

Além desta classificação, podemos subdividir o *bullying* de acordo com as diferentes formas através das quais ele é praticado. Atitudes como colocar apelidos em alguém, ofender, humilhar, insultar, ameaçar ou acusar pessoas de que não servem para nada caracterizam uma verbal de *bullying*, na qual os autores agredem a vítima através de palavras e, principalmente, apelidos maldosos.

Um exemplo desta prática verbal de *bullying* é o caso do menino H., de 16 anos. Ele foi apelidado de Bob Esponja e Bombril por causa dos seus cabelos crespos e do seu jeito tímido e calado. Aos poucos foi sentindo-se rejeitado e isolou-se da turma. Ele disse que quanto mais os colegas caçoavam dele, mais se isolava e sofria. Expressou sua angústia dizendo que gostaria de desaparecer e nunca mais ouvir falar em escola (FANTE, 2005, p. 32).

Outra forma de *bullying* dá-se através de violência física. Ataques físicos repetidos contra uma mesma pessoa (seja contra seu corpo ou algo que lhe pertença), agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar e quebrar pertences, são exemplos de atitudes violentas. Neste caso, as consequências não são apenas psicológicas, mas podem causar ferimentos graves à vítima.

Um exemplo desta prática de violência física contra uma pessoa é o caso de um menino de nove anos, de uma turma de 3ª série (Fante, 2005). Ele era constantemente ameaçado por um outro menino da escola, que queria seu dinheiro e seu lanche. Na saída da aula, ele apanhava deste menino, e tinha que dar dinheiro a ele. Começou a apanhar na entrada da aula também, tendo que aumentar mais o dinheiro que dava. Quando ele resolveu contar para o diretor o que estava acontecendo, passou a apanhar mais ainda e a ter que dar mais dinheiro ao agressor, além de receber constantes ameaças.

O *bullying* também é praticado através de comportamentos maldosos contra uma mesma pessoa. Discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, dominar, danificar objetos pessoais, espalhar rumores e fofocas, fazer chantagem, comentários depreciativos sobre a família da vítima, o local de moradia ou de proveniência, aparência pessoal, orientação sexual, religião, raça, nível de renda, nacionalidade, são exemplos de comportamentos de autores de *bullying* contra outra pessoa. Neste caso, a vítima não sofre violência física e nem xingamentos, porém não consegue desenvolver amizades, e está constantemente com medo de que algo de mau lhe aconteça.

Um outro tipo de *bullying*, mais atual e sofisticado, é o *cyberbullying* ou *bullying eletrônico*. Esta é uma prática de violência que utiliza a internet e outras tecnologias de comunicação para humilhar, desprezar, ridicularizar, intimidar, excluir e/ou ameaçar outras pessoas. O *cyberbullying* envolve o uso de informação e tecnologias de comunicação como e-mail, celular, mensagens instantâneas de texto, sites de difamação pessoal e sites de difamação on-line

para apoiar comportamento hostil deliberado e repetido por um indivíduo ou grupo, com intenção de ferir outras pessoas.

O *cyberbullying* está se tornando mais popular porque são necessários apenas alguns toques no teclado de um computador para divulgar informações dolorosas e destrutivas de forma anônima, acessível por milhares de pessoas. O *cyberbullying* intensifica na vítima a sensação de que não há saída. Portanto, pode ser mais destrutivo e doloroso do que outras formas de intimidação. As consequências para essas vítimas são devastadoras. Quando o *cyberbullying* ocorre após anos de maus-tratos, algumas vítimas se tornam depressivas e suicidas.

O *cyberbullying* surge de diferentes formas. As crianças estão descobrindo maneiras cada vez mais criativas de usar a tecnologia para ferir outras pessoas. Os ataques podem ser diretos ou indiretos. O *cyberbullying* indireto ocorre quando encontra outra pessoa para fazer as agressões. Na maior parte do tempo, essa pessoa não sabe que está sendo usada pelo agressor. Essa é a forma mais perigosa de *cyberbullying* porque pode envolver adultos que não sabem que estão lidando com uma criança. Às vezes o *cyberbullying* ataca posando de vítima para criar problemas a uma criança inocente. Uma situação comum, nesse caso, é o fato de o agressor poder dar a impressão de que o outro está fazendo algo de errado; os pais são, então, notificados e punem a criança.

Alguns exemplos de *cyberbullying* incluem o uso da internet e tecnologia para:

- ◆ Espalhar fofocas, rumores maliciosos e mentiras;
- ◆ Postar fotos e vídeos difamatórios na web;
- ◆ Enviar e-mails cruéis, maliciosos e feios;
- ◆ Mandar códigos maldosos;
- ◆ Mandar pornografia e outras mensagens instantâneas e eletrônicas de conteúdo reprovável;
- ◆ Fazer-se passar pela vítima;
- ◆ Mandar piadas severas;
- ◆ Postar fotos ou informações constrangedoras;
- ◆ Criar sites com o propósito de humilhar e constranger alguém.

Abaixo temos quadro informativo com alguns tipos, os mais utilizados, de fóruns on-line para atormentar vítimas de *cyberbullying*.

Quadro 01 – Tipos de fóruns on-line

TIPOS	O QUE É?	EXEMPLOS
Blogs	Tipo de registros na web que fornecem as usuários ferramentas para publicar conteúdo pessoal on-line sobre uma ampla variedade de	blogspot

	tópicos, como <i>hobbies</i> , viagens ou projetos profissionais.	
Salas de bate-papo	São locais de encontros virtuais em que os usuários podem encontrar pessoas para conversar on-line. Muitas salas podem acomodar mais de cem usuários simultaneamente.	Salas de bate-papo do UOL; Salas de bate-papo do BOL
Sites de relacionamento	São sites que contém inúmeras informações pessoais, profissionais e sociais dos usuários. Permite criação de álbuns de fotografia e banco de vídeos individuais.	Orkut Facebook Twitter
E-mail	O e-mail (correio eletrônico) é um serviço que permite aos inscritos transmitir mensagens de uma pessoa para outra por meio de um provedor de serviços da internet.	Hotmail Bol Uol Gmail Yahoo
Mensagem instantânea	Essa é uma atividade on-line que permite a duas ou mais pessoas conversarem em tempo real. Os inscritos podem criar uma lista de contatos com aqueles com quem querem se comunicar.	Msn Hotmail Skype
Serviços de mensagens breves (SMS)	Serviço que permite que mensagem de texto sejam enviadas e recebidas por telefone celular.	Claro Oi Tim Vivo

É preciso que pais e educadores fiquem atentos aos sinais de quem está sofrendo de *cyberbullying*. Eis os principais (LOPES NETO, 2005):

A criança ou adolescente:

- recebe muitas ligações telefônicas no celular de um mesmo número.
- passa muitas horas no computador usando salas de bate-papo.
- visita sites que promovem rumores maldosos.
- parece estar perturbado, irritável ou emotivo depois de passar algum tempo no computador.
- fala sobre fotos dele na internet postadas sem sua permissão.
- parece ser sigiloso sobre o uso do computador.
- manda ou recebe mensagens de e-mail com símbolos e códigos.

Em pesquisa feita pela revista *Capricho* com 13.428 meninas por todo o país, constatou-se que 58% das meninas já sofreram *cyberbullying*. A maioria delas teve que lidar com críticas ao seu jeito de ser e depois chorou por dias, mas não fez nada contra os agressores. Em 60% dos casos, eles eram alguém da escola.

Esse tipo de agressão está se tornando generalizado e cada vez mais sofisticado. As investidas se dão principalmente através do celular, já que a maioria dos estudantes o possui. Episódios acontecidos no Japão narram que grupos de alunos, comportando-se como gangues, escolhem suas vítimas e molestam-na de todos os modos. Fotografam-nas e passam a foto aos colegas, pedindo que a agriam e a ofendam. As mensagens são de todos os tipos, desde ofensas pessoais, até sugestões fortes e insinuantes de que o melhor caminho é elas se suicidarem. Muitas das vítimas confessam que já estavam à beira do suicídio e só se salvaram pois conseguiram pedir auxílio aos pais, professores e a outros colegas (FANTE, 2005).

3.4 Os diferentes papéis no *bullying*

Já abordamos o fenômeno *bullying* nas diferentes formas em que ele pode ser praticado (verbal, física, comportamental e eletrônico). Existem, certamente, muitas outras formas de como ele pode se materializar. Podemos entender melhor este fenômeno ao analisarmos os participantes dessa prática e seus diferentes papéis, especificando e aprofundando, dessa forma, esse tipo de ação. Para que o *bullying* ocorra, é necessário que exista uma vítima, que é o alvo das agressões e da violência; e também o autor, que é quem pratica o *bullying* através de atos, em geral repetidos e constantes, contra uma mesma pessoa. Muitas vezes existem também espectadores, que assistem ao que acontece, geralmente sem saber o que fazer.

As **vítimas**, ou **alvos**, do *bullying* são os prejudicados que sofrem as consequências do comportamento agressivo das outras pessoas. Elas, normalmente, passam a demonstrar sentimentos de insegurança e inferioridade, que são incrementados com a intimidação sofrida, o que as impede de reagir ou solicitar ajuda. A baixa autoestima destas pessoas é agravada pelas intervenções críticas, ou pela indiferença por parte dos adultos em relação ao seu sofrimento, o que faz com que algumas acreditem ser merecedoras do que lhes é imposto. As vítimas, de modo geral, possuem algumas características em comum, como aspecto físico mais frágil, timidez, ter poucos amigos, ser pouco sociável, ser quieto e encabulado. Ao sofrer os efeitos do *bullying* elas passam a piorar seu desempenho escolar, recusando-se a ir para a escola. Muitas vezes, chegam a simular doenças, trocam de colégio ou abandonam os estudos, podendo até entrar em depressão.

A vítima típica é aquela que serve de bode expiatório para um grupo. Segundo Fante

a vítima típica é um indivíduo (ou grupo de indivíduos), geralmente pouco sociável, que sofre repetidamente as consequências dos comportamentos agressivos de outros e que não dispõe de recursos, *status* ou habilidades para reagir ou fazer cessar condutas prejudiciais. Suas características mais comuns são: aspecto físico mais frágil que o de seus companheiros; medo de que lhe causem danos ou de ser fisicamente ineficaz nos esportes e nas brigas, sobretudo, no caso dos meninos; coordenação motora deficiente, especialmente entre os meninos; extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos (2005, p.71-72).

Em muitos casos, a vítima relaciona-se melhor com pessoas adultas do que com os seus companheiros.

Os **autores**, ou **agressores**, são pessoas que, comumente, manifestam pouca empatia. Frequentemente pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros, não havendo quase cuidado e preocupação sobre os comportamentos problemáticos dos filhos. Além disso, o modelo para solucionar conflitos é um comportamento agressivo ou explosivo. Os autores também possuem algumas características em comum, como impulsividade, falta de controle de sentimentos de intolerância, baixa resistência a frustrações e ideia de superioridade perante os outros. O desempenho escolar dos agressores pode ser normal, ou até mesmo estar acima da média. Admite-se que os que praticam *bullying* têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos antissociais e/ou violentos, visto que essas atitudes de falta de respeito e violência tendem a se consolidar, transformando-se em esquemas mentais e ações de intimidação sistemática contra aqueles que são mais fracos.

Ainda segundo Fante

O agressor, de ambos os sexos, costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar os conflitos (2005, p. 73).

Normalmente o agressor se apresenta mais forte que seus companheiros e que suas vítimas, em particular. Nas brincadeiras, nos esportes e/ou nas brigas tende a ser fisicamente superior, principalmente os meninos.

Ele [o agressor] sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe. Pode vangloriar-se de sua superioridade real ou imaginária sobre outros alunos. É mau-caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações. Custa a adapta-se às

normas; não aceita ser contrariado, não tolera os atrasos e pode tentar beneficiar-se de artimanhas na hora das avaliações. É considerado malvado, duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas. Adota condutas antissociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de se sentir atraído por más companhias (FANTE, 2005, p. 73).

Já os **espectadores**, ou **testemunhas**, são pessoas que não sofrem e nem praticam o *bullying*, mas convivem em um ambiente onde esta prática se faz presente. Normalmente, calam-se, com medo de se tornarem as próximas vítimas. Apesar de não sofrerem as agressões diretamente, muitos deles podem sentir-se incomodados com o que vêem e inseguros sobre o que fazer. Alguns reagem negativamente diante do *bullying*, por querer que sua escola seja um ambiente seguro, solidário e sem temores. Tudo isso pode influenciar de forma prejudicial sua capacidade de progredir acadêmica e socialmente.

É quem presencia o *bullying* porém não o sofre nem o pratica. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio por temer se transformar em novo alvo para o agressor. Porque mesmo não sofrendo as agressões diretamente, muitos deles se sentem inseguros e incomodados.

De acordo com Fante “alguns espectadores reagem negativamente, uma vez que seu direito de aprender em uma ambiente seguro e solidário foi violado, o que pode influenciar sua capacidade e progresso acadêmico e social” (2005, p. 74).

3.5 Consequências da prática de *bullying*

Quando não há intervenções e programas preventivos efetivos contra o *bullying*, o ambiente escolar torna-se totalmente contaminado e sujeito a diversas consequências. Alguns alunos que testemunham situações de *bullying* podem perceber que o comportamento agressivo dos que o praticam não lhes traz nenhuma consequência, sendo com isso levados a adotá-lo também. Do mesmo modo, é sabido que crianças que sofrem, ou testemunham, situações de *bullying* e violência ficam traumatizadas, podendo ter como reação o choque, o medo, a culpa, a confusão e a raiva (MIDDELTON-MOZ, 2007).

3.5.1 Consequências para a vítima

Na prática do fenômeno *bullying* existem papéis estabelecidos. Cada personagem participante tem uma função reconhecida dentro do fenômeno, bem como consequências específicas para cada papel. Os indivíduos que sofrem *bullying*, ou seja, os alvos imediatos, poderão não superar parcial ou totalmente os traumas sofridos pelo fato de serem vítimas. A não-

superação, seja parcial ou total, dependerá principalmente das características individuais do sujeito, bem como das suas relações com os meios em que vive. Nestes meios, em especial, destacamos as relações familiares que se mostram muito importantes no que se relaciona a ensinar e orientar os filhos e a dar-lhes exemplos que permeiem suas crenças sobre as pessoas e suas relações, bem como sobre a vida (MIDDELTON-MOZ, 2007).

Durante o período escolar, a maior preocupação é a queda do rendimento, assim como a baixa autoestima e a dificuldade na aprendizagem, pois isto altera significativamente a capacidade natural de socialização com os colegas, resultando no isolamento social do indivíduo. Outra consequência gerada para os indivíduos que são alvos da prática é o fato de tal sofrimento interferir no seu desenvolvimento social futuro (FANTE, 2005).

Os efeitos causados em quem sofre a prática do *bullying* não se findam no aspecto do desenvolvimento social. Interferem também no desenvolvimento emocional e comportamental, visto que modificam o comportamento e o pensamento, gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, agressividade, impulsividade, hiperatividade e até abuso de substâncias químicas.

Dos efeitos emocionais sofridos pelos indivíduos que sofrem *bullying*, podemos destacar que as vítimas não raro experimentam sentimentos de baixa autoestima e menos valia, de inadequação, de exclusão, assim como ansiedade e depressão (DEBARBIEUX e BLAYA, 2002). Tais sentimentos podem desencadear também o bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, estresse e sentimentos de vergonha, medo, confusão e vulnerabilidade diante do abuso. Além disso, a vítima pode desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves e, em casos extremos, tentativa ou consumação do suicídio, assim como o homicídio do(s) agressor(es).

Com relação ao desenvolvimento físico do indivíduo que é alvo de *bullying* também há prejuízos, pois ele pode vir a apresentar queixas físicas e o desenvolvimento de sintomatologias e doenças de fundo psicossomático como enurese (eliminação involuntária de urina), taquicardia, sudorese, insônia e cefaleia (FANTE, 2005).

Ainda podemos explorar outros tipos de consequências, tais como a financeira e a social para a vítima e sua família. A necessidade de trocar de escola, em geral, acarreta em mais despesas. Também podemos inferir uma alteração na rotina familiar que, originalmente, encontrava-se organizada e que, possivelmente, será alterada em virtude desta mudança. No aspecto social, uma troca de escola necessita de uma adaptação tanto ao novo ambiente e às regras deste, como aos novos colegas, professores, sendo necessário estabelecer novos laços, ou seja, um entrosamento com pessoas novas. Neste caso, a vítima poderá agir com receio de que práticas de *bullying* ocorram novamente, mostrando-se mais tímida no contato com os novos colegas, não se entrosando adequadamente ou ainda tornando-se novamente vulnerável a práticas violentas.

Embora a troca de escola seja uma solução encontrada para minimizar os confrontos oriundos do *bullying* isto pode ser apenas uma postergação do problema. O agressor pode encontrar outro colega vulnerável e continuará com suas atitudes. O problema permanece, visto que a solução foi apenas de ordem paliativa.

O que abordamos até aqui foi que os efeitos do *bullying* perpassam a vida escolar e tomam proporções maiores, podendo prejudicar o indivíduo em todos os âmbitos de sua vida, pois a possibilidade de crescer com sentimentos negativos, especialmente com baixa autoestima, poderá fazer com que essa pessoa se torne um adulto com dificuldades de relacionamento, depressão e comportamento agressivo. As consequências também podem ser sentidas no trabalho, visto que mais tarde poderá vir a sofrer ou a praticar o *bullying* também em outras situações como no trabalho, na família (podendo não constituir uma família por não saber lidar com as dificuldades e discordâncias de forma tranquila e saudável) e na vida social, pois assume um comportamento agressivo com as pessoas que o rodeiam, afastando-as.

Portanto, os prejuízos se prolongam para muito além do âmbito escolar, prejudicando a saúde física e mental do indivíduo, bem como seu desenvolvimento emocional.

3.5.2 Consequências para o agressor

Outro personagem que está presente na prática do *bullying* é o agressor, que é quem pratica o ato e, ao contrário do que se poderia pensar, também sofre as consequências dessa prática.

No que se refere ao âmbito escolar, o agressor não se adapta aos objetivos escolares e internaliza uma supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, podendo desenvolver habilidades para futuras condutas delituosas, como uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos e a crença de que deve levar vantagem em tudo (FANTE, 2005).

Muitas crianças aprenderam a ser agressivas através de um modelo de referência na família. Assim, quando elas experimentam os sentimentos de medo ou ansiedade, usam a agressão e a violência contra os outros como uma forma de defesa. Torna-se grande a possibilidade destas pessoas virem a projetar essas condutas violentas na vida adulta, adotando atitudes agressivas no seio familiar (violência doméstica), ou no ambiente de trabalho, dificultando as convivências pessoais, profissionais e sociais. Alguns estudos realizados em diversos países já sinalizam para a possibilidade de que indivíduos que praticam o *bullying* na época da escola venham a se envolver, mais tarde, em atos de delinquência ou crime. Esta agressividade pode ainda ser associada ao tipo de aprendizado que a família proporciona, incutindo direta ou indiretamente uma espécie de intolerância ao diferente, fazendo com que a criança, desde muito nova, passe a repetir e a retaliar todos os que forem diferentes dos padrões normais estabelecidos pela cultura e pela sociedade. Ao

projetar tal pensamento para a vida adulta, o opressor pode se tornar um indivíduo preconceituoso e intolerante às diferenças, complicando muito suas relações sociais.

Portanto, comparados aos indivíduos que foram vítimas do *bullying*, os agressores sofrem tanto quanto, já que os efeitos da prática irão provavelmente interferir na vida adulta dessas pessoas, promovendo dificuldades de relacionamento no trabalho, na família e no âmbito social.

3.5.3 Consequências para as testemunhas

Os atingidos pela prática do *bullying* não são apenas aqueles indivíduos que dele participam diretamente, ou seja, os alvos e os autores. As consequências para as pessoas que presenciam ou se comportam passivamente diante dos atos, isto é, todos os que testemunham tais práticas, também se fazem presentes. Com a ocorrência do fenômeno, principalmente dentro do ambiente escolar, o desenvolvimento socioeducacional é prejudicado, visto que os alunos acabam sendo impedidos de frequentar uma escola segura, saudável e solidária, o que deteriora as relações interpessoais (FANTE, 2005). As testemunhas se veem afetadas por esse ambiente de tensão, tornando-se inseguras e temerosas de que possam vir a se tornar as próximas vítimas.

O conflito presente nestes indivíduos está relacionado às dúvidas existentes durante a ocorrência do fenômeno, pois, se eles apóiam o *bullying*, são cúmplices; se apóiam a vítima, podem se tornar alvo; se permanecem em silêncio, podem sentir-se culpados. Este conflito pode promover sentimentos de tristeza, raiva, culpa e vergonha (FRIED e FRIED, 1996 *apud* LAWRENCE e ADAMS, 2006). Dentro do grupo de testemunhas, podem ser notadas aquelas que são reforçadoras da prática de *bullying*, ou seja, aquelas que dão risadas da vítima e incentivam os praticantes e os defensores, que são aqueles que tentam defender as vítimas do *bullying* (DEBARBIEUX e BLAYA, 2002). A maioria dos jovens que são testemunhas opta pelo silêncio, temendo retaliações e que o mesmo ou algo pior aconteça com eles mesmos.

Desse modo, os sentimentos de ansiedade, insegurança e temor também permeiam as testemunhas, fazendo com que o ambiente escolar seja repleto de desconfiança, podendo influenciar suas relações sociais futuras, tornando-os adultos desconfiados e temerosos em suas relações, devido à projeção desta desconfiança.

3.5.4 Consequências para o ambiente escolar

Quando pensamos em fenômenos como o *bullying* nos preocupamos somente com os possíveis efeitos para os indivíduos envolvidos direta ou indiretamente na situação. Esquecemo-nos dos efeitos que podem afetar todo o ambiente. O ambiente tem grande importância e influência no

desenvolvimento do indivíduo, principalmente quando falamos em ambiente escolar, visto que é o local de formação da pessoa.

Por esta razão, devemos pensar nas inúmeras consequências existentes também para o ambiente onde ocorre a prática deste tipo de ato violento. Nas escolas em que se faz presente o ato de *bullying* percebem-se níveis elevados de evasão escolar, visto que não só os alunos que sofrem de *bullying* (os alvos), mas também os alunos que presenciam a prática (as testemunhas) acabam deixando a escola por medo dos alunos que praticam o ato (os autores). Os alvos deixam ou trocam de escola com o intuito de fugir das agressões e as testemunhas acabam tendo a mesma atitude, movidos pelo medo de virem a ser os novos alvos; e quando não abandonam a escola totalmente, começam a faltar muito às aulas, elevando o nível de faltas nas turmas afetadas. No entanto, fugir das agressões e deixar o ambiente escolar provavelmente não resolverá os problemas, visto que estes indivíduos que abandonaram a escola já carregam os efeitos do *bullying* marcados em sua vida e que acompanharão ao longo de sua carreira, assim como o agressor possivelmente escolherá outra pessoa para substituir sua primeira vítima.

Outra consequência, que é direcionada para os professores, mas que afeta também a escola, é o desrespeito dos alunos pelos professores, pois os alunos que praticam o *bullying* não internalizam as questões de ética e respeito ao outro e, desse modo, não respeitam seus iguais nem as autoridades, provocando assim um desgaste na relação professor-aluno. Com o passar do tempo, o professor pode queixar-se dos sintomas de estresse e/ou *Síndrome de Burnout*, uma doença profissional que causa um estresse extremo e que incapacita o profissional de exercer suas atividades laborais, produzindo sintomas como depressão, insônia e irritabilidade.

3.6 Alguns casos de *bullying* e *cyberbullying* divulgados pela mídia

Caso 1: Todos os dias quando se conectava, Thaís dava de cara com mensagens ofensivas nos seus perfis do Orkut e do Twitter. Quem começou com os xingamentos foi o melhor amigo dela e ela não tinha ideia por que ele fez isso. “Um dia, do nada, meu melhor amigo me chamou de falsa e começou a me difamar na escola, dizendo que eu falava mal de todo mundo... Não demorou para todos começarem a me xingar no Orkut e no Twitter. Todo dia, na minha página, havia alguém falando mal de mim. O pior é que, na internet, até pessoas que eram mais tímidas ao vivo aproveitavam para me ofender! Eu tentava deletar todos, mas nada os fazia parar. Até que não aguentei e contei para os meus pais. Minha mãe quis falar com a diretora, mas não deixei. A única saída que encontrei foi mudar de escola. Mesmo assim o *bullying* virtual continuou por um tempo. Isso faz dois anos, mas a dor continua a mesma.” (Thaís, 15 anos, São Paulo –SP) (Anexo A)

Caso 2: Ana Catarina tinha acabado de contar que tinha diabetes quando ganhou de uma colega o perfil falso A Garota Doente. “Logo que descobri que tinha diabetes, me abri com meus amigos e alguns professores. Mas uma menina popular também ficou sabendo e resolveu usar isso contra mim. Começou pela internet, fazendo um perfil no Orkut chamado A Garota Doente com várias fotos minhas. Ela me humilhava, falava que ninguém poderia sair comigo porque ia passar vergonha, já que eu não poderia comer nada. Com isso, as pessoas se afastaram de mim, não me chamavam mais para nada. Fiquei péssima! O pesadelo só acabou quando o caso chegou à diretoria e eles fizeram a tal garota pedir desculpas na frente de todos sob a ameaça de ser expulsa.” (Ana Catarina, 16 anos, São Paulo – SP) (Anexo A)

Caso 3: Ana Eloísa teve uma foto sua incluída em uma montagem pornô. “Há dois anos, uma montagem com uma foto minha foi publicada em um site pornô. Mandaram o link para várias pessoas da escola, entre elas, meu namorado. Ele não acreditou que a imagem era falsa e terminamos. Fiquei tão envergonhada que não consegui contar para meus pais. No fim, foi meu irmão que contou. Eu chorava feito criança e não queria ir à escola. Não suportava a ideia de as pessoas olharem para mim e se lembrarem da foto. Cheguei a faltar uma semana. Me afastei dos meus amigos e quase não saía de casa. Tive até que começar a fazer terapia. Só voltei com meu namorado quatro meses depois. Até hoje tenho muita dificuldade de confiar nas pessoas.” (Ana Eloísa, 18 anos, Curitiba – PR) (Anexo A)

Caso 4: Promessa do esporte, aos 14 anos, o atleta britânico Thomas Daley se destaca nos saltos ornamentais. Representou a Inglaterra nas Olimpíadas de Pequim em 2008. Conquistou medalhas, dinheiro, fama e virou o xodó dos que vibram com jovens talentos. Apesar da técnica perfeita, a carreira do atleta corre perigo. Os pais temem pela saúde dele: mental e física. O motivo? Perseguição. Tudo começou com apelidos bobos, gozação típica de adolescentes imaturos. Mas as ofensas se tornaram mais graves. Daley virou alvo de chacota. Veio a ameaça mais perturbadora: alunos anunciaram que iriam quebrar as pernas dele. O esportista não aguentou. Pediu para sair da escola. (Anexo B)

Caso 5: O nome da comunidade virtual era “Bonde do Capeta”. O próprio nome já assustava. Quinze meninas, com idades entre 13 e 14 anos, faziam parte do grupo. Havia uma lista com os nomes de quem deveria ser agredida – bastava ser bonita e inteligente, segundo as vítimas. As alunas que sofreram as humilhações contam que, durante meses, foram ameaçadas e espancadas pelas colegas de escola: “enquanto a gente não mudar de escola elas não vão sossegar”, conta uma das vítimas. “Elas me pegaram por trás e foi bastante chute, soco, muito puxão de cabelo”, explica outra das vítimas. “Quem queria entrar nesse “bonde do capeta” tinha de bater em menina bonita,

que estuda e que vai arrumadinha para a escola e tinha que tirar sangue delas”, conta uma menina que foi atacada. Os pais, assustados, querem tirar as filhas da escola. (Anexo C)

Caso 6: Recém-chegada aos Estados Unidos, a irlandesa Phoebe Prince, 15 anos, manteve um namoro com um dos garotos mais populares da escola onde se matriculou. Esse foi o motivo que levou um grupo de adolescentes a agredi-la verbal e fisicamente. Cansada, desesperada e com medo da violência, a garota optou pelo suicídio. Phoebe foi encontrada enforcada na escada do prédio onde morava no dia 14 de janeiro de 2010. (Anexo D)

Caso 7: O adolescente Tim Kretschmer, de 17 anos, matou 15 pessoas antes de se suicidar, em março de 2009. Ele invadiu sua antiga escola na Alemanha onde matou 12 pessoas – três professoras e nove alunos. Outra pessoa foi morta na saída da escola e as duas últimas vítimas foram alvejadas em uma loja de automóveis em outra cidade vizinha. Segundo as autoridades, o rapaz teria disparado 60 tiros na escola, e 49 tiros até o momento de seu suicídio. “Estou farto dessa vida”, “todos riem de mim” e “ninguém reconhece meu potencial”, teria dito ele em uma sala de bate-papo. Ele ameaçou que as pessoas deveriam “ficar atentas” para o que aconteceria no dia seguinte. “Vocês vão ouvir falar de mim amanhã. Lembrem do nome do lugar: Winnenden.” (Anexo E)

Caso 8: Quando L.B., 15 anos, entrou na adolescência, uma deformação em sua face direita, fruto de uma doença congênita, começou a motivar piadas por parte dos colegas, especialmente dos meninos. Elas foram se tornando mais cruéis. “Me chamam de feia, boca torta e até perguntam se eu estou grávida na bochecha”, conta a menina, que sofre sem nenhum amparo do colégio estadual onde estuda desde janeiro, em São Paulo. “Aproveitam para me humilhar quando os professores não estão olhando”, diz L.B., que tenta esconder seu rosto com o cabelo. Tímida e sem amigos, ela acredita que pode superar o problema submetendo-se a uma série de cirurgias plásticas, já programadas. As cicatrizes das humilhações que sofre todos os dias, no entanto, ficarão para sempre em sua memória. (Anexo F)

Caso 9: Por quase uma década, o administrador de empresas C.J., 28 anos, tinha medo até de atender o telefone de casa. Os trotes dos colegas de classe eram um tormento. Ele se tornou alvo constante de humilhações e ameaças simplesmente porque tirava notas altas e os estudantes o achavam “bonzinho demais”. De uma cidade no litoral paulista, mudou de colégio duas vezes, mas sua fama migrava com ele. Ao esbarrar com alguém que sabia de seu histórico, o roteiro do *bullying* se repetia. Várias vezes, ele fingia estar doente para não ir à escola. Chegou até a desistir de participar da viagem de formatura do colégio por medo. “Disseram que, se eu fosse, a

experiência seria um inferno”, rememora. Apesar de hoje levar uma vida normal, o administrador ainda guarda as sequelas. “Quando vejo um grupo rindo do meu lado, acho que é comigo”, ele diz. (Anexo F)

Caso 10: Há mais de um ano, o gaúcho M.T., 14 anos, tornou-se alvo de ofensas anônimas em redes sociais. Dois meses depois, as humilhações deixaram o ambiente virtual. Numa festa, o garoto apanhou de um colega mais velho diante de toda a turma. O próprio agressor identificou-se como o autor dos xingamentos on-line. “Passei a ser perseguido por todo o grupo dele. Até os meus amigos estão com medo de andar comigo”, conta. Procurada pelos pais, a direção do colégio particular onde ele estuda, em Porto Alegre, só deu atenção ao caso quando soube que estava prestes a parar na polícia. A única providência foi reunir agressor e vítima para selassem as pazes. M.T. continua sendo agredido e a escola limitou-se a sugerir que os pais contratassem um segurança particular. (Anexo F)

Caso 11: Na escola do bairro do Realengo, no Rio de Janeiro, onde cursou o ensino fundamental, Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, futuramente cometeria um enorme massacre. O rapaz era conhecido como “esquisitão da turma”. Em casa vivia pendurado na barra da saia da mãe, testemunha de Jeová, e usava camisa e calça sociais mesmo nas poucas festas em que aparecia. Com o tempo passou a usar somente roupas pretas. No dia 07 de abril de 2011, às 8h11min, Wellington entrou na escola, adentrou uma sala de aula, sorriu e avisou: “Vim dar uma palestra”. Em seguida, abriu a sacola que havia depositado sobre a mesa da professora, sacou um revólver calibre 38 e atirou contra a cabeça de uma aluna e depois de outra – as primeiras duas crianças de doze que ele matou. Na véspera do crime, já com a longa barba que deixara crescer raspada, para não chamar a atenção quando chegasse à escola, ele diz em carta deixada: “Eu fui fraco, fui medroso, mas me tornei um combatente, uma pessoa forte, corajosa, que tem como objetivo a defesa dos irmãos fracos que ainda se encontram incapazes de se defender”. Também parabeniza o “irmão” Casey Heynes, um australiano de 15 anos que reagiu violentamente contra um colega que o submetia a constantes humilhações. (Anexo F)

CAPÍTULO IV. O *BULLYING* ESCOLAR: CONTROLE, LIMITES E LEIS

O *bullying* é comum nas escolas e, por ocorrer com vítimas crianças e adolescentes, possui maior visibilidade, mas existe em outros ambientes também, como o profissional, o esportivo, o religioso, o militar, entre outros.

É comum entre os alunos de uma classe a existência de diversos conflitos e tensões. Há, ainda, inúmeras outras interações agressivas, às vezes como diversão ou como forma de autoafirmação e para comprovarem as relações de força que os alunos estabelecem entre si. Caso exista na classe um agressor em potencial, ou vários deles, seu comportamento agressivo influenciará nas atividades dos alunos, promovendo interações ásperas, veementes e violentas. Devido ao temperamento irritadiço do agressor e à sua acentuada necessidade de ameaçar, dominar e subjugar os outros de forma impositiva pelo uso de força, as adversidades e as frustrações menores que surgem acabam por provocar reações intensas. Às vezes, essas reações assumem caráter agressivo em razão da tendência do agressor a empregar meios violentos nas situações de conflitos. Em virtude de sua força física, seus ataques violentos mostram-se desagradáveis e dolorosos para os demais. Geralmente o agressor prefere atacar os mais frágeis, pois tem certeza de dominá-los, porém, não teme brigar com outros alunos da classe: sente-se forte e confiante (FANTE, 2005).

Quanto aos demais alunos, acabam se tornando testemunhas, vítimas e coagressores dessa cruel dinâmica. Se não participarem do *bullying*, podem ser as próximas vítimas. Não denunciam e se acostumam com essa prática violenta, podendo até encará-la como normal dentro do ambiente escolar (e um dia até no ambiente de trabalho). O *bullying* acaba criando um ciclo vicioso, arrastando os envolvidos cada vez mais para o seu centro.

4.1 A escola e os controles sociais

O sistema social, na criminologia, passa por vários controles que evitam ou reprimem a ocorrência de crimes. Os controles sociais podem ser formais, realizados pelo Estado com coerção, como o sistema prisional, e informais, meio familiar, escola, religião, sem a imposição de uma sanção como a pena de prisão.

O nosso sistema prisional não funciona. Cada vez, mais prisões são construídas, mais pessoas são processadas e os crimes não diminuem. As causas disso são muitas, mas uma bem visível é o sobrecarregamento de funções do sistema de controle formal. O sistema informal funciona bem nas cidades pequenas ou médias, mas nas cidades grandes ele é muito tênue. Nesses

casos o que ocorre é que o sistema de controle formal fica sobrecarregado e ele, então, não funciona bem. A prisão só deve ser destinada para os casos mais graves, mas se o sistema prisional está sobrecarregado porque o sistema prisional não funciona bem, ele também vai ficar sobrecarregado e não funcionará como esperamos e precisamos.

A escola passa por um problema parecido. Só que uma situação que está dentro do mesmo sistema de controle social, que é o informal. O que se vê hoje é que muitas famílias não fazem a sua parte na educação de seus filhos e querem passar essa responsabilidade para a escola (ZAGURY, 2009).

É como se a irresponsabilidade e omissão de alguns desses pais e mães quisesse “privatizar” o problema. Eles alegam falta de tempo, atenção, novos valores dos jovens, o que puderem, para se eximir de sua responsabilidade como pais. Conhecemos bem esses tipos. Nunca vão às reuniões com os professores, são os primeiros que reclamam quando a escola pretende fazer uma mudança para melhorar, adoram falar de direitos (e sempre esquecem de falar de deveres), alteram a voz na “defesa” de seus filhos, ameaçam processar as pessoas por qualquer motivo, entre outros. Não procuram saber com quem o filho anda e nem como está o comportamento do mesmo na escola ou na rua.

O que ocorre, em grande número de situações, é que esses pais se omitem de seus deveres de educar os filhos e tentam empurrar essa missão para o sistema de ensino, que já está sobrecarregado por outra série de fatores próprios. Ou seja, não há como o sistema escolar executar suas funções e as de outro (familiar) ao mesmo tempo. Isso dificulta o bom desempenho do sistema de ensino.

Na família moderna, em numerosos casos, falta o amor. Poder-se afirmar que todos fingem não saber que o prazer é apenas um artifício criado pela natureza para obter dos seres vivos a preservação da vida. O prazer de se alimentar, que mantém vivo o corpo, e o prazer sexual, que leva à reprodução, são imperativos de nossa condição animal (ZAGURY, 2009).

Jean-Jacques Rousseau, filósofo, sociólogo e pedagogo francês (1712-1778), sustentava a ideia de que o homem nasce bom, a sociedade o corrompe. Para ele o homem bom é aquele que se encontra no estágio primitivo, que não foi contaminado pela “civilização”. Essa é a origem do mito do bom selvagem. Mas não se pode voltar jamais para o estágio primitivo, é preciso melhorar a sociedade.

No pensamento de Chalita (2001) a família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Os filhos se espelhando nos pais e os pais desenvolvendo a cumplicidade com os filhos. A família é um espaço em que as máscaras devem dar lugar à face transparente, sem disfarces. O diálogo não tem preço. Se em outros tempos bastava um olhar severo para corrigir o comportamento o comportamento, hoje se vive na era do “porquê”.

A família autoritária perpetua a sociedade autoritária. Faz permanecer na mente de seus membros os ideais de obediência e submissão, de cópia sem questionamento dos padrões estabelecidos. O indivíduo que somente aprende a obedecer não estará preparado para a sociedade complexa deste novo milênio.

A preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família. É essa a célula-mãe da sociedade, em que os conflitos necessários não destroem o ambiente saudável. O conflito de gerações por vezes faz com que os pais queiram viver a vida dos filhos e vice-versa.

Nem a indiferença, nem o amor exagerado, opressor; a grande conquista é o equilíbrio, a serenidade, o bom senso. O respeito, que faz com que o tom de voz seja brando, que os espaços não sejam invadidos e a liberdade ensaie seus primeiros vôos em casa.

4.2 Limites na democracia e omissão familiar

Temos muitas leis no Brasil. Muitas são bem avançadas e muitas também não funcionam na prática. Saímos de uma ditadura militar, onde não tínhamos muitos direitos, e vivemos em uma democracia.

Democracia significa ser sujeito de direitos e deveres. Muitos gostam de lembrar que têm direitos, mas se esquecem dos deveres. Temos deveres na democracia, tais como, de não causar prejuízo a terceiros, de agir com responsabilidade no trânsito, servir como jurados em tribunais de júri, agir com probidade no exercício de qualquer função pública, votar na escolha de nossos representantes (CHALITA, 2001).

Os jovens de hoje, em sua grande maioria, não conheceram a ditadura. Só conheceram a democracia e, em muitos casos, pensam que o mundo sempre foi assim. Encontraram um mundo que evoluiu graças aos sacrifícios anteriores de líderes, movimentos sociais, gerações inteiras. Para muitos, tudo está ao alcance de um botão de computador e o estabelecimento de limites ficou em segundo plano.

É um mundo consumista, onde o “ter” acaba para muitos sendo preponderante sobre o “ser”. Nesse mundo consumista e volátil o jovem quer tudo a tempo e à hora. Ao chegarem no mercado de trabalho não querem evoluir em uma grande empresa, pois pensam mesmo é nos ganhos imediatos. Podemos constatar isso no perfil das pessoas que tentam vagas em cargos públicos. Alguns não têm o mínimo perfil para atuarem no serviço público, mas estão atrás dos salários e da estabilidade (ZAGURY, 2009).

Os problemas dos limites são conhecidos dentro das escolas e têm relação direta com o *bullying*. O que notamos é que os pais não tratam desse assunto em casa com os filhos. Deixam

para os filmes, novelas, escola, amigos, igrejas, entre outros, o estabelecimento desses limites, como se isso não fosse assunto de sua responsabilidade. Os limites começam a ser estabelecidos dentro de casa e os pais não podem se furtar a essa responsabilidade.

É fundamental acreditar que dar limites aos filhos é iniciar o processo de compreensão e apreensão do outro (na atualidade muita gente acredita que o limite provoca necessariamente um trauma psicológico e, em consequência, acaba abrindo mão desse elemento fundamental na educação). Ninguém pode respeitar seus semelhantes se não aprende quais são seus limites – e isso inclui compreender que nem sempre se pode fazer tudo o que se deseja na vida. É necessário que a criança interiorize a ideia de que poderá fazer muitas, milhares, ou a maioria das coisas que deseja – mas nem tudo e nem sempre. Essa diferença pode parecer sutil, mas é fundamental. Entre satisfazer o próprio desejo e pensar no direito do outro, muitos tendem a preferir satisfazer o próprio desejo, ainda que, por vezes, prejudique alguém (ZAGURY, 2009).

Conhecemos o resultado disso como professores. Falta de educação e respeito com os colegas e professores são muito comuns hoje no sistema escolar. E essa realidade não se refere apenas à crianças e adolescentes. Em várias faculdades basta um professor aplicar uma nota ruim em uma sala que a “fúria” de alunos adultos (ou não) se reúne com um abaixo-assinado para tirar o professor alegando sempre incompetência pedagógica.

Os próprios alunos não conseguem diferenciar os limites entre brincadeiras, agressões verbais relativamente inócuas e maus-tratos violentos. Tampouco percebem que pode existir uma escala de crescimento exponencial dessas situações. Também indicam que as escolas não estão preparadas para evitar essa progressão em seu início, nem para clarificar aos alunos quais são os limites e quais são as formas estabelecidas para que sejam respeitados por todos.

A própria atitude de negação, muito comum dos jovens da prática do *bullying*, afirmando que se trata apenas de uma “zoação”, demonstra como se tenta descaracterizar uma ação violenta e proibida por lei para uma pequena ação de somenos importância. Zoar é tentar esconder por trás disso uma série de ações violentas que machucam as vítimas e perturbam a tranquilidade do ambiente escolar.

Quando os pais não conseguem delimitar de forma clara as fronteiras entre o que se pode e o que não se pode fazer, eles se tornam incapazes de exercer uma ação educativa eficaz. Os pais podem até, de forma momentânea, obter um clima doméstico mais calmo e livre de conflitos diários. No entanto, isso impede o amadurecimento de seus filhos dentro dos processos evolutivos inerentes ao ser humano, o que desfavorece laços relacionais estruturados no verdadeiro diálogo, na responsabilização e na futura independência afetiva e financeira da família (SILVA, 2010, p. 62).

As consequências dessa renúncia dos pais aos seus papéis de educadores são, no mínimo, desastrosas, para não dizer explosivas. Resultam em filhos egocêntricos, sem qualquer noção de limites, totalmente despreparados para enfrentar os desafios e obstáculos inerentes à própria vida. Sem contar com o pior: filhos viciados em substâncias químicas ou em comportamentos que lhes garantam prazer imediato e inconsequente (CHALITA, 2001).

As vítimas já não aceitam em silêncio as humilhações, os professores reagem e exigem um ambiente de ensino plural, as escolas investem em campanhas de prevenção e a Justiça é acionada cada vez mais para punir os agressores pela falta de limites no *bullying*. O Brasil demorou quase trinta anos para enfrentar o *bullying*, mas nos últimos três a cinco anos avançamos muito e com força para reprimir essas condutas ilícitas.

Aparentemente, a questão da indisciplina em sala de aula nos parece muito simples: basta que os alunos prestem atenção às aulas, respeitem o professor, ajudem a conservar o ambiente escolar e tudo estará resolvido. A questão passa a ser complexa quando pensamos na infinidade de variáveis que influenciam o processo de ensino e aprendizagem (ZAGURY, 2009).

Hoje sabemos que as questões sociais e econômicas não são os fatores que diferenciam a classe disciplinada da classe indisciplinada, pois tanto nas escolas públicas quanto nas particulares nos deparamos com o mesmo problema. Na verdade, o problema é complicadíssimo, pois envolve a formação do caráter, da cidadania e da consciência do sujeito.

No pensamento de Oliveira (2006) se o que desejamos é uma classe disciplinada, onde os alunos sejam participantes do processo educativo e trabalhem coletivamente com autonomia e solidariedade, precisamos desenvolver em nossos alunos atitudes positivas baseadas no respeito, na responsabilidade e na compreensão que a aprendizagem implica na construção do conhecimento e é fator primordial na formação do caráter. O que queremos é uma aprendizagem significativa, criativa e duradoura. Nossos alunos deixarão de ser indisciplinados quando forem capazes de comandar a si mesmos, quando tiverem uma regra de vida e um objetivo a ser alcançado.

A família precisa readquirir a prática do diálogo, desligando a televisão e discutindo, sem hipocrisia, o consumismo, contra valores, exploração da sexualidade, mentiras do sistema. Os pais precisam estabelecer limites e desenvolver hábitos básicos de respeito cívico, com solidariedade e amor ao próximo (CHALITA, 2001).

O professor precisa resgatar a sua importância como agente educador e valorizar-se. Precisa acreditar que as coisas podem mudar através de um trabalho significativo e comprometido em formar uma sociedade melhor. Deixar de lado a postura de conformado (“Hoje em dia indisciplina é normal...”), de acusador (“Os pais são os responsáveis; é a direção que não faz nada; é o sistema...”) e assumir o papel de profissional da educação, que é confiante no seu trabalho, é dedicado e motivador (ZAGURY, 2009).

A realidade pode ser mudada. Precisamos crer no mundo e na humanidade. Como afirma Freire “Ninguém disciplina ninguém. Ninguém se disciplina sozinho. Os homens se disciplinam mediados pela realidade” (2001, p. 79). Indisciplina se “combate” com consciência e interação social, com costumes e práticas positivas em sala de aula e em casa. Não podemos nos acomodar e nos submeter, já que acreditamos na nossa capacidade de transformação moral, social e política.

4.3 O *bullying* e as escolas

O ensino no Brasil passa por uma fase muito difícil. Os atuais alunos não estão habituados a respeitar limites, e isso já começa em casa, onde alguns pais não fazem a sua parte. As crianças fazem o que querem, chegam à escola e reproduzem esses comportamentos.

Até bem pouco tempo, o aprendizado do conteúdo programático era o único valor que importava e interessava na avaliação escolar. Hoje é preciso dar destaque à escola como um ambiente no qual as relações interpessoais são fundamentais para o crescimento dos jovens, contribuindo para educá-los para a vida adulta por meio de estímulos que ultrapassam as avaliações acadêmicas tradicionais (testes e provas). Para que haja um amadurecimento adequado, os jovens necessitam que profundas transformações ocorram no ambiente escolar e familiar. Essas mudanças devem redefinir papéis, funções e expectativas de todas as partes envolvidas no contexto educacional (SILVA, 2010, p. 63).

Além de sobrecarregados pela omissão educacional de alguns pais, o sistema escolar enfrenta novos desafios, mais e mais funções para os professores, aumento da violência social e da provocada pelo *bullying* também. Menos diálogo, mais conflitos. Ser professor é cada vez mais difícil, pois se exige cada vez mais do profissional e pouco se fez na melhoria de suas condições de trabalho. O *bullying* acaba sendo mais um problema, um círculo vicioso dentro do ambiente escolar, onde os agressores sempre tentam arrastar mais vítimas para o seu campo de ação. O problema cai quase sempre nas mãos dos professores. São eles que tomam contato primeiro com o problema, ora sendo procurados pelas vítimas, ora percebendo que um conflito está no ar (SILVA, 2010).

Para romper aos poucos com o ciclo vicioso, cada parte deve examinar sua própria contribuição involuntária para o padrão e fazer algo diferente que tenha mais chances de reduzir o problema exteriorizado. É necessário que abandonem essa postura de culpar uma à outra e caminhem em direção a uma compreensão mais profunda do problema que há entre elas.

Cléo Fante e Pedra explicam que os espectadores representam a maioria dos alunos de uma escola: “Eles não sofrem e nem praticam *bullying*, mas sofrem as suas consequências por

presenciarem constantemente as situações de constrangimento vivenciadas pelas vítimas” (2008, p. 61). Muitos espectadores repudiam as ações dos agressores, mas nada fazem para intervir. Outros as apoiam e incentivam dando risadas, consentindo com agressões. Outros fingem se divertir com o sofrimento das vítimas, como estratégia de defesa. Esse comportamento é adotado como forma de proteção, pois temem tornarem-se as próximas vítimas.

O sofrimento emocional e moral (até físico, eventualmente) da vítima são patentes. É comum que a vítima mantenha a *lei do silêncio*, pois, na maioria das vezes, as agressões são apenas morais e não deixam vestígios. Ela tem medo e vergonha de falar sobre as humilhações e, em muitos casos, teme que o problema se agrave se for tornado público. Outras vítimas temem, inclusive, a reação desproporcional ou escandalosa dos pais e preferem ficar em silêncio. Por último, muitas vítimas temem que a escola não possa fazer nada para ajudá-las.

Uma pesquisa da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência – ABRAPIA – aponta que os locais mais comuns onde ocorre o *bullying* escolar são: sala de aula (60,2%), recreio (16,1%), portão (15,9%) e corredores (7,8%). Essa pesquisa realizada pela ABRAPIA condiz com as pesquisas realizadas por Dan Olweus, no sentido de que os atos de *bullying* ocorrem majoritariamente dentro da escola, e não no caminho para e da escola.

O *bullying* pode ser visto em qualquer vizinhança, escola e sistema educacional. Para impedi-lo e reduzi-lo é preciso haver um esforço sistemáticos em cada estabelecimento. Deve haver um comprometimento de todos no sentido de impedir e interromper o *bullying*. É preciso que os adultos, se envolvam, inclusive os pais e outras pessoas da comunidade. Esse tipo de compromisso nem sempre existe (BEANE, 2010, p. 10).

4.4 Os perigos da exposição ao *bullying* escolar

A questão da infância e da juventude é ponto central para compreendermos alguns dos (inúmeros) fatores que podem influenciar efetivamente a prática futura de infrações criminais.

Como adultos temos o péssimo hábito de subavaliarmos a capacidade de compreensão das crianças dos fatos que acontecem ao seu redor. As crianças são muito mais expertas do que imaginamos. Elas acompanham o que ocorre ao seu redor pela curiosidade natural da idade. É fundamental que sejam orientadas, pois se ficam expostas em um ambiente onde ocorrem atos de *bullying*, podem passar a reproduzir futuramente essas condutas negativas por não terem sido orientadas adequadamente.

Além dos *bullies* escolherem um aluno-alvo que se encontra em franca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa autoestima. A prática do *bullying* agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou

comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis (SILVA, 2010, p.25).

Para simplificarmos de forma objetiva a questão da reprodução da violência no ambiente escolar, poderíamos falar de dezenas de abordagens, o que foge do caráter sintético desta dissertação. Vítimas e espectadores submetidos aos atos de *bullying*, comportamento social desviante (podendo até ser criminoso quando envolve adultos) adquirem um novo modelo de comportamento pela observação do comportamento de outros. Esse modelo de comportamento do *bullying* não necessita ser reforçado. Elas passam a internalizar que tal conduta é “permitida”, mesmo sendo efetivamente desviante, e que tais ações de exploração do mais fraco, do diferente, do deficiente físico são válidas para o seu grupo.

Os seres humanos aprendem observando. A aprendizagem pela observação viola o pressuposto tradicional da teoria da aprendizagem – segundo o qual a aprendizagem só ocorre se existir reforço.

Para Chalita (2008) a criança é como uma esponja, que vai sugando o que percebe, ouve, sente. A forma como os pais se tratam e tratam os outros, comentários sobre culturas diferentes, posicionamentos ideológicos contra determinada classe social, condição econômica, gênero, etnia, orientação sexual, vão, aos poucos, povoando uma mente que ainda não tem poder para separar o joio do trigo. Além da covardia com que alguns maridos tratam suas mulheres, ou vice-versa. Palavra tem mais poder do que se imagina. A criança vai absorvendo um conceito de homem ou de mulher que não necessariamente se coaduna com a realidade. Repete esse aprendizado na escola, julgando como imagina ser o correto, com base naquilo que percebeu dos pais.

Nesse contexto, zelar para que as crianças não sejam autores, vítimas e nem expostas a atos de *bullying* é fundamental para que não se tornem adultos agressivos e problemáticos.

4.5 O *bullying* e a legislação

As práticas de *bullying* colidem frontalmente com direitos fundamentais previstos no art. 5º da Constituição Federal de 1988, devendo ser, também, por isso, coibidas e combatidas por todos os brasileiros.

Nesse sentido, podemos citar, entre outras normas, que os atos de *bullying* violam os seguintes direitos fundamentais constitucionais:

Art. 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

II – ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III – ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

(...)

X – são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurando o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

(...)

XV – é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens;

(...)

XX – ninguém poderá ser compelido a associar-se ou a permanecer associado;

(...)

XLI – a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;

XLII – a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei.

Além da Constituição Federal – CF, o Código Civil – CC, o Código Penal – CP, o Código do Consumidor, entre outras leis, determinam a punição (cada um em sua área) de práticas de *bullying* sendo que o assunto começou tímido nos tribunais, mas nos últimos cinco anos rompeu os obstáculos iniciais e decisões coibindo o *bullying* (nos mais diversos ambientes) começam a surgir, sinalizando que o Poder Judiciário não irá tolerar tais condutas, punindo, assim, os responsáveis.

As práticas de *bullying* acarretam uma série de sanções para os seus autores (ou seus responsáveis legais), podendo gerar sanções administrativas, trabalhistas, civis ou criminais, dependendo do grau e extensão dos danos causados às vítimas.

Segundo a lei brasileira, aquele que, por ato ilícito, causar dano a outrem, fica obrigado a repará-lo. Haverá obrigação de repara o dano, independentemente de culpa, nos casos especificados em lei, ou quando a atividade normalmente desenvolvida pelo autor do dano implicar, por sua natureza, risco para os direitos de outrem (Art. 927 do Código Civil).

Os atos de *bullying* configuram atos ilícitos, porque não estão autorizados pelo nosso ordenamento jurídico. Pelo contrário, os atos de *bullying* são proibidos por desrespeitarem princípios constitucionais (ex.: dignidade da pessoa humana) e o Código Civil é claro ao determinar que todo ato ilícito que cause dano a outrem gera o dever de indenizar.

De acordo com o art. 928 do CC o incapaz responde pelos prejuízos que causar, se as pessoas por ele responsáveis não tiverem obrigação de fazê-lo ou não dispuserem de meios suficientes.

Como regra, somos responsáveis somente por nossas atitudes. Mas há momentos em que o indivíduo pode responder por danos provocados pela conduta de outra pessoa. Isso ocorrerá sempre que faltarmos com o dever de bem vigiar ou escolher.

São também responsáveis pela reparação civil (art. 932 do CC):

- I – os pais, pelos filhos menores que estiverem sob sua autoridade e em sua companhia;
- II – o tutor e o curador, pelos pupilos e curatelados, que se acharem nas mesmas condições;
- III – o empregador ou comitente, por seus empregados, serviços e prepostos, no exercício do trabalho que lhes competir, ou em razão dele;
- IV – os donos de hotéis, hospedarias, casas ou estabelecimentos onde se albergue por dinheiro, mesmo para fins de educação, pelos seus hóspedes, moradores e educandos;
- V – os que gratuitamente houverem participado no produtos do crime, até a concorrente quantia.

Em todos esses casos a culpa não interessa a não ser para efeito de ação regressiva, se for o caso. Por outros termos, não interessa se os pais ou o empregador agiram ou não com culpa. Deverão pagar a indenização. No caso dos pais, não há direito de regresso contra os filhos. No caso do empregador, a ação regressiva será bem fácil, uma vez que a prova da culpa do empregado já terá sido feita na ação da vítima de dano (FIUZA, 2008). Ou seja, no caso dos pais, não poderão alegar que os filhos praticavam atos de *bullying*, gerando dano, contra terceiros e nada sabiam, pois há o dever de supervisionar os filhos. Os pais devem orientar os filhos para que não sejam vítimas e, também, para não se tornarem nunca agressores. Havendo dano causados por seus filhos menores, por atos de *bullying*, é o caso dos pais indenizarem a vítima.

Os bens do responsável pela ofensa ou violação do direito de outrem ficam sujeitos à reparação do dano causado; e, se a ofensa tiver mais de um autor, todos responderão solidariamente pela reparação. São solidariamente responsáveis com os autores e coautores e as pessoas designadas no art. 932 do Código Civil.

O direito de exigir reparação e a obrigação de prestá-la transmitem-se com a herança. O valor da indenização será decidido pelo Poder Judiciário, que o fará baseado unicamente nas provas produzidas pelas partes em juízo. Daí a importância de se instruir a ação com depoimento de testemunhas (que saibam informações concretas sobre os atos de *bullying*, como datas, lugares, horários), documentos médicos e laudos psicológicos, cópia de cartas, fotografias, bilhetes, memorandos, os quais serão analisados com cautela na Justiça.

Em maio de 2010 um juiz de direito estadual em Belo Horizonte (MG) condenou os pais de um agressor de *bullying* escolar a indenizar a família da vítima em R\$ 8.000,00. A escola foi absolvida, mas no caso ainda cabe recurso.

Quase uma década após sofrer agressões que culminara numa grave ferida na cabeça, provocada por um lápis afiado, Júlia Affonso se tornou um caso raro no país. Em abril de 2011 a Justiça do Rio de Janeiro condenou o colégio católico onde ela cursou as primeiras séries do ensino fundamental a lhe pagar uma indenização no valor de 35.000,00. A razão: negligência no enfrentamento do *bullying* que ela sofreu durante um ano, sem trégua. Sua mãe implorava às freiras que tomassem providências, mas ouvia: “É tudo brincadeira de criança!”. Júlia tinha 7 anos quando isso aconteceu e sofria horrores. Vivia deprimida, isolada do mundo e precisou de ajuda psicológica (Anexo F).

O ideal é sempre buscar a mediação, um acordo, uma pacificação para o conflito e, somente em último caso, o ajuizamento da ação judicial que poderá demorar anos para ser resolvida. Infelizmente, ainda há muitos recursos hoje que podem fazer uma ação desse tipo demorar cinco a oito anos para uma solução definitiva.

No Piauí foi aprovado no dia 1º de março de 2011 na Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia Legislativa do Piauí (ALEPI) um projeto de lei de autoria da deputada estadual Lilian Martins (PSB) com o objetivo de combater a prática de *bullying* nas escolas de ensino fundamental e médio. Segundo as justificativas da deputada para a proposição do projeto, o Piauí é hoje o 10º lugar no ranking de agressão que caracteriza o *bullying* (Anexo G).

CAPÍTULO V. A PESQUISA DE CAMPO

A presente pesquisa foi realizada em duas escolas da rede estadual de ensino de São João do Piauí, ambas oferecem o Ensino Médio na modalidade regular. A escolha dessas duas escolas deu-se pela localização, ambas ficam na região central da cidade e, por conta disso, tornou-se mais fácil o acesso às escolas, o colhimento dos dados e às observações realizadas *in loco*.

Para manter o sigilo com relação às escolas pesquisadas chamaremos uma de Escola Estadual 1 (EE1) e a outra de Escola Estadual 2 (EE2). As duas escolas assemelham-se quanto à estrutura física. Salas de aula amplas, carteiras em bom estado para uso, salas administrativas suficientes, boas condições de banheiros, segurança regular. Quanto aos espaços para intervalos e realização de eventos somente a EE2 possui de forma mais aprazível e suficiente.

Foram entrevistados um total de 20 professores (10 da escola EE1 e 10 da escola EE2) e 71 alunos (41 da escola EE1 e 30 da escola EE2, sendo 32 meninos e 39 meninas). As entrevistas foram realizadas através de questionários escritos (Apêndice A e B), todos preservando a identidade dos entrevistados. Para autorização de uso das entrevistas foi solicitado de todos, professores e alunos, assinatura em termo de consentimento para divulgação (Apêndice C e D). Os alunos menores de idade tiveram seus termos assinados por um responsável.

Ambas as escolas possuem um quadro de professores formado, em sua maioria, por profissionais habilitados para a área que exercem a docência. Os gestores são compromissados com a educação, especializados em gestão educacional, o que faz uma sutil diferença no momento de tomadas de decisões.

A entrada e permanência nas escolas para a realização dessa pesquisa foram totalmente pacificadoras. Fomos recebidos com respeito, carinho e confiança por todos que fazem as duas unidades escolares. Em nenhum momento foi colocado nenhuma obrigação de as escolas terem de aceitar a presença do pesquisador, observando os corredores, as aulas, as repartições das escolas, perguntando tudo a todos, questionando rotinas e solicitando respostas sinceras aos questionários oferecidos.

Durante observações feitas nos espaços externos e internos às salas de aula, percebeu-se alguns comportamentos suspeitos quanto à prática de *bullying*. Brincadeiras de mau gosto, zombarias com colegas aparentemente mais frágeis, pequenas ameaças para que colegas disponibilizassem tarefas e trabalhos como também “colas” em avaliações.

Observou-se, também, um certo distanciamento de docentes e gestores na resolução de problemas dessas naturezas. A maioria sempre encara esses acontecimentos como “algo natural”,

“coisas de meninos”. Sempre achando que aquilo não terá nenhuma intervenção social, física ou psicológica na vida dos envolvidos.

Dos professores entrevistados 4 têm entre 18 e 25 anos; 6 têm entre 25 e 30 anos; 8 têm entre 30 e 40 anos; e 2 têm mais de 40 anos. Grande parte dos entrevistados são professores com uma certa experiência na docência. Somente 2 dos professores entrevistados estão em início de carreira com menos de 5 anos de magistério, o que nos faz reafirmar que quase todos os professores já passaram por situações identificadoras como *bullying* e, no entanto, poucos entendem isso como algo que merece atenção e cuidado.

No quesito qualificação somente 4 dos professores pesquisados possuem apenas graduação, todos os demais já concluíram algum curso de especialização, o que deveria ser um fator de colaboração para o combate ao *bullying*. Um fator que merece atenção é o fato de que a maioria dos professores entrevistados, 12, serem contratados pelas escolas apenas em regime temporário, ou seja, a maioria dos docentes não faz parte do quadro definitivo das escolas. As constantes mudanças de professores contribuem para o fracasso no combate à existência do *bullying* pelo fato de que as ações preventivas e de combate precisam ser constantes e contínuas. Quando o professor muda constantemente de lotação, perde-se o foco dos trabalhos outrora realizados e os resultados ficam comprometidos.

Para fins de melhor compreensão e entendimento, resolvemos subdividir este capítulo em dois subtítulos para que os resultados dos questionários realizados com professores e alunos possam ser melhor analisados.

5.1 O *bullying* na visão do docente

Como já foi citado a presente pesquisa trabalhou com a visão de um total de 20 professores, sendo 10 de cada escola pesquisada. Não se percebeu resistência nem, tampouco, má vontade dos docentes em participarem das entrevistas. Optou-se pelo questionário escrito com perguntas mistas por deixar os entrevistados mais à vontade em responder com sinceridade e sigilo.

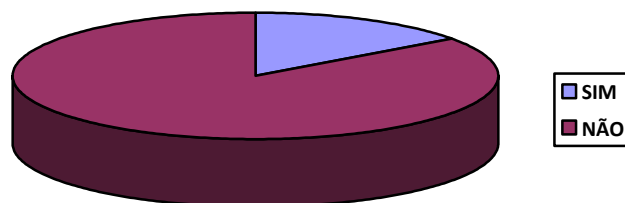
Foram um total de 12 perguntas que serão abaixo resumidas em dados gerais e, posteriormente, analisadas. Algumas perguntas trazem como resposta trechos fiéis dos depoimentos dos docentes.

Pergunta 1: Já participou de algum programa preventivo ou de redução da violência?

SIM: O que motivou sua participação?

NÃO: Por quê?

Gráfico 1 – respostas dos docentes à pergunta 1

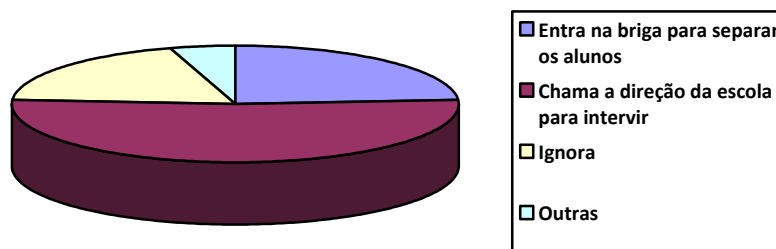


Somente 3 dos professores entrevistados afirmaram já ter participado de alguma ação preventiva ou de combate à violência. Segundo eles, já participaram de projetos interdisciplinares com foco no combate a diversos tipos de violência. Os demais afirmaram nunca terem tido acesso ou oportunidade a qualquer que fosse a ação voltada para o combate ao *bullying*. Alguns foram categóricos em dizer que é função da gestão das escolas oferecer e exigir que os seus professores realizem ações desse tipo. Outros alegaram que executam individualmente ações contra a violência escolar e/ou social.

É difícil para o professor realizar um projeto sozinho. (...) Acho que a gestão da escola é quem tem a obrigação de elaborar projetos e solicitar que os professores participem. Assim fica mais fácil de os professores executarem algum projeto (...) (Professora G da EE1).

Pergunta 2: Diante das agressões físicas entre alunos, o que você faz?

Gráfico 2 – respostas dos docentes à pergunta 2



Percebe-se, aqui, que a maioria dos docentes sempre recorre à direção, coordenação ou serviço de apoio educacional quando se veem em situações de conflitos físicos entre alunos em

sala de aula ou em outras dependências dentro da escola. Além disso, o que mais assusta é o fato de ainda termos docentes que ignoram uma discussão ou briga entre alunos como se nada estivesse acontecendo, como se aquilo fosse algo extremamente normal e que não exigisse um cuidado especial ou uma intervenção.

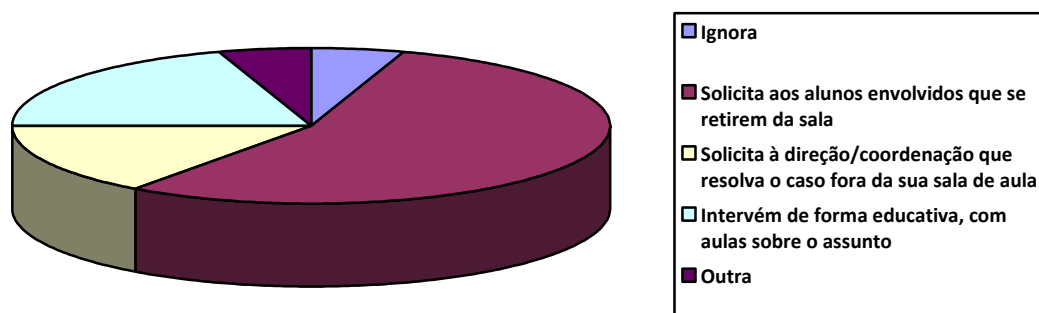
Eu, sinceramente, não me meto em briga de alunos. Já tive alunos muito agressivos, de procedências duvidosas. Não vou correr riscos. Sempre que acontece algo parecido nas minhas aulas chamo logo a diretora para resolver (Professor D da EE2).

(...) até já quebrei um dedo da mão quando tentei separar uma briga entre alunos durante a minha aula. Mesmo tendo acontecido isso já separei alunos outras vezes, não há outra coisa imediata a fazer que não isso (...) (Professora C da EE1).

Embora nunca a diretora resolva eu sempre prefiro chamá-la para levar os alunos “brigões” para a diretoria. Acho que a função de resolver isso é dela, não minha enquanto professor (...) (Professor A da EE2).

Pergunta 3: Diante de agressões morais ou verbais entre alunos, o que você faz?

Gráfico 3 – respostas dos docentes à pergunta 3



Interessante observar como a prática tradicional de colocar o aluno para fora da sala de aula ainda persiste nos dias atuais. Mesmo com inúmeras capacitações e reflexões constantes sobre as novas práticas de ensinar muitos professores ainda insistem em tirar o aluno da sala de aula quando este pratica algum ato entendido como desapropriado pelo professor. É isso que a maioria dos entrevistados faz quando acontece alguma discussão acompanhada com agressões morais ou verbais entre alunos. Ou seja, o problema não é atacado de perto e continua a existir mesmo os discentes fora da sala de aula.

Percebeu-se, pelas entrevistas, mais uma vez, que muitos professores ainda colocam nas mãos da gestão o poder de intervenção com alunos que vivenciam o *bullying* como se eles não fossem capazes de intervir ou, no pensamento de alguns, não sendo deles a competência para administrar tais problemas.

Não perco tempo com aluno que não quer nada. Não posso prejudicar aqueles que vêm pra escola pra aprender alguma coisa. (...) Se só quer atrapalhar coloco imediatamente para fora da sala (...) (Professora G da EE2).

Pergunta 4: Qual o conceito que você tem sobre o *bullying*?

Quase todos os professores entrevistados foram unânimes ao responder que o *bullying* sempre existiu, mas que agora está “na moda”. Percebeu-se um certo descompromisso de um docente ao tratar sobre o assunto quando o mesmo afirmou:

(...) na verdade tudo isso está acontecendo porque a mídia está dando muita ênfase a certos acontecimentos. No meu tempo tudo acontecia em sala de aula do mesmo jeito que acontece hoje e não tinha nada demais. Apelidos sempre existiram e sempre vão existir. Do mesmo modo que sempre vai existir um aluno mais propenso a ser o alvo de chacotas e zombarias (...) (Professor D da EE2).

De certo que o *bullying* sempre existiu, mas não é por isso que, enquanto educadores, além de cidadãos, temos que fechar os olhos e achar que está tudo bem, que sempre vai existir um aluno mais vulnerável a ser atacado. Assim como temos muitos casos de alunos que sofreram *bullying* e souberam superar de forma que nada do que sofreu teve intervenção negativa direta na sua vida também temos casos simples que fizeram toda uma diferença no modo de viver de uma criança, adolescente ou até mesmo adulto.

Pergunta 5: Como você identificaria que um aluno está envolvido com *bullying* (vítima, agressor e/ou espectador)?

Por ser algo já bastante cotidiano, está cada vez mais normal presenciar situações de *bullying* dentro do ambiente escolar. Os professores entrevistados foram enfáticos ao dizer que muitos alunos demonstram claramente estarem envolvidos, de alguma forma, com agressões e intimidações a colegas. É bem característico, e comum, encontramos as situações abaixo descritas em sala de aula:

(...) Notei algo de diferente porque o aluno era bastante responsável e pontual e só sentava nas carteiras da frente, próximo à mesa do professor. Sem motivos aparentes ele passou-se a sentar-se no fundo da sala, próximo a um aluno um tanto “rebelde”, sempre nos dias de avaliação. Os olhares dos outros colegas, os risos e as piadinhas confirmavam que aquele menino estava sendo acuado pelo outro colega (...) (Professora B da EE1).

Tive um aluno, no ano passado, que era um menino excelente. Só tirava ótimas notas, escrevia e falava muito bem. Como ele lia com excelente entonação e dicção eu sempre preferia que ele lesse os textos em voz alta para que todos acompanhassem e, certo dia, percebi uma certa rejeição por parte da turma. Alguns risinhos, algumas expressões pejorativas que intimidaram e deixaram o garoto constrangido. Depois disso, percebi que ele não pedia mais para ler e nem aceitava os meus convites para fazer a leitura em voz alta. Percebi também que as notas dele caíram consideravelmente. Ele não tinha mais aquele rosto alegre de sempre (...) (Professora H da EE1).

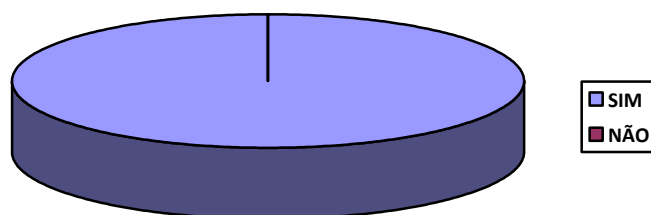
(...) Depois que aquela aluna foi suspensa por ter brigado com a colega depois de uma discussão que envolveu opção sexual e religiosa, percebi que um determinada garota, que sempre andava com a agressora, não parava de sorrir achando tudo aquilo muito divertido. Segundo os outros colegas, ela sempre apoiava e ajudava a agressora a “alfinetar” a vítima, mas nunca confrontava-se com esta (Professor A da EE2).

Pergunta 6: Já considerou algum caso de violência que poderia considerar como *bullying*?

SIM: Que aspectos foram considerados para essa afirmação?

NÃO: Como imagina que seja uma situação caracterizada pelo *bullying*?

Gráfico 4 – respostas dos docentes à pergunta 6



Todos os professores entrevistados foram unânimes em afirmar que já presenciaram algum caso de *bullying*. Alguns considerados *naturais* como xingamentos, apelidos (*baleia assassina, quatro olhos, magricela, bicha, viado* entre outros) e outros mais *sérios* como agressões gratuitas, fofocas que terminam em brigas físicas, ameaças, armadilhas. A maioria dos casos são percebidos pela observação do comportamento dos alunos em sala de aula, pelo desenvolvimento

das ações de cada um (quando o professor passa um determinado tempo com uma turma passa a conhecer um pouco sobre as individualidades e personalidades de cada educando, o que possibilita que ele perceba um desvio de comportamento).

(...) o maior problema disso tudo é pensar que quando um aluno apelida o outro e a sala toda ri, inclusive o professor, não é entendido como bullying. Temos que ficar bastante atentos às expressões faciais e aos comportamentos dos nossos alunos (...) (Professor A da EE2).

Tive um aluno no ensino fundamental e acompanhei-o em várias séries até chegar no ensino médio. Sempre percebi que desde pequeno ele sempre tomava o lanche dos colegas na hora do recreio. E por mais que alguns reclamassem com a coordenação o garoto nunca deixava de praticar isso. Até hoje, mesmo mais maduro, ele ainda faz isso (Professora J da EE1).

Pergunta 7: Como acredita que os alunos percebem a sua aula?

Muitos professores afirmaram não perceber interesse por parte dos alunos por suas aulas. Achem os alunos, na atualidade, muito apáticos, desinteressados, sem compromisso com a própria formação. Alguns acreditam que é preciso que haja uma forma de chamar os alunos à responsabilidade:

(...) Sou professora há 22 anos, já dei aulas pra todo tipo de aluno durante todo esse tempo e o que percebo é que hoje os alunos são mais desinteressados do que há 10 anos. Não há compromisso, aluno entra e sai a hora que quer. Faltam demais e são cheios dos direitos. E o pior é que tudo está a favor dos alunos. O professor sempre é o culpado. Mas como é que eu posso ser o culpado por meu aluno não querer aprender o que eu tento ensinar? (...) (Professora G da EE2).

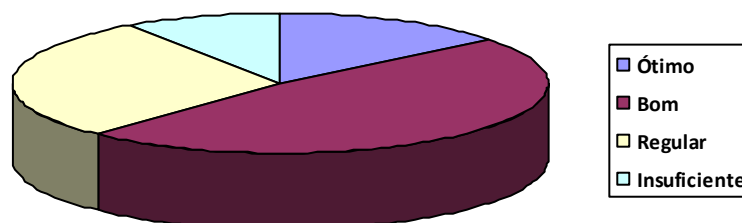
Tenho alunos que vem pra escola doidos para aprender alguma coisa, principalmente as meninas, mas existe sempre aqueles que atrapalham as aulas com indisciplinas que impedem a gente de dar aulas direito. E o pior é que ninguém faz nada. Os alunos ainda preferem aqueles professores que “enrolam” a aula e faltam constantemente. Ta cada dia mais difícil e frustrante ser professora (...) (Professora B da EE1).

O que ainda me motiva a ser professora é o fato de que ainda temos alguns alunos compromissados, alguns que não faltam às aulas, que estão sempre dispostos a realizar os trabalhos e as atividades propostas. Infelizmente a maioria não responde com afinco aos estímulos dos professores para aprenderem (...) (Professora C da EE2).

O que percebemos é que os professores não estão felizes com os resultados atuais da docência. Muitos alunos apresentam comportamentos que frustram os planejamentos e a dedicação de alguns professores.

Pergunta 8: Como classifica o nível de afetividade dos alunos em relação a você?

Gráfico 5 – respostas dos docentes à pergunta 8



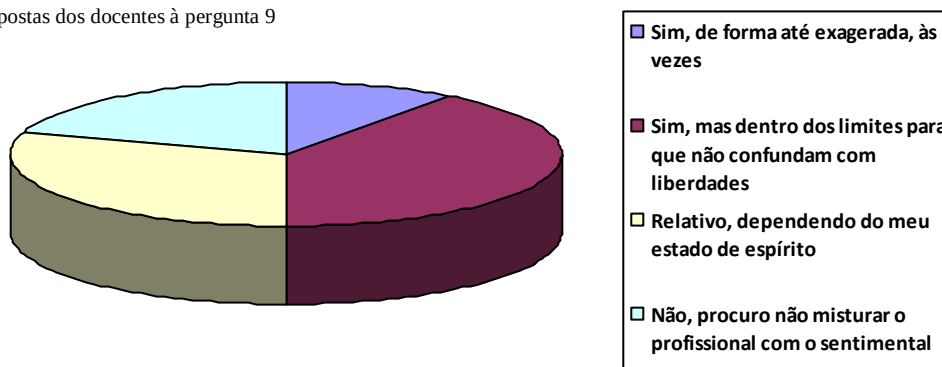
A maioria dos docentes acredita ter um bom relacionamento com os alunos. Alguns acreditam que isso é possível a partir da maneira como tratam os alunos, com respeito e atenção, embora um professor afirme ter dificuldades de relacionamento com alunos:

(...) na verdade temos de escolher: ou tratamos os alunos de forma atenciosa ou iremos sofrer com indisciplinas em sala de aula. Aluno que não gosta de professor atrapalha muito o processo educativo. O ideal é tratar todos com presteza e igualdade. Se fazendo assim já enfrentamos problemas imagine se for o contrário. (...) (Professora H da EE1).

Eu percebo que muitos alunos não gostam de mim, na verdade até sei o motivo: sou tido como um professor carrasco, exigente. Não admito atrasos, não recebo trabalhos fora de prazo, não admito conversas paralelas. Ou é assim ou peço para se retirar da minha sala (...) (Professor I da EE1).

Pergunta 9: Considera-se um professor que demonstra afetividade por seus alunos?

Gráfico 6 – respostas dos docentes à pergunta 9



Quase metade dos professores entrevistados afirmou manifestar demonstrações de afetividade para com seus alunos em sala de aula ou fora dela. Os docentes atestaram, inclusive, que a demonstração de afetividade facilita o desenvolvimento do processo educativo. Os alunos tornam-se mais preocupados em não decepcionar os professores por quem eles têm maiores afinidades.

Um número considerável dos entrevistados afirmou que a demonstração de afetividade está condicionada ao estado de espírito diário. Um ponto extenuante desse quesito justifica-se pelo fato de a maioria dos professores necessitar possuir uma carga horária de trabalho excessiva, o que acaba alterando o estado de humor e estresse.

Alguns docentes, no entanto, preferem manter relação de afastamento entre professor e aluno para que não haja nenhuma confusão de comportamento.

Quando o aluno se sente querido pelo professor ele, de certa forma, se acha na responsabilidade de não decepcionar o professor, por isso presta mais atenção nas aulas e realiza as atividades com mais atenção (...) (Professora J da EE1).

Tenho 40 horas nessa escola e 20 numa escola particular. Quando chego aqui já estou muito cansado e estressado. Não é raro deixar passar esse cansaço pros alunos (Professor E da EE2).

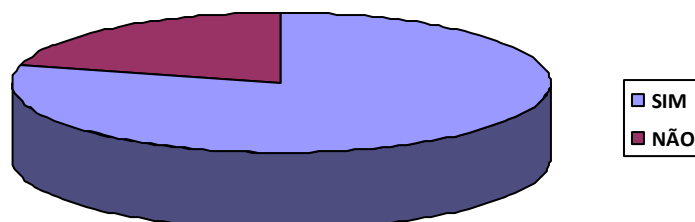
(...) já enfrentei problemas familiares por conta de fofocas vindas da escola com envolvimento com alunas. Como as pessoas confundem afetividade com amizade e respeito prefiro manter relação de distância (...) (Professor H EE2).

Pergunta 10: Acredita que nas suas aulas ocorrem ou possam ocorrer agressões físicas e/ou verbais?

SIM: Quais seriam ou são as agressões mais frequentes?

NÃO: O que faz para que isso não ocorra?

Gráfico 7: respostas dos docentes à pergunta 10



Alguns professores acreditam que discussões em sala de aula são muito frequentes e começam a partir de qualquer bobagem para, depois, tornarem-se mais sérias e preocupantes, exigindo intervenção. Desde problemas envolvendo pequenos empréstimos de objetos escolares

individuais como questões à parte da escola que são trazidas para a sala de aula (problemas com relacionamentos amorosos, situações acontecidas nos corredores da escola, no pátio, nas aulas de educação física entre outros lugares).

Embora a maioria acredite que essas brigas sejam inevitáveis, alguns docentes pensam que pode haver atividades de prevenção a esses atos. Projetos intra e extraescolares podem ser trabalhados em consonância com os conteúdos curriculares para que o *bullying* não tenha vez na escola, como afirma uma professora:

Graças a Deus nunca presenciei uma agressão durante a minha aula, talvez porque eu sempre me preocupo em tirar alguns minutos da aula para conversar com a turma sobre problemas da sociedade, questões alheias ao conteúdo que estou ministrando mas que também precisam ser discutidas (...) (Professora A EE1).

Pergunta 11: Discute sobre violência e temas relacionados em suas aulas?

Grande parte dos docentes entrevistados alegou problemas com os dias letivos e com a carga horária exigida pelas legislações educacionais, o que dificulta externar outros assuntos, que não os programáticos, em sala de aula.

Há uma exigência enorme do sistema educacional com relação ao cumprimento dos dias letivos e dos conteúdos programáticos. Nós ficamos tão presos a isso que acabamos não conversando e tratando de assuntos alheios à programação mas totalmente necessários de serem discutidos pela sociedade (...) é preciso haver uma reforma no currículo (...) (Professora J da EE1).

Mesmo assim, existiu quem achasse possível tratar de assuntos outros com os alunos em sala de aula:

Sempre tive essa preocupação de estar discutindo com os alunos temas das novelas, dos filmes, das músicas. O mundo dos alunos precisa ser visto também dentro da escola, isso ajuda a inteirar o aluno na sala de aula, ele discute sobre aquilo que conhece, vivencia (...) (Professora B da EE2).

Pergunta 12: O que mudaria no ambiente escolar para reduzir a violência?

Muitos educadores afirmam que o principal agente na escola capaz de reduzir a violência é o gestor. Segundo os docentes, mais que do professor é tarefa principal do gestor intervir para reduzir a violência na escola.

Não acho que seja do professor a função de reduzir a violência na escola. O diretor é que tem que ter um plano de ação que preveja a redução e, posteriormente, a extinção da violência dentro do ambiente escolar e nas suas proximidades (...) (Professor H da EE2).

Embora a maioria seja adepta do mesmo pensamento do Professor H da EE2, alguns pensam que o professor tem papel primordial no combate à violência:

Me sinto [*sic*] meio impotente em algumas situações, mas acho que o professor pode intervir no combate ao *bullying* sempre conversando com os alunos, apresentando situações em que os mesmo discutam e percebam que a violência não é o melhor caminho. O professor é tido como exemplo para os alunos, por isso que a repulsa aos casos de violência deve ser externada aos discentes em sala de aula (Professora B da EE1).

(...) não temos escolhas, já que escolhemos ser professores temos de realizar nosso trabalho com compromisso e determinação. Se o professor é tido como exemplo para o aluno, então é função também do professor passar coisas positivas para os alunos, mesmo que isso não esteja na programação curricular (Professora J da EE1).

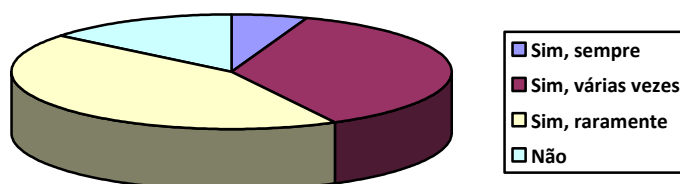
5.2 O *bullying* na visão do discente

Para essa pesquisa usamos uma amostra com 71 alunos, sendo 39 mulheres e 32 homens, estudantes das duas escolas pesquisadas. Os alunos foram escolhidos esporadicamente sem nenhuma coação ou exigência de participação. Foram entregues questionários para todos os alunos do Ensino Médio das duas escolas pesquisadas, no entanto, apenas os 71 citados responderam à solicitação. Os alunos estão inseridos na faixa etária entre 14 e 18 anos de idade.

Os entrevistados responderam a 10 perguntas, todas objetivas, com múltiplas escolhas, para facilitar a compreensão e a interpretação dos resultados.

Pergunta 1: Você já viu um ou mais alunos acertando, chutando, empurrando ou ferindo fisicamente outros colegas durante as aulas?

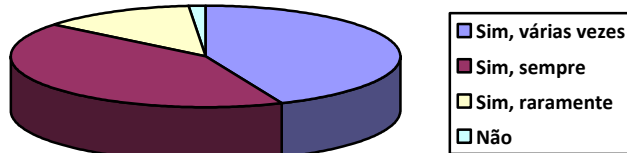
Gráfico 8: respostas dos discentes à pergunta 1



Preocupante saber que a maioria dos alunos já presenciou, uma vez que fosse, algum ato de agressão entre alunos. Isso demonstra a atualidade e “normalidade” do *bullying* no ambiente escolar.

Pergunta 2: Você já ouviu algum aluno ou grupo de alunos falando palavrões ou apelidando outros alunos durante as aulas?

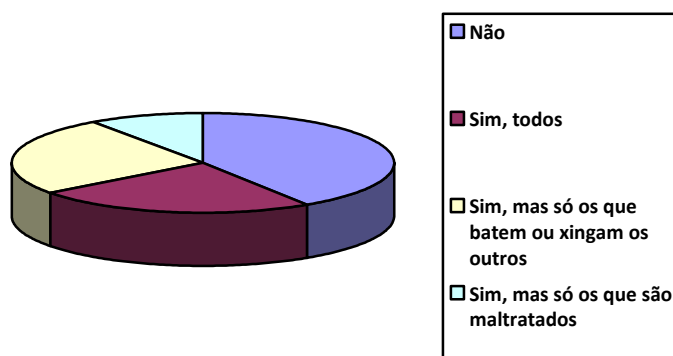
Gráfico 9: respostas dos discentes à pergunta 2



Somente 1 entre os 71 alunos pesquisados nunca ouviu nenhum colega falando palavrões ou apelidando pejorativamente algum outro colega de sala ou de escola. Isso nos remete a reiterar o caráter cotidiano com que os casos de *bullying* estão acontecendo dentro das nossas escolas.

Pergunta 3: Com relação à questão anterior, são sempre os mesmos alunos envolvidos?

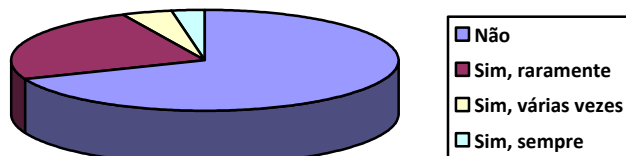
Gráfico 10: respostas dos discentes à pergunta 3



Outro dado interessante. Quando os alunos entrevistados afirmam que a maioria dos agressores não são os mesmos de sempre, percebemos a naturalidade com que todos percebem os atos de apelidar os colegas, mesmo que inocentemente.

Pergunta 4: Você já ouviu seu professor falar mal, falar palavrões ou humilhar você e/ou seus colegas?

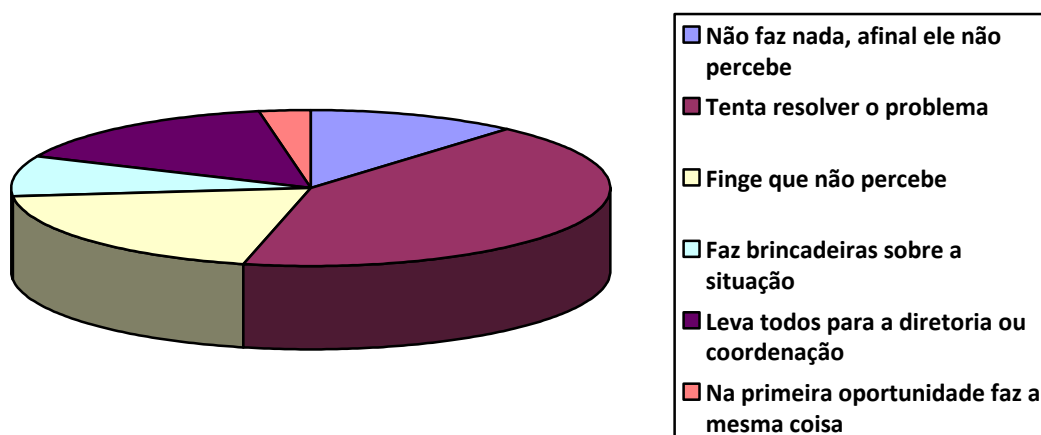
Gráfico 11: respostas dos discentes à pergunta 4



Embora a grande maioria dos alunos confirme nunca ter sofrido ou presenciado nenhuma ação de *bullying* por parte de professores, uma pequena parcela já sofreu ou presenciou ações perigosas e conflituosas vindas de seus professores.

Pergunta 5: O que o professor faz quando alguém: fala palavrões, apelida ou humilha algum aluno?

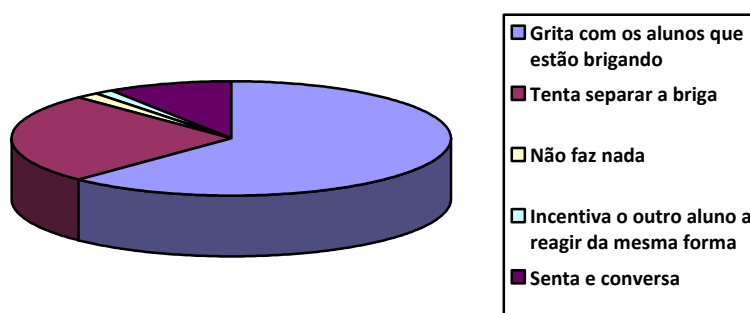
Gráfico 12: respostas dos discentes à pergunta 5



Aqui a maioria dos pesquisados reconhece que os professores, quando em situações conflitantes em sala de aula, tentam resolver o problema conversando e exigindo respeito de todos. Contudo, uma parcela considerável acha que os professores fazem de conta que nada está acontecendo, ficando totalmente inertes à situação. Outra parcela confirma que os professores passam o problema para ser resolvido pela direção e/ou coordenação da escola.

Pergunta 6: Como seu professor reage quando há brigas durante a aula?

Gráfico 13: respostas dos discentes à pergunta 6

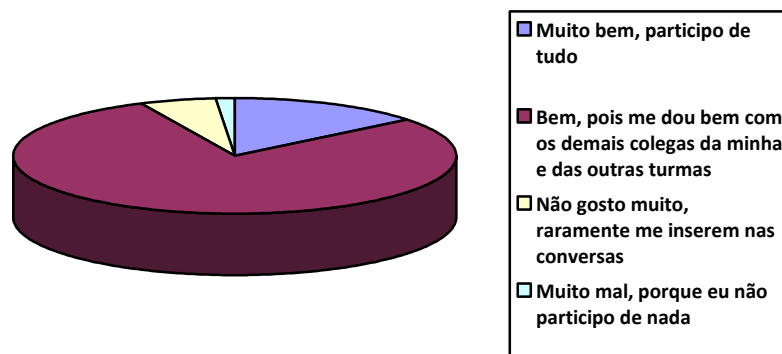


Nesse questionamento os discentes foram quase unânimes em afirmar que os docentes preferem demonstrar um caráter autoritário usando a voz para repreender os alunos agressores do que tentar resolver a situação com calma e paciência, demonstrando alteridade e bom senso.

Outros acreditam que os professores entram na briga e tentam separar os alunos envolvidos na confusão.

Pergunta 7: Como você se sente durante os intervalos das aulas fora das dependências da sala de aula?

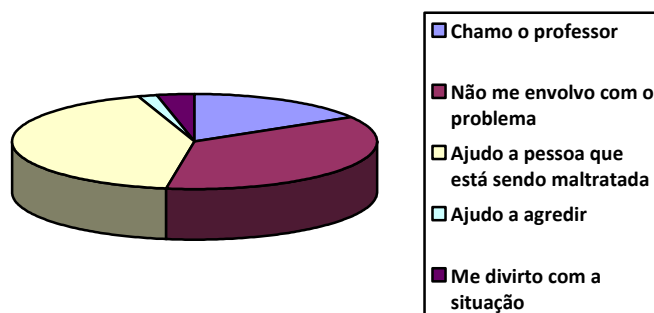
Gráfico 14: respostas dos discentes à pergunta 8



A maioria dos alunos pesquisados denomina-se como aluno-amigo, aquele que não participa de atos de *bullying* e é bem querido por todos os outros colegas da sala e da escola. Uma porcentagem bem pequena de alunos, entre os entrevistados, não se sente bem quando está mais exposto, ou seja, fora da sala de aula.

Pergunta 8: O que você faz quando encontra alunos sendo machucados, roubados ou xingados por outros colegas?

Gráfico 15: respostas dos discentes à pergunta 8

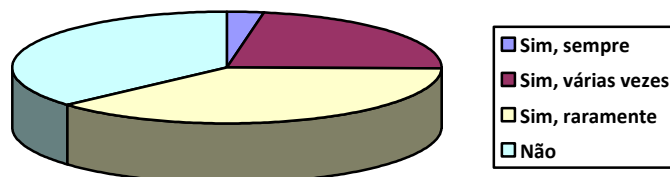


Quando tratamos sobre a perspectiva do alunos enquanto espectador de algum caso de *bullying* percebemos um empate técnico sobre duas situações bastante contraditórias: uma parte dos alunos prefere ajudar e auxiliar a vítima, mesmo correndo riscos; outra parte prefere ignorar o acontecimento, provavelmente com receio de que possa ser a próxima vítima.

Entre os alunos pesquisados encontramos alguns casos preocupantes: um dos alunos afirma que ajuda a agredir e dois se divertem com a situação. Isso nos reafirma a atualidade e presença ativa do fenômeno e a necessidade urgente de intervenção e combate.

Pergunta 9: Você já foi vítima de boatos, apelidado, xingado ou agredido por outros colegas?

Gráfico 16: respostas dos discentes à pergunta 9

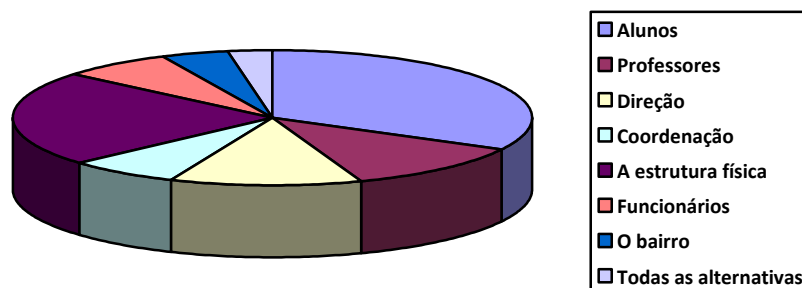


Embora a maioria dos alunos afirme já ter sido, pelo menos uma vez, agredido verbalmente por algum colega, grande parte atesta estar escape desse problema e nunca passou por situação constrangedora ou humilhante.

Esses dados nos faz pensar, entretanto, que mesmo sem nunca ter sido vítima de boatos, apelidos pejorativos, xingamentos ou qualquer outro tipo de agressão, muitos alunos conhecem o que é o *bullying* uma vez que já presenciaram atos preconceituosos, humilhantes ou intimidantes.

Pergunta 10: O que você mudaria na sua escola para reduzir a violência? (Poderá marcar mais de uma alternativa)

Gráfico 17: respostas dos discentes à pergunta 10



Acentua-se, nessa questão, o foco do *bullying* nos colegas de sala ou da escola. É considerável o número de alunos que coloca nos outros alunos a culpa para a existência de violência na escola. Professores e direção da escola também é item que requer atenção, percebemos uma certa rejeição dos alunos a esses profissionais, talvez pela maneira com que lidam com os problemas envolvendo o *bullying*.

O quesito estrutura física também foi bem focado. Muitos alunos entendem que um espaço maior, e melhor organizado, pode ser um fator relevante ao combate ao *bullying*.

CAPÍTULO VI. RECOMENDAÇÕES A PAIS E EDUCADORES

Uma das características mais marcantes de nossos tempos é o aumento das demandas do cotidiano, tanto em relação aos pais como em relação aos filhos. Os pais estão cada vez mais absorvidos pelas atividades profissionais com o nítido objetivo de gerar recursos materiais que possam financiar o conforto e os estudos de seus filhos. Estes, por sua vez, vivem às voltas com as atividades escolares e outras tantas, que visam complementar a sua formação acadêmica, para que possam enfrentar o tão temido e competitivo mercado de trabalho. Além disso, uma parcela significativa do tempo gasto pelos jovens precisa ser direcionada para os amigos e amores, pois é nessa fase que eles vivenciam suas primeiras experiências sociais (exercidas nos “grupos”) e afetivas. Dessa forma, os pais ainda precisam dividir seus filhos com a “galera”, o que, por si só, já é uma tarefa bastante trabalhosa.

Muitas vezes é difícil aos pais identificarem determinadas situações em que seus filhos possam estar envolvidos, não só porque é doloroso aceitar isso, mas também porque, por um mecanismo de defesa, as pessoas tendem a projetar em outros esses problemas. Então, se dizemos que abominamos a violência, nem de longe queremos admitir que, algumas vezes, ela esteja rondando nosso próprio lar.

Torna-se importante estarmos alertas para esse fato, pois quanto mais cedo forem percebidos os problemas de *bullying* e, assim, possam ser tomadas as medidas necessárias para combatê-los, mais eficazes elas serão, o que significa menos sofrimento para todos os envolvidos.

A certeza de que atos de *bullying* são uma realidade universal, de que seus efeitos podem gerar graves consequências aos alunos e às escolas e a percepção de que o envolvimento de todos é a única medida eficaz para preveni-lo e reduzi-lo, tornam-se fundamentais para que pais, educadores e profissionais de saúde mudem a forma de avaliar a vida escolar de suas crianças e adolescentes (LOPES NETO, 2003).

Não se pode mais admitir que as notas de provas, os conceitos e o cumprimento das tarefas sejam os únicos indicadores de qualidade das escolas. Perceber e monitorar as habilidades ou possíveis dificuldades que possam ter os jovens, em seu convívio social com os colegas, passam a ser atitudes obrigatórias daqueles que assumiram a responsabilidade pela educação, saúde e segurança de seus filhos, alunos e pacientes.

Aos pais caberá conversar sempre com seus filhos, perguntando-lhes se gostam da escola, se têm amigos, se brincam com o grupo, se têm observado algum colega sofrendo algum tipo de agressão se os professores e diretores têm conversado sobre isso com eles.

6.1 O papel da escola

A inserção em grupos sociais, a necessidade de autoestima e aceitação fazem parte do cotidiano de crianças e adolescentes. Precisam de autoafirmação e a buscam na escola. É neste momento que ela deve estar atenta, pois ocorrem grandes frustrações quando os jovens são rejeitados.

A escola deve priorizar a conscientização geral de seus alunos e estimulá-los ao engajamento em projetos *antibullying*. Deve-se encorajar os alunos a participar de intervenções que promovam a supressão de atos que caracterizam o *bullying* para, desse modo, mostrar aos autores que eles não terão seu apoio, nem sua omissão.

É indispensável uma relação respeitosa entre alunos e professores, de forma a garantir possíveis trocas de ambas as partes e liberdade de expressão aos alunos. Muitas escolas promovem atividades e jogos em grupo como rodas de conversas, nas quais os alunos possam expor suas ideias sobre diferentes assuntos, incluindo violência, preconceito, exclusão. O educador terá mais facilidade de identificar alunos com perfil de agressor, vítima e espectador. Podem ser mostrados e discutidos filmes ou vídeos e apresentadas situações que ajudam a trabalhar de forma lúdica o universo de lendas e mitos, desmistificando a ideia de que o vilão é o esperto e o mocinho é o bobo. Uma tarefa importante na atuação do educador é valorizar o respeito e as diferenças para que as relações sejam cordiais e transparentes. Na pauta da escola, devem existir também momentos em que se possa entrar em contato com culturas pouco conhecidas (indígena, africana, japonesa), para que se conheça o contexto dessas culturas e possam ser valorizadas as diferenças, reforçando sempre a importância da socialização e respeito mútuo entre as crianças, além de poder fiscalizar os alunos que preferem se afastar e ficar sozinhos, ou aqueles que procuram armar confusões (LOPES NETO, 2003).

Nós, psicopedagogos, insistimos que a escola tem obrigação de alertar os pais para problemas enfrentados pelos filhos. Estes devem sentir-se acolhidos e protegidos, a fim de ficarem à vontade para conversar a respeito dos problemas que aparecem. Dessa forma, evitam-se castigos e outras práticas punitivas, estimulando uma troca de informação clara e sem fins de repressão entre aluno e escola.

O papel dos funcionários da escola também é de suma importância, não apenas dos professores e coordenadores, mas também daquelas pessoas que cooperam para o bom funcionamento e organização do ambiente escolar (merendeiros, porteiros, bibliotecários, zeladores, bedéis, entre outros).

A sala de aula tradicional, com um professor falante e alunos ouvintes, está fadada ao fracasso. Dificilmente o professor conseguirá manter a atenção dos alunos. É a mudança didática que vai proporcionar de fato a heterogeneidade e a interdisciplinaridade.

Além da forma, é preciso um professor que se comunique adequadamente com os alunos. A comunicação é o elemento humanizador que aproxima as pessoas, cria identificação e cumplicidade, clarifica as semelhanças e esclarece as diferenças. Por meio do diálogo as pessoas aprendem sobre as outras. Aprendem a compreender e a ser compreendidas, a confiar e a se tornarem confiáveis. A escola precisa de professores e alunos confiáveis.

Aprendemos na escola as fórmulas para resolver os problemas matemáticos, porém não desenvolvemos habilidades pessoais e grupais para solucionar os dilemas existenciais. E nesse espaço formatado, por vezes rígido e inflexível, como evitar a violência? Como enfrentar as agressões e as humilhações? Em quem confiar? A quem pedir ajuda? Como aprender a fazer amigos?

Assim como os adultos, as crianças e os jovens também reagem de acordo com os estímulos, com as oportunidades e a atenção recebida. Quando recebem tratamento digno, reagem com dignidade. Quando ocorre o contrário, é provável que, por despeito, tenham vontade de desobedecer, de burlar as ordens, de transgredir as regras, de agredir, de sumir ou de fazer sumir alguém que os desumaniza, que os desvaloriza e que os faz sentir-se uma pessoa inadequada.

De acordo com Lopes Neto (2003) parte do que somos é resultado do que o outro nos desperta. É decorrência do estímulo recebido. Há pessoas que têm o dom de despertar em nós coisas tão boas, sentimentos tão nobres que chegam a nos emocionar. São pessoas que se fazem especiais porque nos fazem sentir mais inteligentes, mais felizes, mais bonitos, mais importantes, mais valiosos, mais estimulados a enxergar as nossas qualidades, virtudes e talentos, e também nos encorajam a superar as limitações, a enfrentar os medos, a lidar com as inseguranças, sempre com a certeza de que não estamos sozinhos e podemos contar com alguém. Alguém hábil em nos fazer sonhar, ter aspirações, planos e projetos de vida. Desse entusiasmo pela vida brota a generosidade, e com ela uma vontade irresistível de retribuir o presente recebido. Assim, sentimo-nos eternamente gratos por aqueles que nos fazem felizes, que revelam o que há de melhor em nós.

O interessante é que esse tipo de comportamento que ajuda a sonhar está presente na lei. A própria lei consegue descrever a subjetividade das relações interpessoais, para valorizar o intangível.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (1998) indicam, como primeiros objetivos do ensino fundamental, alguns princípios norteadores para a ação pedagógica:

- **Os princípios éticos:** necessários para o desenvolvimento de atitudes autônomas, responsáveis, solidárias e de respeito pelo outro e pelo bem comum.
- **Os princípios estéticos:** fundamentais para o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, do respeito à diversidade. Princípio que amplia o universo cultural e artístico, que revela talentos e que agrega o diferente.

- **Os princípios políticos:** essenciais para a percepção dos direitos e dos deveres, imprescindíveis para o exercício da cidadania, para o desenvolvimento do olhar crítico, para o respeito à ordem democrática e, principalmente, para o despertar do sentimento de pertencimento por meio da participação ativa e responsável. daquele que passa a ser e a sentir-se parte da construção do seu ambiente.

É preciso que se questione o que acontece com a educação quando os princípios são abandonados e o que acontece com a nossa vida quando abandonamos os princípios. Normalmente, lamentamos os resultados. Corremos atrás das metas, preocupados com o ponto de chegada – tirar boas notas nas provas, passar no vestibular, progredir na vida, ter uma carreira de sucesso... –, e abandonamos o ponto de partida, que são os princípios. Sem os princípios, o “fazer” acaba perdendo o sentido. Corremos atrás de algo que se convencionou chamar sucesso sem entender o que significa felicidade, irmã da dignidade, filhas do amor (CHALITA, 2008, p. 194).

Os pais cobram da escola. A escola responsabiliza os pais. A sociedade exige que a escola professe valores de solidariedade e respeito ao próximo que ela mesma ignora. É ingênuo acreditar que um único segmento seja capaz de, isoladamente, erradicar a violência. Se a causa é a ausência de amizade, respeito e solidariedade entre as pessoas, então o primeiro passo é resgatar essa parceria.

Dependendo das relações estabelecidas pelos diferentes segmentos sociais e, dependendo, também, do modo como cada elemento compreende sua importância para o conjunto, o todo pode ser maior que a soma das partes. Ou pode ser menor, na medida em que as partes se cancelam e se destroem mutuamente pela ausência de organização, de clareza, de transparência, de comunicação, de sentido de comunidade, ou, como sugere o nome, de comum unidade e de bem comum.

O artigo primeiro da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 6364/96, sonhada por Darcy Ribeiro, estabelece que a educação abrange todos os processo formativos que se dão na família, no mundo do trabalho, nas instituições de ensino e de pesquisa, nos movimentos sociais, nos meios de comunicação e nas atividades culturais. Portanto, esse encontro e essa inclusão de ideias, propostas por segmentos sociais constituem a educação.

Cabe à escola avaliar suas necessidades e possibilidades para a construção de um projeto que alcance todos os alunos: vítimas, agressores e espectadores da violência. Seja por meio de aulas específicas, seja por meio de temas transversais nas diferentes disciplinas, em ações multidisciplinares ou campanhas e propostas que alcancem e incluam toda a comunidade educativa: pais, professores, funcionários, vizinhos e voluntários da escola. Devem-se estabelecer vínculos com a comunidade para o uso de seus recursos. Trata-se de um verdadeiro mutirão (CHALITA, 2008).

6.2 O papel da família

Além do envolvimento de professores e funcionários da escola, é também fundamental a colaboração dos pais. A família exerce influência decisiva na vida da criança, tanto como possível vítima de *bullying*, quanto como agressora. Muitas vezes, o meio familiar acaba sendo o fator responsável pelas atitudes submissas, ou agressivas, adotadas pela criança. Pais permissivos, ou demasiadamente protetores, acabam por alimentar atitudes ilustradoras de *bullying*. Atenção e afetividade em dose certa contribuem para um desenvolvimento psíquico saudável. Deve-se levar em conta as condições e o ambiente em que esta criança está sendo crescendo. Torna-se de suma importância o entendimento da estrutura familiar da criança, uma vez que faz parte da compreensão da problemática e das atitudes relacionadas ao *bullying*. As famílias devem ter muito cuidado ao lidar com a criança ou o adolescente, sempre procurando entendê-lo e ajudá-lo, otimizando e motivando os filhos, ao invés de induzi-los à baixa autoestima da criança em casa, ressaltando suas qualidades e habilidades, sem deixar, contudo, de advertir ou discutir os comportamentos inadequados ou exagerados dos filhos.

A maior dificuldade que os pais das vítimas têm é identificar a ocorrência do *bullying* e a pressão sofrida, já que a criança ou adolescente reluta muito em falar sobre o assunto. Para os pais de filhos que são vítimas, a solução é mostrar-se sempre disponível para ouvi-los, aconselhá-los e esclarecer que a criança não é culpada do que lhe está acontecendo. E devem estar atentos aos sinais: o filho recusa-se frequentemente a ir à aula, inventando dores de cabeça e doenças; recusa-se a participar de atividades extra-classe, tais como passeios. Reclama de perdas ou danos de objetos pessoais; muda constantemente de humor (ocorrendo eventualmente *explosões*); regressa da escola com roupas sujas ou rasgadas; não tem muitos amigos e tem dificuldades para relacionar-se (CHALITA, 2008).

Alguns cuidados devem ser tomados após o conhecimento do problema: não forçar a criança a falar se não se sentir à vontade; não aconselhar o filho a revidar as agressões; não mudar a criança de escola sem dar a chance de resolver o problema. Os pais podem estimular a criança a falar do dia-a-dia da escola, ajudando a criança a se expressar e jamais culpá-la pelo que está acontecendo. O lar também deve ser um ambiente sadio e seguro, onde ela se sinta protegida para que se possa abordar o assunto sem censura. Muitas vezes é necessária a ajuda de psicólogos e profissionais especializados.

Assim como a vítima, o agressor também apresenta alguns sinais aos quais os pais devem estar atentos: tem sempre ar de superioridade; é desafiador e agressivo em família; mostra-se intolerante frente a qualquer situação; impõe autoridade sobre o outro e mostra objetos e dinheiro sem justificar sua origem; resolve seus problemas através da força física ou psicológica. Para os pais de crianças que praticam o *bullying*, é importante manter a calma e conversar com seu

filho, buscando conhecer quais os motivos que levam a criança a agir daquela maneira, incentivando mudanças de atitude. É importante que os pais não apliquem castigos ou batam na criança, e que procurem a ajuda da escola e incentivem a criança a participar de projetos solidários propostos pela escola. Além disso, os pais devem refletir sobre o modelo de educação que oferecem aos filhos (CHALITA, 2008).

Ao longo do desenvolvimento humano, os pais são os principais exemplos na vida de um indivíduo. Pode-se observar que, de modo geral, crianças com comportamentos hostis são filhos de pais igualmente hostis, agressivos, negligentes, intolerantes. Relações baseadas em agressividade ou desamor tendem a manter e reforçar esse tipo de comportamento dentro do grupo em que as crianças ou adolescentes estão incluídos. Pais que mantêm comportamentos deste tipo tendem a provocar isolamento, vergonha, medo, agressividade e até mesmo comportamentos sintomáticos como cefaléia, gastrites, falta de apetite, entre outros.

Do outro lado desse vértice, estão as relações bem constituídas, harmoniosas, fruto de modelos adequados, cujos padrões são internalizados e compreendidos pelos filhos como um importante e significativo modelo representado pelos pais.

Aos pais, como responsáveis pelo lar, cabe colocar limites com o intuito de adequá-los a normas sociais necessárias para sua maturação. Como nos sugerem Ferreira, Ries e outros “relações pais-filhos baseadas na justiça e na firmeza tendem a formar filhos que conhecem seus limites e respeitam o outro, são democráticos e cooperativos, porque foram aceitos e, portanto, sabem aceitar” (2000, p.56).

Promover o diálogo e interessar-se pelos assuntos que envolvem o filho, além de ser necessário para a detecção de comportamentos envolvidos no *bullying*, incentiva também uma aproximação entre as partes, de forma a colaborar para um bom relacionamento. É necessário, porém, perceber que toda criança necessita ter sua individualidade respeitada. É somente através de diálogo franco e aberto que haverá crescimento para ambas as partes com o estabelecimento de limites que, mais do que necessários, são indispensáveis.

Os pais devem preocupar-se com as atitudes e os exemplos e participar da vida social e escolar dos filhos. Uma família equilibrada tende a gerar filhos equilibrados. Se o problema for na escola, pais abertos a que os filhos expressem o que sentem e pensam saberão identificar rapidamente o problema. Conversarão com a direção e os professores, alertando-os para o *bullying* e discutindo como combatê-lo. Assim, há alguns caminhos imediatos, como ouvir a criança primeiro, procurar a escola para exigir dela uma atitude de proteção aos alunos e ainda se dispor a estar presente sempre que necessário. Perceber de onde vem a agressão e como fazer para aliviá-la. Ter a maturidade de não brigar com o aluno que agrediu o filho. Não é de uma atitude destemperada que o filho precisa, mas de uma atitude protetora, correta.

Os pais não devem incentivar os filhos a revidarem piadas e maus-tratos. Essa prática gera mais violência e acaba produzindo consequências perigosas que podem acabar em tragédia. Entretanto é importante munir os filhos de conselhos que favoreçam o enfrentamento pacífico. Não demonstrar fraqueza é uma forma de a criança reduzir as chances de um agressor vir a escolhê-la como alvo. Chalita (2008) sugere algumas táticas de confronto que podem até fazer o agressor desistir da vítima escolhida:

Postura: Manter a postura ereta e olhar o agressor nos olhos, não com um ar de provocação, mas de segurança. As vítimas costumam abaixar a cabeça diante dos agressores.

Firmeza: Ser educado, mas firme. Dizer “pare” ou “Que atitude infantil!”. Ter atitude mais firme de desprezo a piadas de mau gosto. As vítimas costumam ouvir as humilhações em silêncio ou demonstrar que estão magoadas.

Coragem: Não chorar ou mostrar que ficou aborrecido, mas afastar-se e, se não for possível, esconder o medo. Os agressores só agridem quem tem postura de vítima, do contrário, a “brincadeira” perde a graça.

Parcerias: Informar um ou mais adultos, de sua confiança, sobre o ocorrido. Normalmente as vítimas têm medo de represália e os autores de *bullying* se valem desse sentimento para se manterem incógnitos (CHALITA, 2008, p. 182).

Os pais devem ajudar os filhos, acompanhando o caso com os gestores da escola, indagando sobre as providências que foram adotadas para a garantia da segurança do seu filho. Os pais não devem ter receio de procurar a escola e de reclamar, sugerir, exigir um comportamento adequado. Se a escola não resolver o problema devem buscar os órgãos competentes: Secretaria de Educação, Ministério Público, imprensa, dentre outros. A única coisa que não devem fazer é se omitir. É preciso sempre ter em mente que os filhos são muito preciosos e que devem ser tratados com muito zelo. Sem exageros nem proteção que engessam, mas com muito amor.

6.3 O papel dos alunos

Os alunos devem ser encorajados a participar ativamente na supervisão e intervenção dos atos de *bullying*. Com isso o enfrentamento das situações pelas testemunhas mostra aos autores que não terão seu apoio e nem mesmo poderão contar sua omissão. Sempre é importante lembrar que a escola deve dar respaldo e atenção especial a esses alunos que se encorajam a comunicar comportamentos de outros alunos envolvidos na prática de *bullying*, para que não venham posteriormente a sofrer rechaços e retaliações, ou até mesmo a se transformarem em alvos de práticas de agressão e violência. Os alunos também podem criar regras de convivência e discuti-las

com a equipe pedagógica, buscando soluções e respeitando as diferenças de cada um (CHALITA, 2008).

Algumas técnicas de dramatização podem ser úteis no processo de aquisição de habilidades para se lidar com o *bullying*. Pode-se, por exemplo, promover teatros em que alunos com comportamentos agressivos, já previamente detectados, representem e desempenhem papéis de pessoas mais frágeis, que sofram com deboches e gozações de colegas. Do mesmo modo pode-se fazer com que os alunos com comportamentos mais reclusos e tímidos representem o papel de um aluno que denuncia práticas agressivas. Dessa forma, os alunos poderão desenvolver um olhar diferenciado sobre suas atitudes e as atitudes dos outros.

É importante, contudo, lembrar que aos alunos autores devem ser dadas condições para que possam desenvolver comportamentos mais amigáveis, sadios, aprendendo a dividir, a incluir outros e a aceitar diferenças, evitando, com isso, ações puramente punitivas como castigos, suspensões, exclusão do ambiente escolar, que acabam apenas por agravar ainda mais a situação, podendo, inclusive, marginalizar alunos com esse tipo de comportamento (LOPES NETO, 2005).

6.4 Indicadores do estar sendo alvo de *bullying*

De acordo com Lopes Neto e Saavedra (2003) com o objetivo de facilitar a identificação precoce desse tipo de problema pelas pessoas incumbidas da formação de crianças e jovens – sejam pais, educadores ou profissionais de saúde – encontram-se relacionadas, a seguir, algumas recomendações, que poderão vir a ser úteis na investigação e detecção de casos suspeitos ou reais de *bullying*.

- a) Demonstrar falta de vontade de ir à escola.
- b) Sentir-se mal perto da hora de sair de casa
- c) Pedir para trocar de escola.
- d) Revelar medo de ir ou voltar da escola.
- e) Pedir sempre para ser levado à escola.
- f) Mudar, freqüentemente, o trajeto entre a casa e a escola.
- g) Apresentar baixo rendimento escolar.
- h) Voltar da escola, repetidamente, com roupas ou livros rasgados
- i) Chegar muitas vezes em casa com machucados inexplicáveis.
- j) Tornar-se uma pessoa fechada, arredia.
- k) Parecer angustiado, ansioso, deprimido.
- l) Apresentar manifestações de baixa autoestima.

- m) Ter pesadelos freqüentes, chegando a gritar “socorro” ou “me deixa” durante o sono.
- n) “Perder”, repetidas vezes, seus pertences, seu dinheiro.
- o) Pedir sempre mais dinheiro ou começar a tirar dinheiro da família.
- p) Evitar falar sobre o que está acontecendo, ou dar desculpas pouco convincentes para tudo.
- q) Tentar ou cometer suicídio.

Se seu filho apresenta alguns dos sinais descritos acima, pode ser que ele esteja sendo alvo de *bullying*. Mas, lembre-se: nada é absolutamente definitivo. Elogie a sua atitude de relatar o que o está atormentando!

Procure conversar com ele sobre o assunto e, caso ele confirme a suspeita, busque o professor e/ou a direção da escola para ajudarem a solucionar o problema.

Não exija do seu filho aquilo que ele não se sinta capaz de realizar! Não o culpe pelo que está acontecendo! Mostre-se sempre disponível e atento ao que seu filho queira lhe contar. Demonstre acreditar em seu relato. O ideal é que todas as atitudes que venha a tomar devam ser conhecidas e aprovadas por ele. Caso ele rejeite suas propostas, tente ouvir as dele. Se mesmo assim ele resistir, busque ajuda de terceiros (professor, direção ou outro profissional, mas sempre com a ciência dele).

6.5 Possíveis sinais de alerta para identificar um *bully*

É crucial perceber os sinais de que seu filho adotou atitudes e pensamentos que levam a um comportamento destrutivo ou pernicioso, como o *bullying*. Alguns desses sinais de alerta estão aqui. De acordo com Beane (2010) seu filho pode ser um *bully* se:

- a) Gosta de se sentir poderoso e no controle da situação;
- b) Procura dominar ou manipular outras pessoas (ou os dois);
- c) Vangloria-se de sua superioridade real ou imaginada sobre os colegas;
- d) É popular com outros alunos que invejam seu poder;
- e) É impulsivo, se zanga com facilidade e tem pouca tolerância à frustração;
- f) Adora vencer, odeia perder e é mau vencedor (exibido);
- g) Parece obter satisfação ou prazer com o medo, o desconforto ou a dor dos outros;
- h) Parece exageradamente preocupado com o “desrespeito” dos outros por ele; compara respeito a medo;
- i) Parece ter pouca ou nenhuma empatia ou compaixão pelos outros;
- j) Parece ser incapaz de ver as coisas do ponto de vista alheio, ou “estar na pele de outra pessoa”;

- k) Parece disposto a usar e abusar de outras pessoas, para conseguir o que quer;
- l) Defende suas ações negativas, insistindo em dizer que os outros “mereciam”, “pediram por isso” ou “as provocaram”; um conflito é sempre culpa da outra pessoa;
- m) Consegue esconder comportamentos negativos ou adotá-los quando os adultos não podem vê-lo;
- n) Fica exaltado quando surge um conflito entre outras pessoas;
- o) Mantém a calma durante conflitos nos quais está diretamente envolvido;
- p) Exibe pouca ou nenhuma emoção quando fala de sua participação em um conflito;
- q) Culpa outras pessoas por seus problemas;
- r) Recusa-se a aceitar responsabilidade por seu comportamento negativo;
- s) Mostra pouco ou nenhum remorso por seu comportamento negativo;
- t) Mentaliza para tentar se livrar dos problemas;
- u) Espera ser “mal compreendido”, “desrespeitado” ou maltratado; ataca antes que possa ser atacado;
- v) Interpreta atos ambíguos ou inocentes como propositais e hostis; usa-os como desculpa para atacar verbal ou fisicamente outras pessoas;
- w) “Testa” sua autoridade, cometendo pequenas infrações; depois espera, para ver como será a sua reação;
- x) Ignora ou desrespeita regras da sala de aula e da escola;
- y) É geralmente desafiador ou faz oposição a adultos;
- z) Procura atenção ou precisa dela e parece obter satisfação tanto de atenção negativa quanto de positiva;
- aa) Atrai mais atenção negativa dos outros; é disciplinado com mais frequência que as outras crianças;
- bb) Parece preocupado principalmente com o próprio prazer e bem-estar;
- cc) Parece ser antissocial;
- dd) Tem uma rede próxima de amigos (na verdade, “seguidores” ou “comandados”) que fazem tudo que ele quer, mesmo que seja errado.

6.6 Família e escola trabalhando juntas no combate ao *bullying*

A única maneira de libertar as escolas do *bullying* é pais, educadores, funcionários, estudantes e representantes da comunidade trabalharem juntos. Toda criança precisa se sentir segura na escola. Os pais desempenham um papel fundamental no incentivo a implementação de

um programa *antibullying*. Para que uma ação *antibullying* seja eficiente, o envolvimento e apoio da família e da escola são necessários. Algumas sugestões de Beane (2010):

- a) Pergunte ao diretor da escola de seu filho (ou a um professor ou orientador) se há um “Abaixo Assinado” que você possa assinar para manifestar seu apoio ao esforço *antibullying*. Se houver, diga a eles que você deseja apoiar o programa e participar das reuniões e atividades voltadas à prevenção do *bullying*.
- b) Quando seu filho levar para casa informações ou lições relacionadas ao *bullying* reveja esse material com ele. Faça uma cópia do dever de casa ou algumas anotações com relação à informação. Ocasionalmente, durante reuniões de família ou conversas informais, lembre seu filho daquilo que aprendeu com aquela lição de casa. Reforce o que é ensinado na escola.
- c) Seja um voluntário na supervisão das áreas de alto risco (como playgrounds, escadas, corredores, cantina, banheiros, estacionamentos, paradas de ônibus e assim por diante). Esses são os locais nos quais o *bullying* ocorre com mais frequência por causa da ausência adequada de supervisão de adultos. Indique também sua disponibilidade para ser treinado e supervisionar de maneira eficiente as áreas que lhe forem designadas.
- d) Apoie as normas *antibullying* da escola de seu filho. Se a escola tem um regulamento, peça uma cópia. Estude-o com seu filho e certifique-se de que ele a entende e apóia. Diga a ele que se algum dia maltratar alguém diretamente ou incentivar um *bully*, você apoiará a escola na aplicação das punições, e aplicará outras adicionais em casa.
- e) Ajude seu filho a desenvolver quadros de aviso *antibullying* nas salas de aula e nos corredores. Os recursos podem ser encontrados no site www.bullyfree.com. Esses avisos alertam sobre a prevenção e a eliminação do *bullying*.
- f) Incentive a escola a usar relatórios ou “caixas de *bully*” e adotar uma linha telefônica para que os alunos possam denunciar anonimamente os maus-tratos. Algumas escolas já estabeleceram sistemas de e-mail anônimos para esse tipo de denúncia. Outra possibilidade é colocar caixas sobre a mesa do professor onde os alunos possam depositar qualquer tipo de reclamação ou comunicado, incluindo qualquer comentário positivo que quiserem fazer. Os alunos sempre se sentem mais confortáveis com esse tipo de comunicação.
- g) Estimule a escola de seu filho a dar mais estrutura ao recreio ou estabelecer horários diferentes para os alunos mais velhos e os mais novos. Isso significa que os alunos terão de planejar suas atividades antes de sair para o intervalo. Essa é a forma de garantir que todos os estudantes sejam incluídos e que nenhum tente dominar as decisões no playground.
- h) Incentive a escola de seu filho a oferecer um programa de reuniões para os estudantes e proporcionar um treinamento *antibullying* para todos os funcionários. O programa de

reuniões é só o primeiro passo. Ele deve ser seguido sempre de treinamento. Muitas vezes, as reuniões das escolas são agendadas pelo orientador, ou o diretor que designa tarefas para um professor. Sempre que uma reunião *antibullying* for marcada, todo o pessoal da escola, incluindo enfermeiras, secretárias, vigias e motoristas de ônibus, precisa participar. Algumas sessões serão mais apropriadas para professores, orientadores, psicólogos e administradores.

- i) Incentive a escola do seu filho a adquirir informações sobre maus-tratos – livros para os professores, orientadores, alunos e pais; vídeos, pôsteres e panfletos. O *bullying* tem sido um assunto muito discutido e várias empresas estão desenvolvendo produtos que podem ser utilizados pelas escolas.
- j) Caso a escola não obrigue o uso de uniformes, incentive a fazê-lo. Um uniforme não impedirá o *bullying*, mas eliminará um fator de provocação: as roupas. Os uniformes também são uma forma de reduzir problemas disciplinares nas escolas;
- k) Peça para criar um programa de boas vindas ou um comitê de recepção para os novos alunos. Ofereça-se para ajudar a desenvolvê-lo. Os comitês devem incluir alunos que receberão e acolherão os novatos. Os membros do comitê podem apresentar o novo colega ao pessoal da escola e a outros estudantes;
- l) Peça à escola para promover reuniões com grupos de estudantes, bem como com pais, para discutir o *bullying* e outras questões de segurança escolar. Ofereça-se para coordenar ou supervisionar essas reuniões. Você também pode pedir ajuda a diferentes grupos de pais. Antes da reunião, peça a um deles que anote o nome dos presentes e seus comentários, recomendações e decisões tomadas no encontro.
- m) Um programa *antibullying* não pode ter sucesso sem seu apoio, incentivo e envolvimento. Procure se manter envolvido nos esforços da escola de seu filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do *bullying* é, sem sombra de dúvida, extremamente prejudicial, pois diferentemente das demais ocorrências de violência, essa traz consigo inúmeras consequências danosas à saúde física, mental e social dos envolvidos, sejam como vítimas, como agressores ou como testemunhas.

O desrespeito e a violência entre os estudantes sempre foi tema de interesse do pesquisador, o que a motivou para realização deste trabalho. O *bullying* tem sido considerado, nos últimos tempos, um fenômeno preocupante para profissionais da Educação e da Psicologia e até mesmo de outros campos do conhecimento, como Sociologia e Direito, pelas consequências pessoais e sociais que produz, gerando instabilidade na convivência interpessoal, dor e sofrimento às pessoas envolvidas nessa prática, tanto para a vítima como para o autor e espectadores e o ambiente, de modo geral.

As contribuições teóricas sobre o tema apontam o preconceito; as crenças sociais sobre atribuição de atitudes consideradas negativas, marcadas por estereótipos sociais; as relações interpessoais carentes de valores morais ou até mesmo éticos; a baixa autoestima; os modelos agressivos da família e sociedade, a inveja; o temperamento e a tentativa de “reproduzir os maus tratos sofridos”, dentre outros, como possíveis fatores que concorrem para o aparecimento do *bullying*.

No contexto escolar, além dessas causas, pode-se falar em necessidade de afirmação e de demonstração de força e poder como fatores que também estimulam a prática do *bullying* entre crianças e adolescentes. Estudos também se referem, no caso da escola, ao *bullying* praticado por professores em relação aos alunos. Quando há *bullying*, a relação afetiva é notadamente de estilo negativo, com raiva, ódio e traz sérios prejuízos aos membros, pois não se permite que a pessoa viva de forma feliz, desconsiderando o respeito ao outro e o apreço ao bem comum.

A pesquisa pretendeu investigar a percepção de professores e alunos em relação ao *bullying* escolar e para tal foram contatados professores e alunos de escolas públicas estaduais do município de São João do Piauí, estado do Piauí, que revelaram conhecer o fenômeno e saber identificá-lo no ambiente escolar, embora um dos professores entrevistados tenha se referido ao *bullying* como “brincadeira de mau gosto”, confirmando a tese de Pereira (2009, p. 55) segundo a qual os professores não estão capacitados para diferenciar *bullying* de brincadeiras. O tema tem sido divulgado na mídia, os livros didáticos de diversas disciplinas também o abordam com comentários de pessoas que o experimentaram, sobretudo no papel de vítimas. Pelos estudos feitos, observações e pesquisa realizada, uma das causas mais compreendidas como fator preponderante

para o *bullying* é o modelo agressivo familiar, isto é, a criança e o adolescente reproduzem o que aprendem na família, seja violência propriamente dita ou a educação equivocada em que se combate a violência fazendo uso da mesma.

O papel da instituição escolar é de fundamental importância no combate ao *bullying* e cabe aos educadores não apenas transmitir conhecimentos, mas também contribuir para a formação humana de seus educandos, orientar, informar, ou seja, ocupar-se da educação moral dos alunos, como proposta pedagógica viável mesmo em casos de escolas do Ensino Médio, onde os alunos já estão em fase final da Educação Básica. De modo geral, às vezes equivocado, é costumeiro pensar que o adolescente já tenha concluído sua formação como pessoa e necessita apenas de intensos conhecimentos acadêmicos para ter sucesso no processo seletivo para o vestibular.

A escola não pode ficar indiferente ao tema e nem naturalizar os fatos, como se fosse apenas uma “brincadeira” e, nesse caso, é importante que se trabalhem no contexto escolar temas como *bullying*, agressividade, violência dando oportunidades aos alunos de discutirem o assunto, falar de suas experiências. É como afirma Lucas (*apud* Candau): “O mestre tem que estar preparado para falar de temas como violência. Ele deve saber quais são os problemas de seus alunos e estar preparado para, pelo menos na escola, ajudá-los, conquistando assim o respeito deles” (2002, p. 155). É necessário que educadores auxiliem a geração mais nova a buscar o valor da vida, fazendo com que o respeito às diferenças e a aceitação do outro possam ser referências presentes nos relacionamentos e na convivência social. Porém, primeiramente, é preciso que não se perca a sensibilidade como valor indispensável à vida humana. A escola deve intervir nos pequenos atos de agressividade dirigidos ao outro para que não se transformem em desrespeito ou até mesmo violência, pois banalizá-la favorece o descaso frente ao compromisso educativo que deve assumir em relação ao ser humano e à sociedade.

As pessoas assistem, hoje, ao que Candau (2002) chama de “cultura da violência”. Não dá para fechar os olhos, pois a violência presente na sociedade “invade” as escolas e deixa todos vulneráveis.

As contribuições teóricas trabalhadas nesta dissertação permitiram caminhar no sentido de analisar e interpretar os dados obtidos na pesquisa de campo realizada. Dessa forma, verificou-se ao longo das perguntas formuladas aos entrevistados que, quando questionados sobre de que modo percebem o *bullying* escolar, em geral apoiaram-se nas atitudes que o caracterizam por se referirem a ele e neste sentido disseram que percebem o *bullying* como “brincadeira de mau gosto”, manifestação de poder, queixas, xingamentos, agressividade, mas não chegaram a abordá-lo como um desvio de conduta, como uma manifestação psicológica reveladora de desajuste emocional.

De modo geral, a pesquisa revelou que os professores entrevistados demonstraram preocupação com o tema, interesse em trabalhá-lo no sentido de coibir essa manifestação no contexto escolar em integração com as famílias.

Quando tratamos das entrevistas pelos alunos, percebemos a naturalidade com que eles encaram a existência do *bullying* no cotidiano escolar. É como se o fenômeno já fizesse parte das atividades diárias. Agredir, ser agredido ou ver agredir está sendo encarado como algo corriqueiro, trivial. É preocupante perceber também que todos os alunos já estiveram, pelo menos uma vez, envolvidos em casos de *bullying*, seja como agressor, vítima ou espectador.

Extinguir o *bullying* escolar é um grande desafio, porém o desejo de viver em uma sociedade mais generosa, em um mundo melhor é que nos faz acreditar que é possível uma ação conjunta entre família e escola no sentido de promover o respeito, a tolerância, a aceitação do outro e de si mesmo.

É preciso buscar um diagnóstico do *bullying* em todos os seus ambientes. O esclarecimento pode, em muitos casos, facilitar o controle dessas situações. Para que isso possa ser conseguido é necessário que haja um diálogo franco entre os envolvidos. Isso evitará que as pessoas tenham uma mensagem da sociedade que os problemas devem ser resolvidos com violência ou com a anulação moral dos mais fracos.

No *bullying* escolar há necessidade de se dialogar com a direção da escola, promover a capacitação dos funcionários e professores para lidar com o problema. Buscar o máximo possível manter um diálogo aberto e franco com todos os envolvidos, com o intuito de se procurar uma solução que seja aceita pelo grupo e que seja internalizada e duradoura para aquele ambiente escolar. A escola deve manter supervisão constante das atividades dos alunos, orientando-os no caminho do respeito e tolerância com as outras pessoas.

Acabar definitivamente com o *bullying* pode parecer uma utopia, em uma sociedade capitalista e individualista onde a visão de que o “ter” prevalece ao “ser”, mas é um desafio que nos inspira a lutar por um mundo melhor, uma sociedade mais justa, um mundo melhor para deixarmos para as gerações futuras. E isso só poderá ser conseguido quando nenhuma vítima do *bullying* se esconder por trás de suas lágrimas, de seu sofrimento, de seu silêncio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Kelly Simões C. Lima. **Por que é importante dar limites?** Revista do Professor, Porto Alegre, ano 19, n. 74, p. 50, abr/jun. 2003.

ABRAPIA. **Programa de redução do comportamento agressivo de estudantes.** Disponível em: <<http://www.bullying.com.br>>. Acesso em 25 de maio de 2009.

ALEXANDER, Jenny. **Valentões, fofoqueiros e falsos amigos.** Torne-se à prova do *bullying*. Tradução: James Bergin e Heitor Pitombo. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Org.) **A invenção da escola a cada dia.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ANSER, Maria Aparecida Carmona Ianches; JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo; VENDRAMINI, Claudete Maria Medeiros. Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor. **PSICOLOGIA- TEORIA E PRÁTICA.** São Paulo, vol. 5, n. 2, p. 83-98, dez. 2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/ptp/v5n2/v5n2a07.pdf>>. Acesso em: 02 de novembro de 2009.

Atirador anunciou na internet plano de invadir escola. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,atirador-anunciou-na-internet-plano-de-invadir-escola-diz-policia,337591,0.htm>> Acesso em 13 de março de 2009.

Atleta Britânico é ameaçado por colegas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bomdiabrasil/0,,MUL1099302-16020,00>> Acesso em: 27 de abril de 2009.

BEANE, Allan L. **Proteja seu filho do Bullying.** Tradução: Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e Desrespeito:** como acabar com essa cultura na escola. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BETTI, Renata; LIMA, Roberta de Abreu. Bullying: dor, solidão e medo. **VEJA**, São Paulo, ano 44, n. 16, ed. 2213, p.88-95, abr.2011.

BRASÍLIA. **Código Civil**. Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações: 2002. 342p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988.

Bullying é problema grave e merece atenção. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2010/04/14/bullying-e-um-problema-grave-e-merece-atencao.jhtm>>. Acesso em 15 de abril de 2010

CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. 6. ed. São Paulo: Gente, 2001. p.142-143.

_____. **Pedagogia do Amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. 4. ed. São Paulo: Gente, 2004.

_____. **Pedagogia da amizade**. *Bullying*: o sofrimento das vítimas e dos agressores. 2. ed. São Paulo: Gente, 2008.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying: como combatê-lo?** Tradução: Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova, 2004.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

Deputados aprovam projeto de combate ao bullying no Piauí. Jornal Meio Norte, Teresina-PI, ano 16, n. 6795, p.A4, 02.mar.2011.

ESTABLET, Roger. A Escola. In: ESCOBAR, Carlos Henrique de (Org.) **As instituições e os discursos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974, p. 93-125.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERREIRA, B. W.; RIES, B. E. *et al.* **Psicologia e Educação**: desenvolvimento humano. Adolescência e vida adulta. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

FIUZA, César. **Direito Civil**. 11. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2008. p. 726.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder**: introdução à pedagogia do conflito. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KRÜGER, Helmuth Ricardo. Estrutura psicológica do ato moral. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 46, nº ¾, p. 19-33, 1994.

_____. **Introdução à Psicologia Social**. São Paulo: EPU, 1986.

LAWRENCE, G.; ADAMAS, F. D. For every bully there is a victim. *American Secondary Education*. **Bowling Green**, v.35,n.1,2006. Disponível em: <<http://proquest.umi.com>>. Acesso em: 15 de julho de 2009.

LAVILLE, Christian. DIONNE, Jean. Traduzido por Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 2002.

LOPES NETO, Aramis A. *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, v. 81, nº 5, p. S164-S172, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>. Acesso em: 26 de dezembro de 2009.

LOPES NETO, Aramis A. & SAAVEDRA, Lucia Helena. **Diga não ao Bullying!**, Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Rio de Janeiro, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO, Maria Tereza. **A face oculta**. Uma história de *bullying* e *cyberbullying*. São Paulo: Saraiva, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico** – procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7. ed. rev. atual. São Paulo: Atlas, 2009.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 2001.

MIDDELTON-MOZ, Jane. ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, Edjôfre Coelho de. **Indisciplina**: uma barreira para a aprendizagem. In: Congresso Internacional de Leitura e Formação de Professores/Ápice. Salvador: Editora Universitária, 2006. p. 125.

OLIVEIRA, Elida. No banheiro da escola, um tiro – o caso da estudante de 15 anos que se matou com o revólver do pai levanta o problema da falta de controle do acesso de jovens às armas. **ÉPOCA**, São Paulo, ano, n. 575, p. 164-166, mai. 2009.

PEREIRA, Beatriz O. **Para uma escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a ciência e a tecnologia. Ministério da Ciência e da Tecnologia. Porto: Ed. Imprensa Portuguesa, 2002.

PEREIRA, Camila. Quando ensinar é uma guerra. Alunos desmotivados, indisciplina, infraestrutura precária e violência. São muitas as adversidades enfrentadas pelos professores – e o maior prejudicado é, mais uma vez, o bom ensino. **VEJA**, São Paulo, ano 42, n. 24, ed. 2117, p.96-102, jun.2009.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying** e suas implicações no ambiente escolar. São Paulo: Paulus, 2009.

Polícia investiga grupo que se organizava na web para agredir colegas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1201271-6174,00POLICIA+INVESTIGA+GRUPO+QUE+SE+ORGANIZAVA+NA+WEB+PARA+AGREDIR+COLEGAS.html>> Acesso em: 20 de junho de 2009

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. 27. ed. ver. ampl. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCHILLING, Flávia. **A sociedade da insegurança e a violência escolar**. São Paulo: Moderna, 2004.

SHAFFER, David R. **Psicologia do desenvolvimento**: infância e adolescência. Tradução: Cíntia Regina Pemberton Cancissu. São Paulo: Pioneira Thomson, 2005.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas nas escolas – bullying**: como identificar e combater o preconceito, a violência e a covardia entre alunos. Rio de Janeiro: Objetiva: 2010.

SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de; SILVA, Eurides Brito da. **Como entender e aplicar a nova LDB** (Lei nº 9.394/96). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SOUZA, Regina Célia de. **Atitude, preconceito e estereótipo**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/psicologia/atitude-preconceito-estereotipo.htm>. Acesso em: 26 de abril 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. A Instituição Escolar e a Violência. **Cadernos de Pesquisa**. N. 104. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998. P. 58-75.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 59. ed. São Paulo: Gente, 1996.

_____. **Ensinar Aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. 18. ed. São Paulo: Gente, 1998. p. 119-132.

TONON, Rafael. Me zoaram na internet. **Capricho**, São Paulo, Ed. 1094, p. 80-83, abr. 2010.

ZAGURY, Tânia. **Limites sem traumas**: construindo cidadãos. 83. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A

ENTREVISTA PRÉ-DETERMINADA PARA PROFESSORES

Identificação:

Escola: _____

Idade:

- ☐ entre 18 e 25 anos ☐ entre 25 e 30 anos
☐ entre 30 e 40 anos ☐ mais de 40 anos

Tempo de magistério:

- ☐ menos de 5 anos ☐ entre 5 e 10 anos
☐ entre 10 e 20 anos ☐ mais de 20 anos

Nível de escolaridade:

- ☐ Magistério ☐ Superior
☐ Especialização ☐ Mestrado ☐ Doutorado

Carga Horária de trabalho por semana:

- ☐ 20 hs ☐ 40 hs ☐ 60hs

Vínculo empregatício nessa instituição:

- ☐ Efetivo ☐ Temporário

1. Já participou de algum programa preventivo ou de redução da violência?

SIM: O que motivou sua participação?

NÃO: Por quê?

2. Diante de agressões físicas entre alunos, o que faz?

- ☐ Entra na briga para separar os alunos.
☐ Chama a direção da escola para intervir.
☐ Ignora
☐ Outra. Qual? _____

3. Diante de agressões morais ou verbais entre alunos, o que faz?

- ☐ Ignora.
☐ Solicita aos alunos envolvidos que se retirem da sala.
☐ Solicita à direção/coordenação que resolva o caso fora da sua sala de aula.
☐ Intervém de forma educativa, com aulas sobre o assunto.
☐ Outra. Qual? _____

4. Qual o conceito que você tem sobre o bullying?

5. Como você identificaria que um aluno está envolvido no bullying? (vítima agressor e/ou testemunha)

6. Já presenciou algum caso de violência que poderia considerar como bullying?

SIM: Que aspectos foram considerados para essa afirmação?

NÃO: Como imagina que seja uma situação caracterizada pelo bullying?

7. Como acredita que os alunos percebem a sua aula?

8. Como classifica o nível de afetividade dos alunos em relação a você?

- () Ótimo
- () Bom
- () Regular
- () Insuficiente

9. Considera-se um professor que demonstra afetividade por seus alunos?

- () Sim, de forma até exagerada, às vezes.
- () Sim, mas dentro dos limites para que não confundam com liberdades.
- () Relativo, dependendo do meu estado de espírito.
- () Não, procuro não misturar o profissional com o sentimental.

10. Acredita que nas suas aulas ocorrem ou possam ocorrer agressões físicas e/ou verbais?

SIM: Quais seriam ou são as agressões mais freqüentes?

NÃO: O que faz para que isso não ocorra?

11. Discute sobre violência e temas relacionados em suas aulas?

12. O que mudaria no ambiente escolar para reduzir a violência?

APÊNDICE B

ENTREVISTA PRÉ-DETERMINADA PARA ALUNOS

Responda a todas as perguntas. Pense cuidadosamente em cada uma delas. Circule apenas uma resposta em cada item. Não precisa colocar seu nome.

Escola: _____

Série: _____ Turma: _____ Curso: _____

Data: _____ Idade: _____ Sexo: _____

1. Você já viu um ou mais alunos acertando, chutando, empurrando ou ferindo fisicamente outros colegas durante as aulas?

- A. Sim, sempre
- B. Sim, várias vezes.
- C. Sim, raramente.
- D. Não.

2. Você já ouviu algum aluno ou grupo de alunos falando palavrões ou apelidando outros alunos durante as aulas?

- A. Sim, várias vezes.
- B. Sim, sempre
- C. Sim, raramente
- D. Não.

3. Com relação à questão anterior, são sempre os mesmos alunos envolvidos?

- A. Não.
- B. Sim, todos
- C. Sim, mas só os que batem ou xingam os outros
- D. Sim, mas só os que são maltratados

4. Você já ouviu seu professor falar mal, falar palavrões ou humilhar você e/ou seus colegas?

- A. Não.
- B. Sim, raramente.
- C. Sim, várias vezes.
- D. Sim, sempre

5. O que o professor faz quando alguém: fala palavrões, apelida ou humilha algum aluno?

- A. Não faz nada, afinal ele não percebe.
- B. Tenta resolver o problema
- C. Finge que não percebe
- D. Faz brincadeiras sobre a situação
- E. Leva todos para a diretoria ou coordenação
- F. Na primeira oportunidade faz a mesma coisa.

6. Como seu professor reage, quando há brigas durante a aula?

- A. Grita com os alunos que estão brigando
- B. Tenta separar a briga
- C. Não faz nada
- D. Incentiva o outro aluno a reagir da mesma forma
- E. Senta com os alunos e conversa sobre o que esta acontecendo

7. Como você se sente durante os intervalos das aulas fora das dependências da sala de aula?

- A. Muito bem, participo de tudo.
- B. Bem, pois me dou bem com os demais colegas da minha e das outras turmas da escola.
- C. Não gosto muito, raramente me inserem nas conversas.
- D. Muito mal, por que eu não participo de nada .

8. O que você faz quando encontra alunos sendo machucados, roubados ou xingados por outros colegas?

- A. Chamo o professor.
- B. Não me envolvo com o problema
- C. Ajudo a pessoa que esta sendo maltratada
- D. Ajudo a agredir
- E. Me divirto com a situação.

9. Você já foi vitima de boatos, apelidado, xingado ou agredido por outros colegas?

- A. Sim, sempre
- B. Sim, várias vezes.
- C. Sim, raramente.

D. Não.

10. O que você mudaria na sua escola para reduzir a violência? (Poderá marcar mais de uma alternativa)

A. Alunos

B. Professores

C. Direção

D. Coordenação

E. A estrutura da escola

F. Funcionários

G. O bairro

H. Todas as alternativas anteriores.

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ALUNOS, PAIS E/OU RESPONSÁVEIS

Autorizo voluntariamente a utilização dos dados do aluno sob minha responsabilidade na pesquisa: “**O *BULLYING* NA ESCOLA: a visão de professores e alunos do Ensino Médio de São João do Piauí – PI**” sob orientação de Emmanuel Sabino. Estou ciente que a pesquisa será realizada através de uma entrevista pré-determinada com professores e alunos fazendo uso da aplicação de um questionário objetivo tendo como objetivo principal analisar as atitudes dos professores e alunos na dinâmica escolar e a influência desse comportamento no fenômeno *bullying*. Fui esclarecido que a participação do aluno nesta pesquisa não trará benefícios diretos, mas a reflexão sobre o pensar pedagógico e humano nas relações professor-aluno no contexto do *bullying*. Estou ciente que em nenhum momento ele terá dano físico, psicológico, moral e financeiro, que será garantida a privacidade das informações coletadas e que a qualquer momento poderei desistir da participação na pesquisa. Poderei também solicitar informações e esclarecimentos diretamente ao pesquisador:

Nome: Edjôfre Coelho de Oliveira

Endereço: Rua Professor José Rosa, 200– Centro – Cep.: 64760-000 – São João do Piauí, PI.

Telefones: (86) 3232-0312 / 8825-7832

E-mail: edjofrecoelho@bol.com.br

Declaro ter compreendido os procedimentos para a realização da pesquisa, os objetivos e os benefícios decorrentes da participação do aluno na pesquisa.

São João do Piauí, ____ de _____ de 2011

Dados do Entrevistado:

Nome do Aluno: _____

Nome dos pais ou responsáveis: _____

Endereço: _____

Telefones para contato: _____

Assinatura do pai ou responsável

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PROFESSORES

Autorizo voluntariamente a utilização das informações por mim prestadas na pesquisa: “**O *BULLYING* NA ESCOLA: a visão de professores e alunos do Ensino Médio de São João do Piauí – PI**” sob orientação de Emmanuel Sabino. Estou ciente que a pesquisa será realizada através de uma entrevista pré-determinada com professores e alunos fazendo uso da aplicação de um questionário objetivo tendo como objetivo principal analisar as atitudes dos professores e alunos na dinâmica escolar e a influência desse comportamento no fenômeno *bullying*. Fui esclarecido que a participação do professor nesta pesquisa não trará benefícios diretos, mas a reflexão sobre o pensar pedagógico e humano nas relações professor-aluno no contexto do *bullying*. Estou ciente que em nenhum momento ele terá dano físico, psicológico, moral e financeiro, que será garantida a privacidade das informações coletadas e que a qualquer momento poderei desistir da participação na pesquisa. Poderei também solicitar informações e esclarecimentos diretamente ao pesquisador:

Nome: Edjôfre Coelho de Oliveira

Endereço: Rua Professor José Rosa, 200– Centro – Cep.: 64760-000 – São João do Piauí, PI.

Telefones: (86) 3232-0312 / 8825-7832

E-mail: edjofrecoelho@bol.com.br

Declaro ter compreendido os procedimentos para a realização da pesquisa, os objetivos e os benefícios decorrentes da participação do aluno na pesquisa.

São João do Piauí, ____ de _____ de 2011

Dados do Entrevistado:

Nome do Professor: _____

Endereço: _____

E-mail: _____

Telefones para contato: _____

Assinatura do(a) professor(a)

ANEXOS

ANEXO A

TONON, Rafael. Me zoaram na internet. **Capricho**, São Paulo, Ed. 1094, p. 80-83, abr. 2010.

COMPORTAMENTO



Me zoaram na internet

Conheça histórias de meninas que sofreram *bullying* virtual, saiba o que fazer para evitar que isso aconteça com você e, junto com a gente, ajude a impedir que haja mais vítimas

Texto: Rafael Tonon Edição: Isabela Noronha (inoronha@abril.com.br) Foto: Victor Almeida Design: Eduardo Bessa Produção: Fernanda Milani Cenário: Camila Mattoso

TODOS OS DIAS QUANDO SE conectava, Thaís dava de cara com mensagens ofensivas nos seus perfis do Orkut e do Twitter. Detalhe nº 1: quem começou com os xingamentos foi o melhor amigo dela. Detalhe nº 2: ela não tem ideia por que ele fez isso. Ana Catarina tinha acabado de contar que tinha diabetes quando ganhou de uma colega o perfil falso A Garota Doente. E Ana Eloísa teve uma foto sua incluída em uma montagem pornô. Como você já deve ter sacado, as histórias dessas garotas têm ao menos um ponto em comum: elas sofreram *bullying* virtual, também chamado de *cyberbullying* e *online bullying*. Todos esses são nomes que resumem uma atitude criminosa: zoar alguém repetidamente na internet. Nas próximas páginas, você vai descobrir como elas saíram dessa situação e também encontra dicas para se prevenir desse problema. Mas, principalmente, entra junto com a CAPRICHÔ em uma campanha superimportante de combate a esse tipo de atitude. Então, fale com as suas amigas, espalhe na escola e, claro, coloque em todos os seus perfis: diga não ao *bullying* virtual!

58% das meninas já sofreram **cyberbullying**
A maioria delas teve que lidar com críticas ao seu jeito de ser e depois chorou por dias, mas não fez nada contra os agressores.
Em 60% dos casos, eles eram alguém da escola*

* Pesquisa feita com 13.428 meninas no **capricho.com.br**

Elas foram zoadas

Três meninas contam o que fizeram quando sofreram *cyberbullying* dos...

...Amigos

"Um dia, do nada, meu melhor amigo me chamou de falsa e começou a me difamar na escola, dizendo que eu falava mal de todo mundo... Não demorou para todos começarem a me xingar no Orkut e no Twitter. Todo dia, na minha página, havia alguém falando mal de mim. O pior é que, na internet, até pessoas que eram mais tímidas ao vivo aproveitavam para me ofender! Eu tentava deletar todos, mas nada os fazia parar. Até que não aguentei e contei para os meus pais. Minha mãe quis falar com a diretora, mas não deixei. A única saída que encontrei foi mudar de escola! Mesmo assim o *bullying* virtual continuou por um tempo. Isso já faz dois anos, mas a dor continua a mesma."

Thaís, 15 anos, São Paulo (SP)

Dê end no bullying

Nesse caso, além da violência do *bullying* virtual, você sofre pela traição dos seus amigos, que, agora dá para ver, nunca mereceram esse título. Insista em falar com eles ao vivo para resolver a questão. Se não conseguir ou não adiantar, se afaste dessas pessoas e, então, não tenha medo e nem se sinta mal em procurar a direção da escola para falar do assunto. Lembre: nada justifica o *bullying*!

...Alguém da escola

"Logo que descobri que tinha diabetes, me abri com meus amigos e alguns professores. Mas uma menina popular também ficou sabendo e resolveu usar isso contra mim. Começou pela internet, fazendo um perfil no Orkut chamado A Garota Doente com várias fotos minhas. Ela me humilhava: falava que ninguém poderia sair comigo porque ia passar vergonha, já que eu não poderia comer nada. Com isso, as pessoas se afastaram de mim, não me chamavam mais para nada. Fiquei péssima! O pesadelo só acabou quando o caso chegou à diretoria e eles fizeram a tal garota me pedir desculpas na frente de todos sob a ameaça de ser expulsa."

Ana Catarina, 16 anos, São Paulo (SP)

Dê end no bullying

Você terá vontade de se isolar de todos, mas tente resistir: continuar agindo normalmente é um jeito de mostrar a sua força, pois os autores do *bullying* querem mesmo que você se sinta diminuída. Evite também responder a e-mails ou recados deles nas redes sociais. Em vez disso, leve o caso à direção da escola. Se não se sentir à vontade, peça que seus amigos a ajudem a fazer a denúncia.

...Desconhecidos

"Há dois anos, uma montagem com uma foto minha foi publicada em um site pornô. Mandaram o link para várias pessoas da escola, entre elas, meu namorado. Ele não acreditou que a imagem era falsa e terminamos. Fiquei tão envergonhada que não consegui contar para meus pais. No fim, foi meu irmão que contou. Eu chorava feito criança e não queria ir à escola. Não suportava a ideia de as pessoas olharem para mim e se lembrarem da foto. Cheguei a faltar uma semana! Me afastei de meus amigos e quase não saía de casa. Tive até que começar a fazer terapia. Só voltei com meu namorado quatro meses depois. Até hoje, tenho muita dificuldade de confiar nas pessoas."

Ana Eloisa, 18 anos, Curitiba (PA)

Dê end no bullying

Tente vencer a vergonha e contar tudo aos seus pais. Eles poderão acionar a polícia, que vai identificar e punir os agressores. E guarde as provas: se sua foto circulou por e-mail, preserve um deles na sua caixa de entrada – se apenas imprimi-lo, não terá valor legal. Na escola, se não suportar os olhares das pessoas, converse com sua mãe e peça para se afastar uns dias: isso vai ajudá-la a organizar melhor as ideias.

Minha amiga foi zoada. COMO FAS?

☞ **Fique ao lado dela.** Pense que essa é justamente a hora em que a garota mais precisa de você. E é também uma chance de mostrar o quanto a sua amizade é verdadeira.

☞ **Evite fazer julgamentos.** Respeite o momento dela. Isso significa consolar o choro e evitar fazer julgamentos. Ela não precisa de mais uma pessoa atacando-a!

☞ **Incentive sua amiga a contar** o que está acontecendo para algum adulto. O melhor é que sejam os pais dela. Só com a autorização deles é possível pensar em punições legais dos responsáveis pelo *bullying*.

☞ **Procure ajuda imediata.** Há serviços especializados nesse tipo de problema, como o Núcleo de Pesquisa da Psicologia em Informática, da PUC-SP (npipi@pucsp.br), que oferece orientações online de como agir, e o disque 100, que é de graça e registra denúncias anônimas.

☞ **Não repasse** e nem deixe outros amigos ou conhecidos repassarem um e-mail maldoso sobre a sua amiga. Participar desse tipo de movimento na internet – ainda que seja como mera espectadora – também é *cyberbullying*! E pode machucar muito uma pessoa.

EU faço o cyberbullying

Sério? Ainda está em tempo de parar! A gente dá dois bons motivos para você – além da dor que pode causar a uma pessoa. O primeiro é que a sensação de poder que essa atitude proporciona não passa de uma ilusão e pode até viciar. O autor dos xingamentos se sente mais forte toda vez que humilha os outros e, assim, sua vontade de repetir a dose só aumenta. O que ele não percebe é que, dia após dia, está ficando mais sozinho. Afinal, os amigos que consegue são, na maioria, garotas e garotos movidos pelo medo de serem a próxima vítima. Tá na cara que isso não vai durar muito, né? A outra razão para não querer entrar nessa é que todo tipo de *bullying* é crime. E se engana quem acha que a internet oferece anonimato. Em grande parte das vezes, é possível rastrear os autores do *bullying* virtual. As punições previstas para esse crime são o pagamento de uma indenização e, no caso de o agressor ter mais de 18 anos, a obrigatoriedade de prestar serviços comunitários e até a prisão.

ANEXO B

Atleta Britânico é ameaçado por colegas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bomdiabrasil/0,,MUL1099302-16020,00>> Acesso em: 27 de abril de 2009.

Atleta britânico é ameaçado por colegas

Aos 14 anos, Thomas Daley se destaca nos saltos ornamentais. Mas os pais temem pela saúde dele: mental e física. O motivo? Perseguição.

Ele é uma promessa do esporte. Aos 14 anos, Thomas Daley se destaca nos saltos ornamentais. Representou a Inglaterra Olimpíadas do ano passado. Conquistou medalhas, dinheiro, fama e virou xodó dos que vibram com jovens talentos.



Apesar da técnica perfeita, a carreira do atleta Tom Daley corre perigo. Os pais temem pela saúde dele: mental e física. O motivo? Perseguição.

Tudo começou com apelidos bobos, gozação típica de adolescentes imaturos. Mas as ofensas se tornaram mais graves. Daley virou alvo de chacota. Veio a ameaça mais perturbadora: alunos anunciaram que iriam quebrar as pernas dele. O esportista não aguentou. Pediu para sair da escola.

Vai passar a treinar nos Estados Unidos. A mídia inglesa protesta. Estampa nas manchetes sua indignação. Tenta preservar Thomas Daley - orgulho nacional.

ANEXO C

Polícia investiga grupo que se organizava na web para agredir colegas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1201271-6174,00POLICIA+INVESTIGA+GRUPO+QUE+SE+ORGANIZAVA+NA+WEB+PARA+AGREDIR+COLEGAS.html>> Acesso em: 20 de junho de 2009

Polícia investiga grupo que se organizava na web para agredir colegas

Grupo era formado por estudantes de escola de Ribeirão Preto (SP). Alunas que foram vítimas contam que eram ameaçadas e espancadas.

Do G1, em São Paulo, com informações do Jornal Nacional

A polícia de Ribeirão Preto (SP) investiga um grupo de adolescentes que se organizava em um site de relacionamentos com o objetivo de ameaçar e agredir colegas. A página foi retirada do ar, mas a polícia tem cópias que indicam o nível de violência das conversas.

O próprio nome da comunidade, "Bonde do Capeta", já assustava. Quinze meninas, com idades entre 13 e 14 anos, faziam parte do grupo. Havia uma lista com os nomes de quem deveria ser agredida - bastava ser bonita e inteligente, segundo as vítimas.

As alunas que sofreram as humilhações contam que, durante meses, foram ameaçadas e espancadas pelas colegas de escola - comportamento conhecido como "bullying" ou "ciberbullying".

"Enquanto a gente não mudar de escola elas não vão sossegar", conta uma das vítimas.

"Elas me pegaram por trás e foi bastante chute, soco, muito puxão de cabelo", explica outra das vítimas.

"Quem queria entrar nesse 'bonde do capeta' tinha de bater em menina bonita, que estuda e que vai arrumadinha para a escola e tinha que tirar sangue delas", conta uma menina que foi atacada.

Os pais, assustados, querem tirar as filhas da escola. "Se afeta elas o fato de a minha filha se arrumar, a minha filha estudar, francamente, em que mundo nós estamos?".

A polícia já identificou cinco estudantes, e elas foram transferidas para outra escola. O Ministério Público também vai investigar o caso.

Especialistas em educação dizem que não basta punir. As agressoras precisam receber também ajuda psicológica. "É preciso ensinar respeito, tolerância, carinho. Tem que fazer parte do programa de ensino da escola e da família", diz João Roberto Araújo, mestre em psicologia social.

ANEXO D

Bullying é problema grave e merece atenção. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2010/04/14/bullying-e-um-problema-grave-e-merece-atencao.jhtm>>. Acesso em 15 de abril de 2010

Bullying é problema grave e merece atenção

14/04/2010 - 14h26 | do UOL Estilo

Getty Images



O bullying sempre aconteceu em todas as escolas, mas por muito tempo a sociedade o considerou "brincadeira de crianças"

FERNANDA JUNQUEIRA
Colaboração para o UOL

Recém-chegada aos Estados Unidos, a irlandesa Phoebe Prince, 15 anos, manteve um namoro com um dos garotos mais populares da escola onde se matriculou. Esse foi o motivo que levou um grupo de adolescentes a agredi-la verbal, virtual e fisicamente. Cansada, desesperada e com medo da violência, a garota optou pelo suicídio. Phoebe foi encontrada enforcada na escada do prédio onde morava no último dia 14 de janeiro passado. Em março, a Casa Imperial japonesa divulgou uma nota informando que a princesa Aiko, de 8 anos, filha única do herdeiro do trono do Japão, Naruhito, havia deixado de ir à escola após sofrer assédio moral por um grupo de colegas.

Phoebe, Aiko e milhões de outras crianças e adolescentes, meninos e meninas, de todo o mundo são vítimas, diariamente, de um mal que existe há séculos, mas que hoje em dia tem nome “científico” – bullying – e vem alcançando proporções avassaladoras. De acordo com a psicóloga Maria Tereza Maldonado, do Rio de Janeiro, membro da American Family Therapy Academy, o bullying sempre aconteceu em todas as escolas, mas por muito tempo a sociedade o considerou “brincadeira de crianças” e não deu maior importância ao tema. O termo inglês é utilizado para descrever atos de agressão física, verbal e psicológica intencionais e feitos de modo repetitivo.

“É semelhante ao que tradicionalmente acontecia na educação dos filhos: os pais se achavam no direito de xingar, espancar e cometer outras formas de violência para ‘endireitar’ as crianças rebeldes. Atualmente, esses casos vão parar nos Conselhos Tutelares como ações de violência intrafamiliar que precisam ser tratadas para que os pais se conscientizem do direito das crianças de serem educadas sem violência. Com o bullying está começando a acontecer algo idêntico: é preciso trabalhar o conceito de que agressão não é diversão. Condutas de perseguição implacável, mensagens difamadoras e depreciativas, agressões físicas ou verbais não devem ser aceitáveis”, afirma Maria Tereza, autora do livro “A Face Oculta – Uma história de bullying e cyberbullying”, editado pela Editora Saraiva.

Segundo a pedagoga Flávia Cristina Oliveira Murbach de Barros, de São Paulo, é necessário levar em conta que os problemas sociais em geral, na escola ou em qualquer outro espaço, vieram a ter mais evidência com a evolução dos estudos sobre o assunto. “Podemos dizer que a partir da década de 1980 houve muitas

mudanças políticas e econômicas no país, o que acarreta uma grande mudança na forma de se ver a ciência, a arte e a sociedade como um todo. Assim também passaram a ver a escola e seus problemas por outro ângulo. É necessário destacar ainda que as gerações atuais vivem um momento de banalização da violência, psicológica ou física, o que contribui para o aparecimento de mais violência, como o caso do próprio bullying”, afirma Flávia, que também é doutoranda em Educação pela Unesp Marília (Universidade Estadual de São Paulo) e pesquisadora do Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Motivos e sinais

Mais importantes do que as diferentes expressões do bullying, conforme as faixas etárias, são as semelhanças de motivos: visões preconceituosas sobre as pessoas consideradas diferentes da maioria; desejo de exercer poder dominando ou atacando pessoas vistas como mais sensíveis ou retraídas; inveja que estimula a excluir do convívio social os que se destacam intelectualmente.

Em geral, a criança que sofre o assédio moral não conta em casa o que está acontecendo na escola – o universo principal onde o bullying é exercitado (alguns autores expandem o conceito para incluir também as condutas de agressão persistente entre irmãos, vizinhos e parentes) –, mas pais atentos podem identificar o problema.

Os principais sinais são mudanças de comportamento do tipo: não querer ir para as aulas, pedir para mudar de turma, sintomas de angústia (dor de cabeça, de estômago, suor frio), dificuldade de concentração e queda do rendimento escolar. A criança se torna arredia, tensa, preocupada e cansada, de acordo com o especialista norte-americano Allan Beane, autor de “Proteja seu Filho do Bullying - Impeça que ele maltrate os colegas ou seja maltratado por eles” (Editora BestSeller) e do site www.bullyfree.com. O filho de Allan, Curtis, morreu aos 23 anos por culpa indireta do bullying após muito sofrimento.

É preciso escutar

Os pais precisam mostrar-se abertos à escuta, encorajando a criança a expressar seu sofrimento, sem criticá-la por ser “fraca” e sem se apressar a criar soluções que muitas vezes ela não se sentirá em condições de colocar em prática. É importante pensar junto com ela a criação de recursos pessoais e de alianças com os amigos que a tornarão capaz de enfrentar os agressores, da mesma forma que é essencial que a escola promova um programa antibullying eficiente.

Já os pais de uma criança que pratica o bullying devem mostrar ao filho que se divertir à custa do sofrimento dos outros é inaceitável e que ele pode desenvolver maneiras de se destacar com habilidades valiosas. “O diálogo é sempre importante. E saber o porquê das ações como também fazer uma autoavaliação das relações domésticas entre criança-família”, ressalta a pedagoga Flávia.

“Somos formados por nossas relações históricas e sociais, pela relação com os objetos da cultura. Precisamos saber, tanto a escola como a família, o que estamos proporcionando às crianças e aos adolescentes em relação à apropriação da cultura. O que eles estão se apropriando? O que estamos proporcionando? Uma cultura computadorizada? Uma conversa sem relação de reciprocidade? Vale a nossa consciência”, analisa a especialista.

Já a psicóloga Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams, da Ufscar (Universidade Federal de São Carlos), avisa que, conforme a gravidade, um psicoterapeuta pode ajudar a criança vitimada ou a autora de bullying, bem como a família a enfrentar o problema. “O que os pais nunca devem fazer é ignorar ou minimizar o problema da criança, nem estimular a agressão ou o revide.”

Ação e reação

Vale a pena ressaltar que algumas crianças criam recursos para lidar com o problema e se desenvolvem normalmente. Outras, no entanto, carregam o sofrimento consigo por um longo período de vida ou acabam se tornando autoras de bullying. “Pode haver ainda sequelas terríveis para a vida adulta, como abandono dos estudos, menores chances de conseguir um emprego, de se relacionar afetivamente, formar uma família, problemas com baixa auto-estima e maiores chances de desenvolver transtornos mentais”, alerta a psicóloga Lúcia Cavalcanti. Há casos graves em que o desespero é tão grande que o adolescente se sente sem saída, adoece e às vezes chega a cometer suicídio – vide o fim trágico de Phoebe Prince.

“O bullying associa a intimidação e a humilhação das pessoas por parte do agressor, resultando em um ataque psicológico, físico e social. A vítima recebe uma alta carga energética dos seus agressores, por isso, muitas vezes, existe um peso acima do suportável, podendo gerar intenções suicidas ou homicidas, como muitos casos que acontecem nas escolas dos Estados Unidos, onde a vítima sai matando seus agressores como forma de aliviar essa carga sobre sua vida”, comenta a psicoterapeuta Maura de Albanesi, diretora do Instituto de Psicologia Avançada AMO, de São Paulo. “Por esta razão, os pais precisam buscar ajuda psicológica rapidamente, a fim de também evitar que essa criança se torne um adulto que sofra de fobia social, timidez, medo, apatia e afins”, alerta a psicoterapeuta.

ANEXO E

Atirador anunciou na internet plano de invadir escola. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,atirador-anunciou-na-internet-plano-de-invadir-escola-diz-policia,337591,0.htm>> Acesso em 13 de março de 2009.

Atirador anunciou na internet plano de invadir escola, diz polícia

Autoridades alemãs dizem que jovem que matou 15 estava sob tratamento contra depressão.

12 de março de 2009 | 9h 48

O jovem de 17 anos que invadiu sua antiga escola na Alemanha iniciando uma matança que resultou na morte de 16 pessoas, tinha anunciado seus planos na madrugada anterior em uma sala de bate-papo na internet, segundo as autoridades alemãs.

Em uma entrevista coletiva nesta manhã em Winnenden, o ministro do Interior do Estado de Baden-Wurtemberg, Heribert Rech, disse ainda que o jovem, Tim Kretschmer, estava recebendo tratamento psiquiátrico para depressão desde 2008.

Segundo o ministro, na sala de bate-papo, por volta das 02h50 na madrugada de terça para quarta-feira, Tim teria dito que "estava com o saco cheio da vida".

"Ninguém sabe do que sou capaz. Tenho armas, vou a minha escola...Mantenha os olhos e ouvidos abertos, lembrem do nome do lugar, Willenden", disse o jovem, que na manhã seguinte invadiria sua antiga escola na localidade de Willenden, armado com uma pistola Beretta de calibre 9mm.

Na escola, ela matou 12 pessoas - três professoras e nove alunos. Outra pessoa foi morta na saída da escola e as duas últimas vítimas foram alvejadas em uma loja de automóveis em outra cidade vizinha, Wendlingen.

Segundo as autoridades, o rapaz teria disparado 60 tiros na escola, e 49 tiros até o momento de seu suicídio. A polícia encontrou munição para mais 130 tiros no corpo do rapaz.

As razões que levaram Kretschmer a cometer a matança ainda não estão claras, disse a polícia.

A expectativa era de que as autoridades abordassem as especulações de que Tim Kretschmer teria buscado alvejar principalmente mulheres na escola em Winnenden, perto de Stuttgart.

Onze - oito alunas e três professoras - de suas doze vítimas na escola eram do sexo feminino.

O caso chocou a Alemanha. A chanceler Angela Merkel chamou o ataque de "incompreensível" e que todo o país estava de luto.

As bandeiras nesta quinta-feira foram colocadas a meio-mastro na Alemanha.

Centenas de pessoas compareceram a missas na cidade na quarta-feira, em memória das vítimas e flores foram depositadas em frente à escola.

Segundo as primeiras investigações da polícia, Kretschmer gostava de jogos de computador violentos.

A polícia acredita que ele planejava passar mais tempo e matar mais gente no prédio, mas que a chegada imediata dos agentes fez com que o jovem mudasse de ideia.

Autoridades, no entanto afirmam que, aparentemente, Kretschmer não tinha nenhum ressentimento em relação à escola.

O jovem entrou na escola de nível secundário Albertville, em Willenden, ao norte de Stuttgart, vestido em roupas de combate pretas.

Oito alunas, um aluno e três professoras morreram quando ele abriu fogo na escola. Outros sete alunos ficaram feridos.

Ao fugir da escola, Kretschmer ainda matou um pedestre. Ele roubou um carro, levando o motorista como refém, antes de parar no vilarejo de Wendlingen, a cerca de 40 km da escola.

Ele ainda matou dois homens em uma loja de automóveis. Em seguida, a polícia trocou tiros com o jovem, que foi atingido na perna.

Ele conseguiu fugir e se suicidou.

O ataque de quarta-feira foi o que teve maior número de vítimas na Alemanha desde 2002, quando um ex-aluno de uma escola na cidade de Erfurt, no leste, matou 14 professores, dois alunos e um policial.

BBC Brasil - Todos os direitos reservados. É proibido todo tipo de reprodução sem autorização por escrito da BBC.

ANEXO F

BETTI, Renata; LIMA, Roberta de Abreu. Bullying: dor, solidão e medo. **VEJA**, São Paulo, ano 44, n. 16, ed. 2213, p.88-95, abr.2011.



Especial

O tormento de ir para o colégio

Quando **L.B.**, 15 anos, entrou na adolescência, uma deformação em sua face direita, fruto de uma doença congênita, começou a motivar piadas por parte dos colegas, especialmente dos meninos. Elas foram se tornando mais cruéis. “Me chamam de feia, boca torta e até perguntam se eu estou grávida na bochecha”, conta a menina, que sofre sem nenhum amparo do colégio estadual onde estuda desde janeiro, em São Paulo. “Aproveitam para me humilhar quando os professores não estão olhando”, diz L.B., que tenta esconder seu rosto com o cabelo. Tímida e sem amigos, ela acredita que pode superar o problema submetendo-se a uma série de cirurgias plásticas, já programadas. As cicatrizes das humilhações que sofre todos os dias, no entanto, ficarão para sempre em sua memória.

CLAUDIO GATTI



RENATA BETTI E ROBERTA DE ABREU LIMA

São muitas, irrepetíveis, inexplicáveis, inevitáveis e sombrias as motivações do covarde assassino de crianças de Realengo, no Rio de Janeiro. Seu funesto testamento, feito em cartas e vídeos, cita, porém, um fenômeno que, se não produz automaticamente assassinos e desajustados sociais, atormenta diariamente milhões de crianças — o bullying, termo em inglês popularizado no Brasil. Sob seu amplo significado abriga-se todo tipo de tortura física e psicológica de que são vítimas as crianças que têm como algozes seus próprios colegas. Numa série de vídeos que Wellington Menezes de Oliveira gravou enquanto planejava o ataque, ele disse que ia matar para ex-

piar as humilhações que sofrera no colégio. Evidentemente, por piores que tenham sido as agressões impingidas a ele, elas não justificam nem explicam todo o bárbaro episódio, produto de uma mente perversa e doentia. O caso reforça, porém, a ideia de que o bullying não pode continuar a ser negligenciado pelas escolas brasileiras nem pelos pais. Em um lugar que deve funcionar como extensão da própria casa, alguns estudantes se tornam alvo preferencial de xingamentos, ameaças e agressões físicas. Não é uma violência qualquer. O bullying é executado pelos pares, ou seja, pelo grupo ao qual a criança ou o adolescente precisa pertencer e no qual deve se sentir um igual como parte do processo saudável de amadurecimento psicológico e de preparo para a vida adulta. Sentir-se preterido nesse mo-

mento crucial da vida é um castigo cujas marcas podem ser mitigadas, mas nunca serão esquecidas. Por essa razão — e, principalmente, por ser um problema que pode ser prevenido, atenuado e até evitado pelas escolas — o bullying merece uma atenção especial de diretores, professores, familiares e de toda a comunidade escolar.

Sim, o fenômeno tem raízes imemoriais. Desde que o mundo é mundo, os seres humanos diferentes são alvo de troças e covardias. Mas, no atual estágio da civilização, tornam-se inaceitáveis as desculpas clássicas para não fazer nada contra a tortura psicológica e física de crianças e adolescentes que se destacam da média por algum defeito — gagueira, uso de óculos com lentes “fundo de garrafa”, dificuldade de locomoção, obesidade mórbida ou magreza

O tamanho do problema

Fonte: Estudo Bullying Escolar no Brasil, de 2010, conduzido pela ONG Plan

Um levantamento com estudantes do ensino fundamental em escolas públicas e privadas dá a dimensão do bullying no Brasil...

10%

declaram ter sido alvo de bullying no ano da pesquisa

17%

já foram perseguidos pelos colegas na internet

20%

presenciam atos de violência com frequência



excessiva — ou até pelo desempenho acadêmico estelar, que também pode servir para atizar a inveja e a vingança dos medíocres. Um levantamento de abrangência nacional mostra claramente que o bullying não se limita a casos isolados. De acordo com dados compilados pela ONG Plan, presente em 66 países, um de cada três estudantes brasileiros de ensino fundamental revela ser ou ter sido alvo de “maus-tratos” por parte de colegas dentro da escola. Pela persistência das agressões, um de cada dez casos configura o bullying. Para desespero das vítimas, muito frequentemente as ameaças e intimidações são alimentadas via internet, tornando-as um tormento sem fim. Os números são expressivos — e ainda estão subestimados. Coordenadora do estudo, a educadora Cleo Fante chama atenção

para um segundo aspecto: “O problema é maior do que as estatísticas fazem supor, já que a maioria das vítimas tem medo e vergonha de se identificar”.

Parte do grupo que ilustra as páginas desta reportagem preferiu não mostrar o rosto nem dar o nome. Alguns são ainda hoje vítimas de bullying. Para a maioria, a experiência detonou a autoestima e a capacidade de travar relacionamentos saudáveis. Algo que eles foram recuperando à custa de ajuda psicológica — e tempo. As más lembranças, no entanto, sempre afloram, em menor ou maior grau. “Até hoje, quando escuto um grupo dando risada do meu lado, meu coração dispara e me lembro do horror que eram os tempos de colégio”, conta o administrador de empresas C.J., 28 anos, que por quase uma década foi alvo de humilhações em três escolas

“Nunca vou ficar 100% curado”

Por quase uma década, o administrador de empresas **C.J.**, 28 anos, tinha medo até de atender o telefone de casa. Os trotes dos colegas de classe eram um tormento. Ele se tornou alvo constante de humilhações e ameaças simplesmente porque tirava notas altas e os estudantes o achavam “bonzinho demais”. De uma cidade no litoral paulista, mudou de colégio duas vezes, mas sua fama migrava com ele. Ao esbarrar com alguém que sabia de seu histórico, o roteiro do bullying se repetia. Várias vezes, ele fingia estar doente para não ir à escola. Chegou até a desistir de participar da viagem de formatura do colégio por medo. “Disseram que, se eu fosse, a experiência seria um inferno”, rememora. Apesar de hoje levar uma vida normal, o administrador ainda guarda as sequelas. “Quando vejo um grupo rindo do meu lado, acho que é comigo”, ele diz.



...e mostra que
as instituições
de ensino
pouco fazem
em relação ao
assunto



Especial

O papel dos pais

Um grupo de especialistas ouvido por VEJA chama atenção para os sinais que ajudam a identificar as vítimas de bullying – e ensina aos pais passos básicos para lidar com o problema

Sinais típicos

- Resistência a ir à escola
- Dor de cabeça, febre e até taquicardia momentos antes de sair de casa
- Perda de apetite e insônia
- Tendência ao isolamento
- Crises de choro na volta do colégio
- Queda no desempenho escolar

O que fazer

- Estimular o assunto em casa. Na maioria das vezes, as vítimas têm vergonha e medo de falar à família sobre o bullying
- Comunicar o problema à escola, que deve tratar o caso com rigor e ser cobrada por isso
- Não incentivar a criança a revidar. Isso só vai provocar ansiedade e pressão em alguém que, nessas circunstâncias, tem extrema dificuldade de se impor
- Orientá-la a procurar um adulto na escola no momento em que sofrer a agressão
- Nos casos mais graves, em que os estragos na vida da criança são expressivos, recomenda-se buscar amparo psicológico

particulares numa cidade do litoral paulista. Era só mudar de colégio para esbarrar com alguém que já conhecia sua fama de “certinho da turma”, e o bullying recomeçava. Ele reconhece, com um discurso típico dos que já enfrentaram a situação: “Acho que nunca vou estar 100% curado”.

Conflitos entre crianças e adolescentes não apenas são comuns como esperados. Trata-se de uma fase de inseguranças, em que a identidade está sendo formada e a necessidade de autoafirmação se impõe. É justamente nesse ambiente que o bullying prolifera. “Hu-



JEFFERSON BERNARDES/PREVIEW.COM

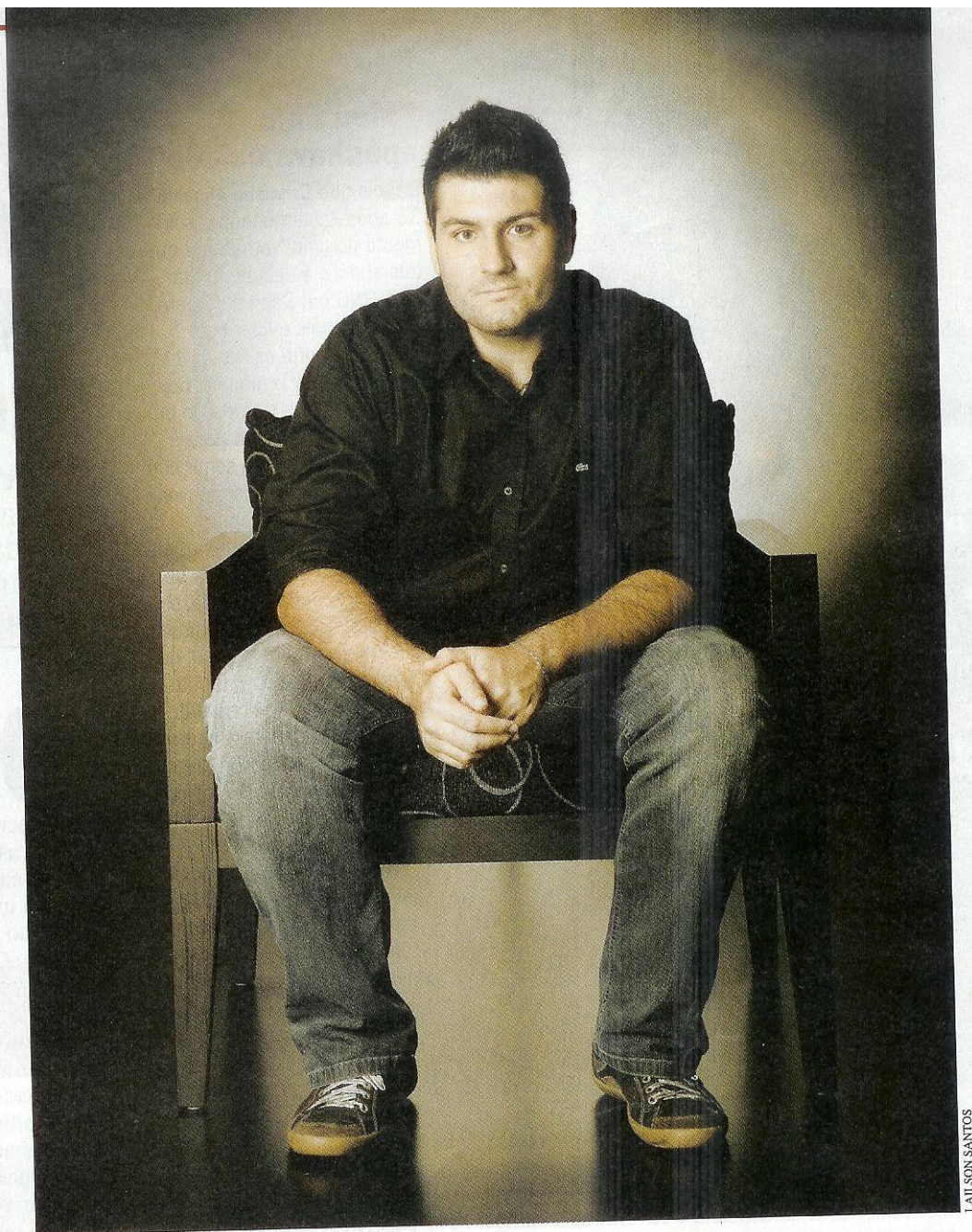
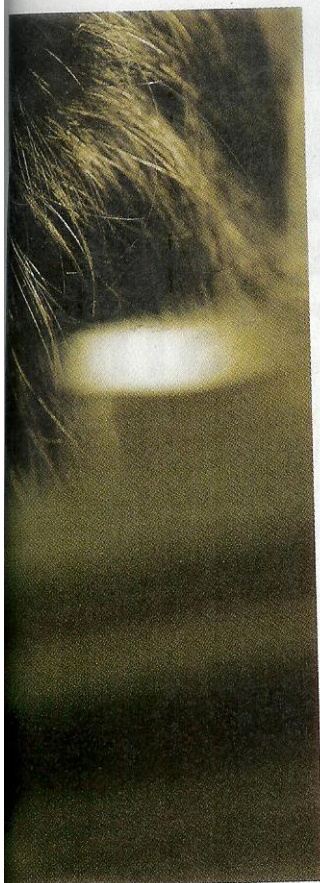
O pesadelo começou na internet

Há mais de um ano, o gaúcho **M.T.**, 14 anos, tornou-se alvo de ofensas anônimas em redes sociais. Dois meses depois, as humilhações deixaram o ambiente virtual. Numa festa, o garoto apanhou de um colega mais velho diante de toda a turma. O próprio agressor identificou-se como o autor dos xingamentos on-line. “Passei a ser perseguido por todo o grupo dele. Até os meus amigos estão com medo de andar comigo”, conta. Procurada pelos pais, a direção do colégio particular onde ele estuda, em Porto Alegre, só deu atenção ao caso quando soube que estava prestes a parar na polícia. A única providência foi reunir agressor e vítima para que selassem as pazes. M.T. continua sendo agredido, e a escola limitou-se a sugerir que os pais contratassem um segurança particular.

milhar os outros era uma forma de ganhar poder no grupo”, diz o publicitário T.S., 25 anos, que conta ter passado todo o período como estudante de colégios particulares de São Paulo no papel de agressor. No lado das vítimas, há um grupo heterogêneo, que sempre destoa da maioria por alguma peculiaridade. Figuram entre os alvos preferenciais alunos novatos, os melhores da turma, os excessivamente tímidos e também aqueles cujos traços físicos fogem do padrão. Nathan Ferreira de Almeida, 13 anos, chamou atenção por ser calado, franzino e ter um excelente boletim.

Chegava à escola e ouvia “frouxo”, “chorão”. Dois anos atrás, depois de uma surra da qual ele saiu repleto de hematomas, os pais decidiram mudar o menino de escola. Agora ele está bem. “Não quero que o filho de ninguém sofra o mesmo que o meu”, diz a mãe, Cristiane Almeida, 33 anos, hoje à frente de uma ONG anti-bullying.

Cerca de 80% das escolas brasileiras não punem valentões agressores. “Elas ainda não entenderam sua responsabilidade na repressão ao bullying”, diz a consultora pedagógica Valeria Rezende da Silva. A experiência internacional si-



LAILSON SANTOS

naliza que iniciativas bem simples e aplicadas de forma enérgica no colégio têm impacto decisivo. Alguns bons e isolados exemplos surgem no Brasil. “Quebramos o silêncio ao trazer os pais à escola para falar sobre o assunto e reunir os agressores, as vítimas e os alunos que testemunham a violência para produzir, juntos, uma cartilha anti-bullying”, conta Tânia Maselli, coordenadora da escola municipal carioca Fernando Tude de Souza, referência na área. A mudança de cultura é o primeiro passo. O segundo pressupõe punição aos agressores por parte da escola. “Não existe combate efetivo ao bullying sem regras nem fiscalização”, conclui a especialista americana Dorothy Espelage.

Falta ao Brasil uma lei federal destinada a castigar os autores desse crime. Quando chegam à Justiça, os casos são enquadrados em infrações previstas no Código Penal, como injúria, difamação e

Terapia para superar o trauma

A infância do designer **Guilherme Ghilardi**, 25 anos, foi marcada pela angústia de chegar à escola e ser vítima de todo tipo de brincadeira de mau gosto. Gorducho, ele era chamado de “mamute”. Na sala de aula, entortavam o ferro de sua cadeira para que ela quebrasse quando ele se sentasse, como se seu peso fosse o causador do estrago. Lançavam restos de comida, cadernos e mochilas nele. “Era a classe inteira contra mim. Contava os minutos para chegar em casa e ficar longe daquele lugar”, diz Guilherme, revolvendo as memórias. “Não há nada mais solitário que o bullying.” Um dia, o designer, que na época não falava aos pais nem à escola sobre o que se passava, decidiu fazer dieta e um intercâmbio na Inglaterra. “Fiz terapia e tive forças para me refazer, mas preferiria não ter de guardar esse tipo de lembrança.”

Especial



“Meu filho apanhava calado”

Depois que **Cristiane Almeida**, 33 anos, testemunhou o sofrimento do filho Nathan por quase três anos, ela decidiu fundar uma ONG em São Paulo para ajudar os pais a lidar com o bullying. Entre os 9 e os 11 anos de idade, o menino, hoje com 13, não se recorda de um dia em que tenha ido para a escola sem suar frio, sentir náuseas e ser tomado pelo pavor. Tímido, franzino, sempre à margem do grupo, ele havia se tornado alvo de agressões dos colegas. “Apanhava calado, com vergonha. Tinha medo de falar e sofrer mais”, conta Nathan, que preferiu não aparecer na foto. A turma pedia que ficasse de quatro e o fazia imitar um cavalo. Quanto mais suplicava para que parassem, mais ele ouvia “frouxo”, “chorão”. Certa vez, recebeu uma surra que provocou diversos ferimentos pelo corpo. A mãe buscou ajuda no colégio — em vão. Ela percorreu inúmeras instâncias administrativas até conseguir afastar a diretora. Hoje, Nathan está em outra escola e arranhou amigos. “Luto para que ninguém tenha um filho que sofra o mesmo que o meu”, diz.

O RETRATO DA MENTE DE UM MONSTRO

Um conjunto de imagens deixadas pelo autor do massacre de Realengo mostra como o bullying o traumatizou

SANDRA BRASIL

O conjunto de cartas e imagens encontrado na casa onde vivia Wellington Menezes de Oliveira, autor do bárbaro massacre que ceifou a vida de doze crianças de uma escola em Realengo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, suscitava uma questão central: com citações ao *Corão*, aos ataques do World Trade Center e a enigmáticos “irmãos”, teria ele agido como braço de alguma organização extremista islâmica ou mesmo de um bando terrorista? Embora a divisão antiterror da Polícia Federal não visse nenhum elo de Wellington com tais grupos, cinco vídeos achados também em sua casa, na semana passada, trataram de elucidar de vez a questão. Em mais uma faceta revelada de sua mente doentia, o matador deixa claro que os irmãos a quem se referia eram todos vítimas de bullying, como ele. Na véspera do crime, já com a longa barba que deixara crescer raspada, para não chamar atenção quando chegasse à escola, ele diz: “Eu fui fraco, fui medroso, mas me tornei um combatente, uma pessoa forte, corajosa, que tem como objetivo a defesa dos irmãos fracos que ainda se encontram incapazes de se defender”. Também parabeniza o “irmão” Casey Heynes, um australiano de 15 anos que reagiu violentamente contra um colega que o submetia a constantes humilhações.

lesão corporal. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) pode ser acionado, mas, na prática, é pouco eficaz. “Os juízes das varas da Infância e Juventude muitas vezes não dão prioridade aos casos de bullying por julgá-los de menor gravidade”, diz o advogado Marcel Leonardi, professor da Fundação Getúlio Vargas. O desfecho da história da estudante Julia Affonso, 15 anos, é exceção. Vítima de bullying oito anos atrás, ela conseguiu na Justiça do Rio que a escola particular na qual estudava lhe pagasse indenização no valor de 35000 reais. “Nada vai fazer apagar da minha cabeça lembranças tão dolorosas”, diz ela.

Criador no início da década de 70 do termo bullying (que se origina do inglês bully, “valentão”), o sueco Dan Olweus constatou uma relação direta entre as

agressões e o aumento de transtornos psicológicos nos estudantes — mas não necessariamente na produção de assassinatos. “No caso de Wellington, provavelmente as humilhações funcionaram como gatilho de um gravíssimo distúrbio psiquiátrico”, diz Gustavo Teixeira, psiquiatra e autor do recém-lançado *Manual Antibullying*. Sem o bullying, a brasa assassina enterrada na mente transtornada de Wellington teria encontrado outros gatilhos? Certamente, sim. Mas coibir as agressões aos mais frágeis na idade mais vulnerável deveria já ser um objetivo de toda boa escola — mesmo que o massacre de Realengo nunca tivesse ocorrido.

COM REPORTAGEM DE ALEXANDRE SALVADOR, IGOR PAULIN, HELENA BORGES, MALU GASPAR E VINÍCIUS SEGALLA

ANEXO G

Deputados aprovam projeto de combate ao bullying no Piauí. Jornal Meio Norte, Teresina-PI, ano 16, n. 6795, p.A4, 02.mar.2011.

meio norte
A 4

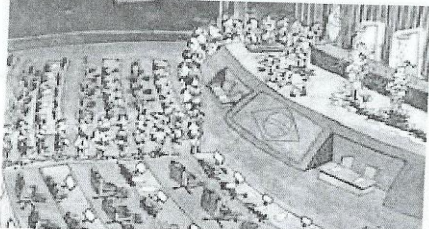
Política & Justiça

Quarta-feira
TERESINA, 2 de março de 2011

OPINIÃO

REFORMA PRA VALER

● A Assembleia Legislativa do Piauí instala hoje comissão de acompanhamento da Reforma Política. Os trabalhos serão comandados pela deputada Margarete Coelho. A parlamentar, que também é especialista em legislação eleitoral, preparou um planejamento para as primeiras discussões sobre o assunto no Estado. "Precisamos discutir o quanto antes os pontos propostos para serem significativos e, se aprovados, serão aplicados a partir do próximo ano. Não podemos nos abster disso", esclareceu Margarete Coelho. Ontem, foi realizada a primeira reunião da comissão no Senado com a presença do piauiense Wellington Dias. O presidente José Sarney anunciou que os trabalhos serão realizados em parceria com a Câmara. E assim se vê mais uma vez uma mobilização nacional sobre o tema, que é recorrente, mas parece ter alcançado um nível insustentável de instabilidade, provocando a almejada reação entre os parlamentares, com a importante contribuição dos legisladores do Piauí.



DA REDAÇÃO

ABANDONO

● O vereador Rodrigo Martins solicitou ontem que a nova gestão do prefeito Elmano Ferrer de mais atenção à zona rural de Teresina. Ele revelou que a Prefeitura aplicou no ano passado apenas 0,67% dos investimentos na zona rural. De R\$ 1,2 bilhão foram repassados pouco mais de R\$ 8 milhões para a SDR.

IMPORTAÇÃO

● O deputado Luciano Nunes viajou ontem para Fortaleza para conhecer a Universidade do Parlamento Cearense, instituição mantida pela Assembleia Legislativa do Ceará. Após a visita, o parlamentar, que é presidente da Escola do Legislativo Professor Wilson Brandão, irá estudar a possibilidade de realizar a experiência semelhante na Assembleia Legislativa do Piauí.

LIADOS

A Comissão de Constituição e Justiça aprovou ontem a concessão de título de cidadão piauiense a vice-presidente Michel Ferner e o ministro da Saúde, Alexandre Lora. Os dois foram figuras prementes na decisão do ano passado ambos vitoriosos têm as relações estreitadas com o Piauí.

COMENAGEM

A deputada Iracema Portella participou da sessão solene em homenagem ao Dia Internacional da Mulher na Câmara. Dentre as homenageadas, Iracema fez questão de cumprimentar especialmente a uenista Maria Jose Silva, que se dedica com trabalhos comunitários de coleta seletiva e reciclagem de lixo, em comunidades carentes da cidade do Rio de Janeiro.

BOA ATITUDE

● O senador Wellington Dias comemora aniversário no próximo sábado, dia 05, e pediu de presente aos amigos convidados material de expediente para a Fazenda da Paz. A atitude mostra o compromisso incessante do petista com o trabalho da comunidade terapêutica que recupera usuários de drogas no Piauí. Um exemplo a ser seguido no Estado.

BOA ATITUDE

● O senador Wellington Dias comemora aniversário no próximo sábado, dia 05, e pediu de presente aos amigos convidados material de expediente para a Fazenda da Paz. A atitude mostra o compromisso incessante do petista com o trabalho da comunidade terapêutica que recupera usuários de drogas no Piauí. Um exemplo a ser seguido no Estado.

BOA ATITUDE

● O senador Wellington Dias comemora aniversário no próximo sábado, dia 05, e pediu de presente aos amigos convidados material de expediente para a Fazenda da Paz. A atitude mostra o compromisso incessante do petista com o trabalho da comunidade terapêutica que recupera usuários de drogas no Piauí. Um exemplo a ser seguido no Estado.

BOA ATITUDE

● O senador Wellington Dias comemora aniversário no próximo sábado, dia 05, e pediu de presente aos amigos convidados material de expediente para a Fazenda da Paz. A atitude mostra o compromisso incessante do petista com o trabalho da comunidade terapêutica que recupera usuários de drogas no Piauí. Um exemplo a ser seguido no Estado.

BOA ATITUDE

● O senador Wellington Dias comemora aniversário no próximo sábado, dia 05, e pediu de presente aos amigos convidados material de expediente para a Fazenda da Paz. A atitude mostra o compromisso incessante do petista com o trabalho da comunidade terapêutica que recupera usuários de drogas no Piauí. Um exemplo a ser seguido no Estado.

BOA ATITUDE

● O senador Wellington Dias comemora aniversário no próximo sábado, dia 05, e pediu de presente aos amigos convidados material de expediente para a Fazenda da Paz. A atitude mostra o compromisso incessante do petista com o trabalho da comunidade terapêutica que recupera usuários de drogas no Piauí. Um exemplo a ser seguido no Estado.



CABO ELEITORAL

● O suplente de deputado federal Elizeu Aguiar será o novo presidente do PTB de Teresina. Ele assumirá com a missão de viabilizar a candidatura à reeleição do prefeito Elmano Ferrer. Elizeu multiplicou sua base eleitoral na capital, tendo votação expressiva para vereador e deputado federal e não disputará a eleição no próximo ano, canalizando toda a articulação para Elmano Ferrer.

INDO ALÉM

● O secretário estadual de Segurança, Robert Rios, estranha a demora na tomada de uma posição pelo Tribunal de Justiça do Piauí diante da ação impetrada pela suplente Milane Patrícia para assumir a cadeira comunista na Assembleia Legislativa. O caso da ação impetrada por Cabelouro para tomar o mandato de Marcelo Coelho, a decisão saiu em pouca e promete acionar o Supremo Tribunal Federal.

MISSÃO

● O deputado estadual João de Deus retorna ao cargo com uma missão espinhosa pela frente, convencer os professores a retornarem imediatamente às salas de aula no Estado. Inclusive, há quem diga que tal missão terá êxito apenas se for conduzida por um petista, de preferência conhecedor do estilo dos comandantes do Sinte.

MISSÃO

● O deputado estadual João de Deus retorna ao cargo com uma missão espinhosa pela frente, convencer os professores a retornarem imediatamente às salas de aula no Estado. Inclusive, há quem diga que tal missão terá êxito apenas se for conduzida por um petista, de preferência conhecedor do estilo dos comandantes do Sinte.

MISSÃO

● O plenário da Assembleia Legislativa aprovou ontem requerimento dos deputados Fábio Novo e Kleber Eulálio solicitando urgência na tramitação do projeto de lei que dispõe sobre a alienação de terras em favor do Instituto Chico Mendes, responsável pelo gerenciamento do Parque Nacional Serra das Confusões. A aprovação do projeto vai permitir a liberação de R\$ 80 milhões para o Estado, através do Ministério do Meio Ambiente.

BOA ATITUDE

● O senador Wellington Dias comemora aniversário no próximo sábado, dia 05, e pediu de presente aos amigos convidados material de expediente para a Fazenda da Paz. A atitude mostra o compromisso incessante do petista com o trabalho da comunidade terapêutica que recupera usuários de drogas no Piauí. Um exemplo a ser seguido no Estado.

BOA ATITUDE

● O senador Wellington Dias comemora aniversário no próximo sábado, dia 05, e pediu de presente aos amigos convidados material de expediente para a Fazenda da Paz. A atitude mostra o compromisso incessante do petista com o trabalho da comunidade terapêutica que recupera usuários de drogas no Piauí. Um exemplo a ser seguido no Estado.

BOA ATITUDE

● O senador Wellington Dias comemora aniversário no próximo sábado, dia 05, e pediu de presente aos amigos convidados material de expediente para a Fazenda da Paz. A atitude mostra o compromisso incessante do petista com o trabalho da comunidade terapêutica que recupera usuários de drogas no Piauí. Um exemplo a ser seguido no Estado.

BOA ATITUDE

● O senador Wellington Dias comemora aniversário no próximo sábado, dia 05, e pediu de presente aos amigos convidados material de expediente para a Fazenda da Paz. A atitude mostra o compromisso incessante do petista com o trabalho da comunidade terapêutica que recupera usuários de drogas no Piauí. Um exemplo a ser seguido no Estado.

BOA ATITUDE

● O senador Wellington Dias comemora aniversário no próximo sábado, dia 05, e pediu de presente aos amigos convidados material de expediente para a Fazenda da Paz. A atitude mostra o compromisso incessante do petista com o trabalho da comunidade terapêutica que recupera usuários de drogas no Piauí. Um exemplo a ser seguido no Estado.

Posse

Segundo suplente petista assumiu ontem vaga de deputado estadual durante sessão prestigiada por correligionários e cabos eleitorais no plenário da Assembleia Legislativa

João de Deus retorna para Assembleia e será vice-líder do Governo

ANANIAS RIBEIRO E SAVIA BARRETO DE POLÍTICA E JUSTIÇA

● A novela sobre a permanência na Assembleia Legislativa do Piauí (Alep) ou o retorno para a Secretaria Estadual de Assistência Social (Sasc) do deputado estadual João de Deus (PT) teve ontem mais um capítulo. João de Deus tornou posse do mandato de parlamentar como segundo suplente do Partido dos Trabalhadores. O petista irá assumir a função de vice-líder do governador Wilson Martins (PSB) no Legislativo. Ele destacou como uma das primeiras causas de atuação a intermediação da greve dos professores da rede estadual, que já dura três semanas. O deputado é professor do Estado, formado em Química pela Universidade Federal do Piauí, e prometeu que irá reunir a bancada do PT para negociar com os professores. "Nosso primeiro objetivo no mandato é chegar a um acordo que possa acabar com a paralisação nas escolas do Estado. Os professores têm sido ameaçados há 30 anos e nem por isso deixaram de fazer greve. O que precisamos é sentar e discutir com a categoria uma solução para superar o problema", frisou. João de Deus retornou ao plenário depois do pedido de afastamento do deputado estadual petista Meliong Somo-



JOÃO DE DEUS | Suplente faz juramento durante posse na Alepi

Vaga

Ex-secretário da Sasc tomou posse do mandato de parlamentar como segundo suplente do Partido dos Trabalhadores

mos é sentar e discutir com a categoria uma solução para superar o problema", frisou. João de Deus retornou ao plenário depois do pedido de afastamento do deputado estadual petista Meliong So-

lano para assumir o cargo de secretário das Cidades. Na Sasc, a secretaria executiva, Janaina Mapurunga, assumiu a pasta internamente. Francisco Guedes, ex-diretor do Emater, foi indicado para ocupar a Secretaria após uma reunião realizada na semana passada com a cúpula do PT. Apesar do pedido do governador de uma lista tripartite, o PT manteve a indicação de Guedes. Wilson já destacou que não tem pressa para definir a vaga deixada por João de Deus na Sasc.

Escolas

Deputados aprovam projeto de combate ao bullying no Piauí

● O combate à violência física e psicológica praticada sem motivação, ou seja, o bullying será política oficial do Estado. Foi aprovado ontem na Comissão de Constituição e Justiça da Assembleia Legislativa do Piauí (Alep) o projeto de lei da deputada estadual e atual secretária de Saúde, Lilian Martins (PSB), com o objetivo de combater a prática de bullying nas escolas de Ensino Médio e Fundamental do Piauí. Segundo as justificativas de Lilian para a pro-

posição do projeto, o Piauí é hoje o 10º lugar no ranking de agressão que caracteriza o bullying. O relator do projeto, o deputado Gustavo Nova (PSB), apresentou parecer favorável à matéria. "O projeto de Lei contribuirá para reduzir essa violência e, consequentemente, melhorar o desempenho dos estudantes e reduzir a evasão escolar", afirmou Nova.

A CCJ aprovou ainda parecer favorável da deputada Margarete Coelho (PP) a Projeto de Lei do Poder Judiciário

que reduz a diferença entre as remunerações dos juizes estaduais e a dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF).

O deputado Edison Porteira (DEM), que havia pedido vistas da matéria, votou a favor do parecer, afirmando que o Tribunal de Justiça tem autonomia para definir a remuneração de seus membros, além de dispor de recursos orçamentários para pagar o aumento que ocorre na remuneração dos juizes. (S.B.)

Em abril

Piauí receberá R\$ 48 milhões em depósitos judiciais da União

● O Piauí deve receber no próximo mês mais de R\$ 48 milhões em depósitos judiciais da União. A informação é do deputado federal Julio César (DEM). "Esse montante deve sair em abril. Para o Estado serão R\$ 30 milhões, e para os municípios serão de R\$ 18 milhões a R\$ 20 milhões", explicou Julio. Os valores são relativos ao Imposto de Renda e Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), que integram a base de cálculos para o Fundo de Participação dos Estados e Municípios.



JULIO CÉSAR | Estado receberá R\$ 30 mi e municípios R\$ 18 mi

O democrata também enviou na semana passada um questionário ao ministro da Fazenda, Guido Mantega, sobre a arrecadação do Governo Federal nos últimos quatro anos. O parlamentar pediu informações sobre o total arrecadado referente à Lei nº 11.941/09, quanto já foi arrecadado de forma definitiva, quanto por estimativa, e discriminadamente em ambos os casos, quanto coube ao Imposto de Renda e ao IPI.

"Fiz um requerimento de informações ao ministro da Fazenda sobre todos os depósitos judiciais e recursos do Renda arrecadados nos últimos quatro anos. O que foi classificado por estimativa, peço que se faça a classificação real e transfira o que for do Estado e do município através dos seus respectivos Fundos", explicou Julio César.

Com os constantes quedas do Fundo de Participação do Município e do Estado (FPM e FPE), causadas pelas desacelerações econômicas instituídas para combater os impactos da crise econômica mundial, o democrata destaca que os recursos darão um fôlego nas finanças das Prefeituras que estão em dificuldade financeira. (S.B.)

Diga lá
LEI ACORDA COM A COLUNA
leao@meionorte.com

COMENTE ESTA COLUNA EM WWW.MEIONORTE.COM/OPINIAO